ANTONIO RIUS FACIUS

EXCOMUNGADO!

Trajetória e pensamento do Pe. Dr. Joaquín Sáenz y Arriaga

Prefácio Mateus Larsan

Editora Restauração

CONTEÚDO

ITE INFLAMMATE OMNIA

Um Jesuíta Mexicano

Padre Saenz Arriaga, o primeiro "Catolibã"[1]

"***Monseigneur, nous ne voulons pas de cette paix***"[2]

Monsenhor Guérard des Lauriers contra os acordos de Dom Marcel Lefebvre, em 1979

"*A verdade é como um leão; você não precisa defendê-la. Liberte-a, e ela se defenderá a si mesma.*" Santo Agostinho.

Se te perguntassem quais seriam as chances de que um jesuíta maldosamente internado por seus superiores liberais, excomungado por um cardeal, que morreu pobre e rodeado de poucos amigos pudesse ter todas as suas obras reeditadas 50 anos após a sua morte?

Convidamos os leitores que conheçam a vida do Reverendo Padre Joaquín Saenz y Arriaga. Um incansável sacerdote que

[1]Catolibã: Termo surgido no contexto da guerra civil sedevacantista de 2023. Católico + Talibã, significando o radicalismo pela fé.

[2]Monsenhor, nós não queremos essa paz.

desde muito antes da Revolução Conciliar empreendia a sua luta contra-revolucionária, inspirando a chama do catolicismo nos corações da juventude mexicana e sendo uma imparável pedra no sapato dos liberais e modernistas de seu tempo (e do nosso!).

Doutor Catedrático pela Faculdade Gregoriana de Roma *(do tempo em que esse título ainda valia alguma coisa)*, escritor, jornalista, contra-revolucionário, ativista, e um dos principais autores do Magistral "Complô Contra a Igreja" e, acima de tudo, um exemplo de sacerdote da Igreja Católica. Modelo de vida, não somente enquanto padre, mas de santificação por meio do combate católico. Não somente um padre, mas um soldado santo com a sua pena e escrita.

"*Não é o servo maior do que o senhor. Se eles me perseguiram a mim, também vos hão-de perseguir a vós; se guardaram a minha palavra, também hão-de guardar a vossa.*" São João XV, 20.

Padre Saenz y Arriaga foi expulso da Igreja em que cresceu, simplesmente por ter mantido a fé intacta que desde criança aprendeu. No ano de 1972, enquanto o movimento tradicional ainda engatinhava e procurava o seu norte, Padre Arriaga recebeu a glória da Excomunhão pelos inimigos da fé. Muito antes de Dom Thuc, Dom Lefebvre e Dom Mayer, Don[3] Joaquín Saenz y Arriaga já não pertencia mais a seita conciliar que se apoderou das estruturas católicas.

Mais douto do que quase todos os tradicionalistas da década de 60, Padre Arriaga sofria de uma desvantagem: Não era rico, e nem europeu. Enquanto o Velho Continente ainda se debatia com artigos especulativos[4], Padre Arriaga erguia um monumento intelectual do outro lado do Atlântico. La Nueva Iglesia Montiniana (1971) Cisma ó fe?: Por qué me excomulgaron? (1972) Sede Vacante: Paulo VI no es Papa legítimo! (1973)[5] são os livros de sua autoria que já traziam a luz da doutrina sobre as trevas revolucionárias.

---

[3] Título que não deve ser confundido com o de bispo.

[4] A exemplo de Arnaldo Xavier Vidigal da Silveira, confira: https://web.archive.org/web/20220910184311/https://truerestoration.org/history-of-the-traditional-catholic-movement-is-sedevacantism-something-recent/

[5] Livros: A Nova Igreja Montiniana; Cisma ou Fé? Por que me excomungaram?; Sedevacante: Paulo VI não é papa Legítimo.

Radical: adjetivo relativo à raiz, origem ou ao fundamento; fundamental, básico, essencial. Etimologia: Do latim, radix.

A Obra do Padre Saenz y Arriaga é a semente contra revolucionária, e graças ao bom Deus, é uma semente que não conhece fronteiras, que é de Domínio Público dos membros da Igreja Católica, Clérigos e Leigos. Padre Arriaga nos legou a semente, e cabe a nossa geração de católicos radicais e intransigentes cultivá-la. Se a sua obra outrora não teve o reconhecimento que mereceu, nós estamos aqui para dar a honra e o prestígio que ela merece.

"Servo mau e preguiçoso! Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o pouco que tem lhe será tirado. E a esse servo inútil lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes." São Mateus XXV, 26-30.

Que com essas palavras do Santo Evangelho sejamos gratos a Deus pelo legado do Padre Joaquín Saenz y Arriaga e façamos melhor com esta santa semente que recebemos do que aqueles que, conhecendo, a rejeitaram. Que como o Padre Saenz y Arriaga sejamos árduos militantes da pureza doutrinal e inabaláveis mártires das injustas perseguições que padecemos por nossa fé. Que tomemos a Cristiada como a Nova Covadonga e que sejamos nós os sucessores desta Nova Reconquista de nossos tempos. Que a vida do Padre Saenz nos inspire o fogo da santidade combativa e que como ele possam ser estas as nossas últimas palavras:

"Que o último suspiro da minha alma seja o dos nossos mártires mexicanos: Viva Cristo Rei, Viva a Virgem de Guadalupe!"

"Nós não mudamos de Religião, nós somos os que sobraram."
†Dom Daniel Dolan

Mateus Larsan, S.C.R.E. – Lider da Ação Restauracionista
Domingo da Ressureição de Nosso Senhor, 31/03/2024

AVE MARIA INVIOLATA

Respondo de boa vontade ao amável convite que os discípulos e amigos do querido padre Joaquín Sáenz Arriaga me dirigiram. Também devo pagar uma dívida de reconhecimento para com um precursor dotado de perspicácia que foi um grande confessor da Santíssima Fé.

Encontrei novamente o padre Sáenz em Roma durante os anos 1970–1972, nas reuniões internacionais que inspiravam o desejo comum e veemente de "salvar" a MISSA. Recordo-me do olhar ardente e das veementes falas com as quais o padre Sáenz queria compartilhar seu fervor e comunicar suas convicções.

Meus contatos com o padre Sáenz foram, no entanto, bastante escassos. Outros expressarão melhor do que eu o que apenas consegui vislumbrar.

No entanto, há um ponto sobre o qual devo insistir, pois está envolto na escura certeza do Mistério da Fé.

O padre Sáenz era considerado, entre os seguidores da Tradição, um "extremista". Desde a primeira hora, destacava-se entre os participantes dessas reuniões que resistiam por instinto à "autoridade" e estavam conscientes do dever de resistir. O padre Sáenz e o professor Reinhard Lauth foram, que eu me lembre, os primeiros e, portanto, os únicos a levantar a questão de se a "autoridade" ainda era a Autoridade. Neste assunto, o padre Sáenz (e também, igualmente, o Dr. Lauth)

respondeu NÃO. Assim, à semelhança de Jesus que clamava pela Verdade, o padre Sáenz clamou esse NÃO! Isso lhe valeu a honra da excomunhão.

Desconheço quais foram os sentimentos que essa severa "sanção" despertou nele. Do que tenho certeza é, antes de tudo, do dogma da comunhão dos Santos. Também tenho certeza de que o padre Sáenz, que se tornou, esperamos, um santo, obteve e continua a obter a luz e a força para que seus irmãos de combate, que aspiram ver a Deus, mas a quem Deus ordena permanecer na terra, sejam contados no número dos eleitos.

Defuntus adhue loguitur (os mortos ainda falam).

Unamo-nos em comunhão com o padre Sáenz e, por sua intercessão, sejamos dóceis ao Espírito e testemunhas da Verdade.

M. L. G. DES LAURIERS, O. P.[6]
En la fiesta de la Inmaculada Concepción
Sábado 8 de diciembre 1979

[6] O R. P. Guérard des Lauriers, O. P. consagrou a sua vida ao serviço da Verdade na profundidade e inteligibilidade da Fé, segundo a mais pura tradição da Ordem dos Pregadores.

Ex-aluno da Escola Normal Superior, doutorou-se em matemática quando já era religioso.

Por muito tempo foi professor de Teologia em Saulchoir, no Escolasticado Dominicano na França, e mais tarde na Pontifícia Universidade Lateranense de Roma.

Ele possui o grau excepcional de *Mestre* Laureado em *Teologia Sagrada*.

Je réponds bien volontiers à l'aimable invitation que m'adressent les disciples et amis du cher Père Joaquín Sáenz y Arriaga. Je dois d'ailleurs m'acquitter d'un devoir de reconnaissance à l'égard d'un clairvoyant précurseur, qui fut un grand témoin de la très sainte Foi.

J'ai rencontré le Père Sáenz à Rome, au cours des années 1970-1972, dans les réunions internationales qu'inspirait le commun et véhément désir de "sauver" la MESSE. Je revois, et je revois, en les évoquant, le regard ardent et le véhément accent par lequel le Père Sáenz aimait à partager son zèle et à communiquer ses convictions.

Les contacts que j'ai eu avec le Père Sáenz furent cependant trop rares. D'autres exprimeront mieux que moi ce qu'à cet égard je n'ai fait qu'~~entrevoir~~ entrevoir.

Mais il est un point sur lequel je dois insister, bien qu'il demeure enveloppé d'obscure certitude dans le Mystère de la Foi.

Le Père Sáenz était alors tenu, dans les milieux fidèles à la Tradition, pour un "extrémiste". Car, s'il allait de soi que les participants à ces réunions de la première heure résistassent d'instinct à l'"autorité", et d'ailleurs eussent conscience de devoir résister, le Père Sáenz et le Professeur Reinhard Lauth furent alors, autant que je me souvienne, les premiers et alors les seuls à poser la question de savoir si l'"autorité" était encore l'Autorité. A cette question, le Père Sáenz [et d'ailleurs également le Docteur Lauth], répondit NON. Et même, à l'exemple de Jésus qui clamait la Vérité, le Père Sáenz clama ce NON! Cela lui valut l'honneur de l'excommunication.

J'ignore quels furent les sentiments qu'éveilla en lui cette pseudo-"sanction". Ce que je tiens pour certain, c'est d'abord le dogme de la communion des saints. C'est également que le Père Sáenz, devenu nous l'espérons un "voyant", a obtenu et continue d'obtenir la lumière et la force, pour ses frères de combat qui aspirent à voir, mais à qui Dieu demande de demeurer sur terre et d'y être des croyants.

Defunctus adhuc loquitur.

Puissions nous, en communion avec le Père Sáenz et par son intercession, être dociles à l'Esprit, et témoins de la Vérité.

En la fête de l'Immaculée Conception
Samedi 8 décembre 1979

M. L. G. des Lauriers op.

Carta Original de M. L. G. DES LAURIES, O. P.

CAPÍTULO 1

ORIGENS DO NEO-MODERNISMO

A crise pela qual a Igreja pós-conciliar atravessa tem múltiplas facetas que foram expostas de diversas formas por inúmeros escritores eclesiásticos e leigos, tornando mais confuso o entendimento de suas origens e seu real significado. Atualmente, algo semelhante ocorre ao que aconteceu há quatro séculos, quando se consumou o cisma da Reforma, ao qual o cisma atual está relacionado, com o agravante de que não é a Sede Apostólica que, como naquela época, pôde permanecer incontaminada de todo erro doutrinário, mas, dando uma reviravolta de 180°, tornou-se o principal impulsionador do neo-protestantismo, tentando reunir as forças dispersas do cristianismo em uma nova concepção religiosa que acomode todas as seitas anteriormente condenadas pelo magistério pontifício e agora, passo a passo, reconhecidas como iguais à Igreja Católica.

Para adaptar esta teologia disforme aos ritos católicos, foi necessária uma profunda transformação litúrgica que afetou os sacramentos e o sacrifício eucarístico. Como é fácil perceber, existe um longo processo que precisa ser estudado desde suas remotas origens para alcançar a compreensão completa do

problema relacionado com o surgimento e desenvolvimento do protestantismo. A Reforma no século XVI foi um fator decisivo na história da humanidade, pois interrompeu o processo religioso, cultural e social do Ocidente. Sofremos as consequências e continuaremos a sofrê-las ainda por um tempo cujo fim não se vislumbra.

Martinho Lutero iniciou na Alemanha seu protesto, até certo ponto justificado, contra as exceções estabelecidas pela corte pontifícia para cobrir os elevados custos da construção da maior basílica da cristandade. Seu desafio à autoridade eclesiástica possibilitou a apropriação dos bens e receitas da Igreja. As classes poderosas, impulsionadas pela ambição, se rebelaram contra a autoridade pontifícia, e sua atitude contagiosa degenerou em um sentimento anticatólico que culminou com a rejeição da missa e do mistério da Encarnação.

O antecedente mais remoto do protestantismo remonta aos primórdios do Cristianismo. Existem laços sutis que dão continuidade a todos os cismas. No início do século IV, durante o grande movimento de conversão do Império Romano, surge a heresia ariana; esta era, essencialmente, racionalista. Não rejeitava abertamente o catolicismo, mas o questionava à luz da razão, excluindo toda causa natural da existência, como ocorre em grande medida com o progressismo religioso dos nossos dias.

Não foi um fenômeno isolado; teve seus bispos, sua própria organização e grande influência sobre as classes dirigentes durante trezentos anos.

Após a superação dessa cisão, no século VII, surgiu uma nova heresia que adquiriu dimensões inesperadas e permanentes: o islamismo. Expandiu-se, por razões políticas e raciais, para os povos da Ásia Menor, Egito, Norte da África e, no século IX, aventurou-se a conquistar a Espanha.

Não é possível perceber quão terrível foi o assalto muçulmano e as brechas que abriu nas fileiras cristãs até que a Espanha pudesse realizar a Reconquista. No entanto, ficou solidamente estabelecido em parte da Ásia, no Oriente Médio e em vastas nações africanas.

Os ataques à religião católica resultaram em uma prova de fogo para sua divindade. Não cessaram desde o dia em que Cristo morreu na cruz para ressuscitar triunfal e definitiva-

mente no terceiro dia de seu sacrifício.

O movimento albigense, surgido em Albi, França, no início do século XII, alcançou uma organização poderosa. Contava com numerosos bispos, sacerdotes e a capacidade de realizar concílios. Condenava o uso dos sacramentos, o culto externo e a hierarquia eclesiástica. Foi uma perversão *puritana* que rejeitava a beleza exterior e arruinava a bondade interior em prol de uma suposta volta à simplicidade evangélica.

A Reforma no século XVI, impulsionada pela ganância dos príncipes do Renascimento e apoiada por comerciantes e proprietários de terras, alguns de origem (((duvidosa)))[1], constituiu externamente um movimento doutrinário. Isso foi possível devido ao enfraquecimento da autoridade temporal da Santa Sé, enfraquecimento originado quando a corte pontifícia se instalou em Avignon, de 1305 a 1377, sob a hegemonia do Rei da França. Depois ocorreu o que é conhecido como o Grande Cisma do Ocidente: dois papas se enfrentando, um em Roma e outro em Avignon, ambos com a lealdade de diferentes setores de influência política na Europa, até que Santa Catarina de Sena fez com que o papado retornasse a Roma. Esse enredo durou quarenta anos antes que houvesse um único líder supremo da Igreja.

Quando, em 1517, começou a ruptura da unidade católica, a nascente comunidade religiosa adquiriu dimensões inesperadas de ódio em relação à antiga e única religião cristã. Esse ódio se manifestava em insultos abomináveis contra a Eucaristia, os santos, a Mãe de Deus, e incentivava a vileza do homem, degenerando-o em anarquista e iconoclasta.

Aos trinta e cinco anos de idade, Martinho Lutero havia alcançado certo renome local. Embora não fosse um humanista, possuía alguns conhecimentos de teologia. Foi-lhe confiada a direção ativa de seu mosteiro agostiniano e realizou alguns trabalhos na Universidade de Wittenberg.

Quando Leão X assumiu o trono pontifício, ele continuou o mesmo sistema de seu antecessor, Júlio II, para angariar fundos destinados à construção da grandiosa Basílica de São Pedro.

[1]Para mais detalhes, leia o artigo “Lutero era um Rosacruz, um gnóstico, um arqui-inimigo da Igreja” disponível em nosso site: https://acaorestauracionista.com.br/26

Mais por negligência do que por uma falha doutrinária, ocorreram abusos na venda de indulgências. O dogma da Igreja não havia mudado e não poderia mudar: os méritos dos santos podem ser aplicados para a remissão da punição, não para o perdão do pecado. No entanto, as pessoas daquela época, mal informadas, sentiram-se confortavelmente inclinadas a comprar a remissão do pecado em vez de oferecer uma esmola como sacrifício para merecer a redução da punição.

Este erro de interpretação não era generalizado. A concessão de indulgências, deturpada pelo abuso, foi rejeitada pelo cardeal-arcebispo de Toledo, líder da Igreja na Espanha, sem que sua atitude pudesse ser considerada um desafio a Roma. Martinho Lutero fez o mesmo e, de acordo com o costume da época, elaborou noventa e cinco teses e as afixou na porta da igreja do castelo de Wittenberg. Até este ponto, sua atitude não se afastava das regras estabelecidas: suas teses poderiam ser livremente discutidas, aprovadas ou rejeitadas conforme o caso, sem colocar em perigo a autoridade papal e a ortodoxia da Igreja. No entanto, a reação popular ultrapassou os limites do propósito inicial e degenerou em um desafio aberto à autoridade pontifícia. Lutero foi, sem dúvidas, o primeiro surpreendido pela importância que seu protesto alcançou em pouco tempo, pois não pôde prever a reação que os diferentes fatores, como uma mistura explosiva, ativariam para produzir esse terrível cisma.

O Luteranismo experimentou um vertiginoso aumento; em dois anos, Lutero viu-se arrastado por forças estranhas que modificaram substancialmente seu pensamento. Era o herói de uma insurreição religiosa e enfrentou com soberba a excomunhão contida na bula "*Exsurge Domine*", expedida em 1520.

Nessa época, no cantão suíço de Zurique, um padre que desfrutava de crédito científico e usufruía de uma dotação[2] papal uniu-se a Lutero, tornando-se um decidido revolucionário doutrinário, muito semelhante a essa infinidade de eclesiásticos contemporâneos a serviço da anti-Igreja. Seu desafio a Roma propiciou a expropriação dos bens eclesiásticos e a revogação do celibato sacerdotal.

Zwinglio avançou rapidamente; estabeleceu o princípio da livre interpretação da Bíblia e negou todo mistério à Eucaris-

[2]Cremos que dotação Papal signifique um título.

tia. Então, em Zurique, começou uma violenta iconoclastia que destruiu a beleza dos templos católicos e seu simbolismo teológico.

O vírus da heresia saltou de uma cidade para outra como uma praga mortal. Na Inglaterra, incubou-se em um rei muito católico, quase fanático, devoto sincero do Santíssimo Sacramento e da Virgem Maria,

Thomas Cromwell, ministro de Henrique VIII, viu a possibilidade de encher os bolsos com o saque dos bens da Igreja e, aproveitando a confusão na qual o rei estava envolvido, o induziu a romper com Roma. O conflito pessoal entre Henrique VIII e a Santa Sé poderia ter sido resolvido satisfatoriamente, mas as interferências palacianas o impediram. Durante a terceira década do século XVI, foram estabelecidas as bases para a ruptura definitiva, seguida pela dissolução de mosteiros e conventos, e o confisco de todos os seus bens em benefício de proprietários de terras, especuladores e aventureiros.

A dissolução dos monastérios coincidiu com a aparição do livro mais importante na transformação e consolidação da Reforma: *"Instituição da Religião Cristã"*, escrito por João Calvino, natural de Noyon, França.

João Calvino, como é conhecido, criou uma nova concepção religiosa e disciplina eclesiástica para opor-se à Igreja Católica.

Nem todos os grandes grupos cismáticos da Europa quiseram seguir Calvino; nem os ingleses e nem os luteranos aderiram à rígida organização calvinista. No entanto, como Hilaire Belloc adverte em "*How The Reformation Happened*"[3] (Como aconteceu a Reforma): "não há dúvida de que o calvinismo, até o dia de hoje, é a alma do protestantismo".

Em 1546, dez anos após a aparição de seu livro, surgiu em Roma a primeira igreja calvinista importante. Em pouco tempo, outras foram estabelecidas, constituindo pequenos estados dentro do Estado.

A situação oscilava entre o temor de uma rebelião religiosa que acabaria por destruir a arte e a cultura ocidental originadas no catolicismo e entre, como destaca Belloc, "um ódio intenso, feroz e crescente que havia sido despertado contra a

[3]Belloc, Hilaire. "Como Aconteceu a Reforma" (How the Reformation Happened), EMECE Editores S. A, Buenos Aires, Argentina. Pág. 150.)

missa, o Santíssimo Sacramento e todo o sistema transcendental; um ódio tal que aqueles que o sentiam estavam, apesar de milhões de divergências, em uma aliança comum. Esse ódio era alimentado pela indignação popular original contra a corrupção do clero, e especialmente contra suas exigências econômicas, mas era muito mais antigo que essa perturbação, nascida no último período medieval; esse ódio era tão antigo quanto a presença da Igreja Católica neste mundo. Era tão antigo quanto os começos da pregação de Jesus Cristo na Galileia. O gênio de Calvino havia proporcionado uma organização, uma filosofia, um plano de ação e uma alma.

Este ódio satânico estava destinado a perdurar ao longo dos anos e, por meio de investidas cada vez mais agudas e sutis, penetraria na muralha do vaticano para destruir, de dentro para fora, a tradição, a doutrina e a liturgia, em uma tentativa, até agora bem-sucedida, de protestantizar a Igreja, atualizando os métodos implementados há quatro séculos.

De 1559 a 1572, resolveu-se em um empate, equivalente à derrota da unidade europeia, o conflito planejado pela Reforma. A Igreja não pôde fazer outra coisa senão definir a doutrina verdadeira. Não haveria mais desvios dogmáticos, não haveria mais interpretações particulares dos mistérios divinos. Quando se tornou evidente o avanço do cisma, a cristandade sentiu a necessidade urgente de convocar um concílio ecumênico que esclarecesse dúvidas e confirmasse os principais dogmas católicos. Os primeiros esforços para convocá-lo datam de 1537, durante o pontificado de Paulo III. Por várias circunstâncias, teve que ser adiado repetidamente, assim como a escolha da sede, até que, finalmente, em 13 de dezembro de 1545, na cidade alemã de Trento, o Sacrossanto e Ecumênico Concílio foi finalmente aberto.

Longa e acidentada é a sua história, assim como importantes e transcendentes foram as suas conclusões. Três pontífices participaram: Paulo III, Júlio III e Pio IV. Treze anos, intervalos e pressões políticas não conseguiram desviar os propósitos iniciais. O Concílio de Trento foi consagrado como um dos mais importantes na história da Igreja.

Desenvolveu-se em três etapas, os teólogos mais sábios daquela época contribuíram com seu conhecimento e, com a inspiração do Espírito Santo, o Concílio estudou e definiu questões

dogmáticas de importância substancial: o cânon das Escrituras, o valor da tradição, o pecado original, a justificação e a graça, os sacramentos, o purgatório, as indulgências, o valor e o significado da Missa; questões todas que haviam sido objetadas, de diversas formas, pelo multifacetado protestantismo.

O capítulo IX, sessão XXII do mencionado Concílio, declara o seguinte: "Visto que muitos erros têm sido disseminados neste tempo contra essas verdades de fé, fundamentadas no sagrado Evangelho, nas tradições dos Apóstolos e na doutrina dos santos Padres; e muitos ensinam e disputam muitas coisas diferentes; o sacrossanto Concílio, após graves e repetidas discussões, realizadas com maturidade, sobre esses assuntos; determinou, por consentimento unânime de todos os Padres, condenar e banir da Santa Igreja por meio dos seguintes Cânones todos os erros que se opõem a esta fé puríssima e doutrina sagrada."[4]

É importante destacar a interpretação que a Reforma dava ao santo Sacrifício do altar. Embora com variações marcantes, eles transformaram a missa em um "memorial da Ceia", uma "assembleia eucarística", uma "reunião de fiéis para invocar o Senhor"; tudo menos "um sacrifício visível, conforme requer a condição dos homens, no qual se representasse o sacrifício cruento que uma vez deveria ser feito na cruz e permanecer em memória até o fim do mundo", conforme definido pelo Concílio de Trento, sessão XXII, capítulo 1.

Após este Concílio, ao cisma não restou outra opção senão reconhecer seus erros para retornar à casa do Pai. No entanto, isso não ocorreu; pelo contrário, o uso das línguas vernáculas e as circunstâncias regionais fizeram com que se multiplicassem as seitas. Aqueles que nasceram e foram educados nessas crenças, exceto por exceções isoladas de notáveis conversos, persistiram em sua fé racionalista e prepararam o terreno do qual brotariam guerras sangrentas. A Revolução Francesa, ao final do século XVIII, equivale a uma revanche dos derrotados huguenotes no século XVI, assim como os sistemas políticos de escravidão coletiva, fundamentados no culto ao homem e na

[4]O Sagrado e Ecumênico Concílio de Trento, traduzido para o idioma castelhano por Don Ignacio Lópes de Ayala. Acrescenta-se o texto latino corrigido conforme à edição autêntica de Roma, publicada em 1564. Quarta edição, na impressora de Ramón Ruiz (Madrid, Espanha), 1798. Página 245.

negação de Deus.

A aparição do socialismo, no meio do século passado, e a progressiva idolatria a Karl Marx, seu ideólogo mais importante, encontraram solo fértil nas estruturas protestantes permeáveis à influência das lojas maçônicas, declaradas inimigas da Igreja Católica. Esta teve que enfrentar sozinha os nefastos erros contidos nas novas teorias em voga. Ninguém, exceto a Igreja, denunciou a maldade intrínseca do verdadeiro socialismo.

Mas como os filhos das trevas são mais sagazes do que os filhos da luz, eis que, com um vocabulário enganador primeiro, e depois com uma violência impiedosa, conseguiram dominar uma grande nação de antiga linhagem cristã, no exato momento em que, derrotados nos campos de batalha, faziam-se ouvir seus clamores por justiça e concórdia.

Quantos milhões de seres inocentes foram assassinados para implantar o comunismo na Rússia? Nunca se saberá. A anti-Igreja havia conquistado uma fortaleza de importância estratégica excepcional no cenário mundial. Os países mais poderosos do mundo naquela hora sombria não tinham consciência dos valores em jogo: o protestantismo era o denominador comum.

A Primeira Guerra Mundial, uma guerra de interesses econômicos, não resolveu a divisão que, quatro séculos antes, havia sido provocada pela Reforma. Essa divisão propiciou a ausência de uma frente comum para combater com sucesso o comunismo, consequência última do racionalismo religioso que nega a natureza divina de Cristo e a autoridade espiritual de Sua Igreja.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o comunismo pôde sobreviver graças ao apoio fornecido pelos Estados Unidos, uma nação heterogênea em raças e credos religiosos, que, na vitória, foi traída por seus presidentes Roosevelt e Truman ao entregar metade da Europa à voracidade comunista. Essa metade da Europa era composta por nações zelosas de suas tradições e de sua fé católica.

O Papa Pio XII resistiu ao assalto de calúnias e pressões morais. Não ficou em silêncio nem cedeu. A Igreja permaneceu, como em outras vezes na história da humanidade, fiel à sua missão sobrenatural.

Em 30 de junho de 1949, S.S. Pio XII aprovou, confirmou e mandou publicar o *Decreto de Excomunhão da Suprema Congregação do Santo Ofício* "àqueles que se inscrevem nos partidos comunistas ou os favorecem, porque o comunismo é materialista e anticristão, e seus líderes... de fato, com a doutrina ou com as obras, mostram-se inimigos de Deus, da verdadeira religião e da Igreja de Jesus Cristo." Portanto, é ilícito "propagar ou ler livros, jornais, periódicos, panfletos que favoreçam a doutrina ou as atividades comunistas..." Aqueles que "conscientemente ou deliberadamente tenham realizado" esses atos devem ser privados da recepção dos Santos Sacramentos. Em resumo: "Os fiéis que professam a doutrina comunista, materialista e anticristã, principalmente aqueles que a defendem e propagam, incorrem, pelo mesmo fato, na excomunhão reservada 'modo especial' à Sé Apostólica como apóstatas da Fé Católica."

Até então, o magistério pontifício não havia sofrido mudanças nem deterioração. Uma única doutrina coerente, um único pensamento, uma condenação inequívoca ao comunismo e àqueles que, de alguma forma, o favoreciam. Favorecer é transigir com ele, negociar com ele, aceitá-lo e admiti-lo como partícipe da verdade e da justiça. Pio IX no *Syllabus*; Leão XIII na encíclica *Apostolici Muneris*; Pio XI na *Quadragésimo Anno*, na *Divini Redemptoris*. Desde o início, a Santa Sé havia rejeitado categoricamente qualquer relação com essa doutrina nefasta, uma em essência, múltipla em suas aceitações: marxismo, socialismo, comunismo, populismo de esquerda, libertação nacional...

Em 1958, ao falecer Sua Santidade Pio XII, ascendeu ao trono pontifício o cardeal Roncalli, que assumiu o nome de João XXIII, anteriormente usado por Baldanare Cosa, um antipapa entronizado em 1410 e deposto em 1415.

Como seu homônimo, João XXIII durou cinco anos no pontificado, tempo suficiente para estabelecer as bases da mudança mais espetacular pela qual a Igreja passou. Encorajado por aqueles que desejavam "atualizar" a política do Vaticano, convocou o Concílio Vaticano II, no qual, apesar de uma considerável corrente de opinião para condenar o comunismo, não houve censura aos erros modernos. Em vez disso, deu margem a mudanças substanciais na liturgia, na disciplina eclesiástica,

no conceito mundano da liberdade religiosa e nas relações, de igual para igual, com outras "igrejas cristãs".

Desde que João XXIII recebeu em 1963 Alexei Adjubei, genro de Kruschev, as influências soviéticas se fizeram sentir dentro da Santa Sé. A *Ostpolitik*[5] do Vaticano tornou-se cada vez mais evidente. O dramático episódio do cardeal Mindszenty[6] expôs o valor relativo das promessas pontifícias e dos possíveis acordos secretos com a maçonaria e o comunismo.

Em sua época, a Reforma Protestante não alcançou, em um período tão curto, as profundas transformações que a Igreja experimentou após o Concílio Vaticano II, com total aprovação de Paulo VI.

Uma característica marcante do ecumenismo pós-conciliar é a busca, salvaguardando todas as condenações anteriores, pela reunificação com o protestantismo de todos os matizes, começando pela Igreja Anglicana e adaptando a liturgia às suas próprias normas, chegando ao extremo da "concelebração" católico-protestante.

Onde ficou o sacrifício incruento que foi canonizado pelo Concílio de Trento? Quem agora atende às claras condenações proferidas por aquele concílio dogmático? "Se alguém disser que o Cânone da Missa – agora substancialmente modificado – contém erros, e que, por essa razão, deve ser abolido; seja excomungado."

"Se alguém disser que deve condenar o rito da Igreja Romana – como agora é condenado ao ser proibido para ser substituído pelo Novus Ordo Missae – , no qual se pronunciam em voz baixa uma parte do Cânon e as palavras da consagração; ou que a Missa deve ser celebrada apenas na língua vernácula, ou que não se deve misturar a água com o vinho no cálice que será oferecido, porque isso vai contra a instituição de Cristo; seja excomungado."[7]

As palavras são claras para todo aquele que opta por obe-

[5]Ostpolitik (na língua alemã significa Política do leste) é um termo usado para descrever os esforços realizados por Willy Brandt, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Chanceler da República Federal da Alemanha para normalizar as relações com as nações da Europa de Leste, incluindo a República Democrática Alemã.

[6]Cardeal perseguido pelo governo comunista húngaro que acabou falecendo no exílio.

[7]Ibidem. Sessão XXII, Cânone IX. Pág. 247.

decer antes a Deus que aos homens. Nenhum sofisma poderá apagar as condenações em que incorrem aqueles que desprezam a verdadeira Missa e se juntam conscientemente à liturgia protestante.

A atualização dos mesmos erros que o Concílio de Trento condenou nos evidencia que os princípios consagrados continuam vigentes.

Quem se atreveria a afirmar que o tempo pode transformar falsidades em verdades? Pois este é o absurdo que hoje podemos descobrir na leitura de alguns cânones de Trento:

"Cânone I: Se alguém disser que na Missa não se oferece a Deus um verdadeiro e próprio sacrifício, ou que oferecer isso não é outra coisa senão nos dar Cristo para que o comamos; seja excomungado."

Como admitir agora que "a Ceia do Senhor, ou Missa, é a assembleia sagrada ou congregação do povo de Deus, reunido sob a presidência do sacerdote para celebrar o memorial do Senhor"?

O primeiro passo para alterar as estruturas eclesiásticas e tentar alcançar a unidade em todos os povos de cultura cristã foi a reforma litúrgica, não apenas da Missa, mas também dos sacramentos, reduzindo-os ou aproximando-os a um mero ato simbólico, não para apresentar uma frente comum contra o avanço comunista, mas para abrir o caminho para a convivência com o mais nefasto dos erros humanos.

O magistério da Igreja, anterior ao Concílio Vaticano II, foi visto como inútil: "... temos a oportunidade de refletir sobre a ineficácia das encíclicas", afirma com franca honestidade Peter Hebblethwaite[8] em sua obra "*A Igreja Transbordada*". "Se fossem tão poderosas como às vezes se diz, o movimento ecumênico nascido teria sido sufocado logo ao nascer." Mas não foi assim. Os prelados mais progressistas encontraram amplo apoio em Paulo VI, que, antes de assumir a Cátedra de São Pedro, já havia dado claras indicações de seu liberalismo religioso. A hierarquia católica holandesa, em estreito contato com a maioria protestante de seu país, liderou com o Catecismo Holandês – que não era católico – seguido por outras versões do catecismo e das Sagradas Escrituras para o consumo das novas gerações

[8]Hebblethwaite, Peter. La Iglesia desbordada (The Runaway Church), Editorial Noer, S. À., Barcelona, España, 1977. Pág. 128.

de batizados.

Quando, em março de 1966, o Dr. Michael Ramsey, arcebispo de Canterbury, apresentou-se em Roma como Presidente da Comunhão Anglicana Universal, foi recebido por Paulo VI na esplendorosa Capela Sistina. O pontífice disse-lhe: "Vossos passos não ressoam em casa alheia, levam-vos a um lar que, por razões sempre válidas, podeis chamar de vosso." E certamente podia chamá-lo de seu: Paulo VI fazia todo o possível para aproximar a Igreja Católica do cisma protestante. A correspondência trocada entre o arcebispo de Canterbury e o pontífice romano, publicada no *L'Osservatore Romano*, assim o demonstra.

Para evitar qualquer possível oposição à política vaticana, o Papa Montini – como costumavam chamá-lo em Roma – ampliou as atribuições, tanto pessoais quanto coletivas, dos bispos, comprometendo-os a apoiar as mudanças sucessivas, ignorando as atitudes marxistas de alguns prelados, fazendo vistas grossas a declarações não raro heréticas; e assim, passo a passo, compromisso após compromisso, fechou-lhes toda opção de recuar, sob pena de serem apontados como desobedientes à sua autoridade.

A dessacralização dos templos, a tolerância a todo tipo de experimentos litúrgicos, por mais sacrílegos ou ridículos que pudessem ser, não passaram despercebidos ao arcebispo Dwyer, de Birmingham, Inglaterra. Ao assistir à *Missa normativa* durante o primeiro sínodo de bispos em outubro de 1967, afirmou: "A reforma litúrgica é, em um sentido muito real, a chave do *aggiornamento*. Não se confundam a respeito: a revolução começa aqui."

Sua previsão mostrou-se precisa: "A Igreja Católica Romana se 'protestantizou'. A Reforma, por tanto tempo rejeitada, triunfou de forma incruenta e com efeito retardado. A Igreja de Roma tornou-se indistinguível do protestantismo e passa a repetir seus erros."[9]

Peter Hebblethwaite, autor de "*La Iglesia desbordada*", é um simpatizante inesperado da mudança promovida por Roma após o Concílio Vaticano II.

Uma das consequências mais significativas desta reforma tem sido a redução nas vocações sacerdotais, uma vez que, de

[9] Ibidem. Pág. 250.

acordo com as novas teorias promovidas pelos neomodernistas, “todos somos sacerdotes”.

“As saídas do ministério se tornaram uma parte habitual e desanimadora da realidade sacerdotal durante a década”, revela Hebblethwaite em seu livro citado. “Mesmo as estatísticas oficiais do *Anuário Pontifício* registram a queda nos números. Em sua edição de 1974, o número de padres diocesanos é contado em 270.737, ou seja, 2.396 a menos, ou 8,8% a menos do que no ano anterior.” Se considerarmos o aumento da população mundial, qual será a porcentagem relativa dessa diminuição de vocações somada às deserções ocorridas a cada ano? Isso sem contar o relaxamento disciplinar em institutos religiosos e a redução de requisitos acadêmicos em seminários, nos quais o liberalismo sexual e a política enviesada começam a produzir agitadores sociais e padres guerrilheiros.

Diante da falta da mística da entrega total a Cristo, da dessacralização dos sacramentos e da adulteração da Missa, a quem esses resultados podem surpreender?

Apenas lembrando o processo das grandes apostasias, sempre semelhante, podemos compreender o atual fenômeno religioso. O medo da desobediência, somado à força psicológica do número, domina escrúpulos, cega evidências, convence pusilânimes e acomodados; em suma, explica a traição mais espetacular, ocorrida em todos os tempos, ao magistério milenar da Igreja. São poucos os que se recusaram a seguir as novas correntes de pensamento religioso que desembocam no mar do sincretismo; poucos que, como o profeta bíblico, clamam no deserto. No entanto, suas vozes não se perderão. Um dia, apenas conhecido pela Divina Providência, a razão retornará ao homem, e a verdadeira fé tocará seu coração; então, a memória daqueles que, como o padre Joaquín Sáenz Arriaga, permaneceram fiéis ao seu apostolado, orientados para a luz eterna em meio às trevas, imunes à dor humana, ao insulto, à zombaria, ao escárnio, será abençoada.

Dar a conhecer episódios de sua existência, adentrar-se em seu pensamento religioso, descobrir a força motora de sua fé invicta e fundamentada nos ensinará quão valiosa e transcendente foi sua obra apostólica.

Não chegou ainda a hora de sua total reivindicação; a indiferença coletiva tomou o lugar das batalhas dialéticas, e a

preguiça intelectual detém, fragmenta, minimiza a obra dispersa daqueles que, como ele, resistem a aceitar a derrota do Magistério eclesiástico sustentado ao longo de quase vinte séculos. Mas sua causa, que é a causa de Cristo, não está perdida; sobre a perversão e os erros humanos está a assistência do Espírito Santo.

Com este retrato do homem que se recusou a sucumbir no marasmo da irreligiosidade, das acomodações, das "retificações teológicas", quero oferecer aos espíritos angustiados um alento de esperança no ressurgimento futuro do catolicismo autêntico e imutável.

CAPÍTULO 2

TRAJETÓRIA DE UMA VOCAÇÃO

A imprensa daquele dia destacou a notícia: Por "*injúrias ao papa*", *a Mitra excomunga um padre antiprogressista*.

No mesmo jornal, na seção editorial, o comentário sucinto e preciso advertia: "Este fato tem aspectos muito graves, na nossa opinião, pois levanta, em primeiro lugar, o problema da liberdade dentro da Igreja. Não existe a possibilidade de criticar, censurar, ou simplesmente discordar dentro da Igreja Católica Romana sem correr o risco de ser excomungado? Há muito pouco tempo, outro padre jesuíta militante, Porfirio Miranda, publicou também um livro intitulado *Marx e a Bíblia*, com uma inclinação francamente pró-marxista. A este trabalho, Dom Miguel Darío Miranda deu o «*imprimatur*», ou seja, sua aprovação, e essa diferença de tratamento pode, infelizmente, trazer resultados muito ruins para a Igreja no México. Todo o mundo se perguntará: Por que um padre 'progressista' que se declara marxista é apoiado pela Mitra, e outro, tradicional, é excomungado?"[1]

Miguel Darío, Cardeal Miranda, Arcebispo Primaz do Mé-

[1]O Sol do México. Jornal. 21 de dezembro de 1971.

xico, deu por encerrado este caso e nunca mais voltou a ocupar-se publicamente dele. Como era seu costume, não se dignou a responder à opinião pública nem aos fiéis de sua arquidiocese que se mostraram escandalizados. Por seu alto cargo eclesiástico, acreditava-se infalível em seus julgamentos e imune a toda crítica:

Na Sala de Governo da Cúria do Arcebispado do México, no décimo oitavo dia do mês de dezembro de mil novecentos e setenta e um, assinou a suspensão "*a divinis*" e declarou o padre Joaquín Sáenz Arriaga, doutor em filosofia e teologia, fora da Igreja, cuja trajetória sacerdotal supera a qualquer paralelo humano na história contemporânea da Igreja no México.

Este decreto infame longe de quebrar seu espírito foi para o Reverendo Arriaga um estímulo espiritual; um chamado da Providência para dar um testemunho completo de sua fé, de sua inabalável fé, firme como a rocha, como a dos Apóstolos ao receber o Espírito Santo; como a dos mártires mexicanos quando lançaram seus votos com seu próprio sangue no plebiscito da Guerra Cristera.

Foi mais uma prova de sua vocação sacerdotal, à qual se sentiu chamado desde seus anos infantis até o último dia de sua existência, que foi marcada por um destino superior, por uma tendência natural de superação. Foi uma criança boa, consciente de sua carga hereditária, que soube se conduzir até o final como uma oferta de si mesmo a Deus Trino e à Santíssima Virgem de Guadalupe, da qual foi grande devoto.

Honrou sua linhagem de "cristão velho", como eram chamados antigamente aqueles cuja ascendência não se misturava com infiéis. Em sua árvore genealógica, encontram-se frutos maduros, como o arcebispo Arciga,[2] irmão de Dona Loreto Ar-

[2]José Ignacio Arciga y Ruiz de Chávez (1830–1900) nasceu em Pátzcuaro, Michoacán. Ele fez seus primeiros estudos lá. Ingressou no Seminário de Morelia em 1846 e foi ordenado padre em 1853. No Seminário, lecionou as disciplinas de matemática, física e teologia até que o prédio da instituição foi confiscado em 1859 pelo governo liberal. De 1862 a 1866, atendeu o curato de Guanajuato. Recebeu o cargo de cônego magistral e bispo auxiliar de Morelia. Ilustre arcebispo de Michoacán por quase 31 anos (1869 a 1900), realizou a florescente restauração da arquidiocese. Restabeleceu o Seminário em um belo edifício de estilo neoclássico, onde instalou laboratórios, gabinetes, observatório astronômico e biblioteca bem fornecida. Em 1882, este seminário contava com 600 alunos, e nas filiais abertas em Pátzcuaro, Celaya, Santa Cruz, La Piedad e Puruándiro, foram alojados 500 estudantes. Em Morelia, estabele-

ciga de Sáenz; uma família numerosa e distinta por sua linhagem social, pela inteligência clara de seus membros e por sua profunda religiosidade. De origem espanhola, as gerações dos Sáenz e dos Arriaga – conservadores os primeiros, liberais os segundos e ambos amantes da tradição crioula, representativa da nacionalidade mexicana – contam com dezenas de religiosos e sacerdotes, alguns dos quais foram consagrados bispos e, desde sua alta hierarquia, deixaram uma constância perene de seu amor pela Igreja.

Seu pai, Don Rafael Sáenz Arciga, nasceu em 1863, e sua mãe, Donã Magdalena Arriaga Burgos de Sáenz, fez sua aparição nesta vida em 29 de maio de 1862. Ambos eram naturais da cidade de Morelia; casaram-se e tiveram uma numerosa descendência. Joaquín foi o décimo terceiro dos seus treze filhos; viu a primeira luz no dia 12 de outubro de 1899.

O pequeno Joaquín não teve dúvidas sobre sua vocação. Desde muito novo, sentiu o chamado de Deus em sua consciência. Brincava de sacerdote com seus irmãos. Tinha dez anos quando construiu seu próprio altar em um canto da antiga casa colonial e, diante dele, realizava uma imitação piedosa da santa missa. Impunha sua autoridade ao pequeno público formado por seus irmãos mais novos e algum amiguinho. Luis e Pablo, mais jovens que ele, faziam o papel de coroinhas. Utilizava suas habilidades oratórias em sermões improvisados e tentava impressionar seus ouvintes com descrições acentuadas do Inferno. Sua própria piedade era alimentada com a reza diária do santo Rosário, e, sem perceber, mergulhava diariamente na doutrina cristã que sua mãe lhe ensinava.

Ao final do século XIX, Morelia era uma cidade próspera, apesar de não possuir indústrias importantes, contando apenas com duas fábricas de fiação e tecelagem de algodão. Localizada numa região predominantemente agrícola, sua população limitada a cerca de 34.000 habitantes estava enraizada na terra e ligada a costumes seculares. A antiga Valladolid foi fundada em 18 de maio de 1541 pelo primeiro vice-rei da Nova Espanha, Antonio de Mendoza. As gerações de crioulos que se sucederam preservaram intactas as virtudes religiosas

ceu o Colégio Teresiano para meninas, que alcançou fama e chegou a ter mil alunos. Durante seu ministério, ordenou 760 sacerdotes. Faleceu na Cidade do México no ano de 1900.

e criativas de seus antepassados.

Morelia era a Metrópole do Arcebispado de Michoacán, que compreendia as dioceses de León, Querétaro e Zamora. José Ignacio Arciga era o arcebispo. Cerca de vinte igrejas, algumas reluzentes exemplos de arte sacra, acolhiam a piedade fervorosa dos morelianos. Para atender à educação popular, uma dúzia de escolas abriam suas salas de aula para o ensino. Três bibliotecas – no Colégio de San Nicolás, com 4.000 volumes; a pública do Estado, com 15.000; e a do Seminário, com 32.000 livros de todas as épocas – testemunhavam a preocupação da Igreja Católica em levar cultura ao maior número possível de indivíduos, sem contar as numerosas e seletas bibliotecas particulares que conferiam a Morelia uma destacada categoria humanística entre as mais renomadas capitais provinciais.

Para cursar estudos superiores, existia apenas uma escola preparatória oficial: o Colégio de San Nicolás de Hidalgo, e dois estabelecimentos profissionais: a Escola de Medicina e a de Jurisprudência. No âmbito religioso, havia o Seminário, fundado no século XVIII. Para suprir a ausência de uma escola de ensino preparatório administrada pelo clero, foi fundado em 1902 o Instituto Científico do Sagrado Coração de Jesus, "para educar cristãmente a infância e a juventude das classes principais da cidade".[3]

Neste colégio, oferecia-se educação primária, ensino fundamental, ensino médio, ensino comercial, estudos agrícolas e industriais, e formação de professores; uma ampla gama de cursos que proporcionavam perspectivas civis aos alunos sob os cuidados dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Do ano de 1900 até sua morte em 1911, governou a Arquidiocese Dom Atenógenes Silva y Álvarez Tostado. Ele foi sucedido por Dom Leopoldo Ruiz y Flores, cuja responsabilidade histórica se tornaria significativa com a assinatura infeliz dos "acordos" entre a Igreja e o Estado em 1929.

A importância e influência religiosa em Morelia, onde Joaquín Sáenz Arriaga passou sua infância, ficam evidentes. Saenz frequentou o Instituto Científico del Sagrado Corazón de Jesús, onde cursou o ensino fundamental e médio, obtendo notas excelentes em seus estudos. Destacava-se entre seus colegas pelo talento claro.

[3] O Instituto do Sagrado Coração de Jesus. Folheto, Morelia, México, 1902.

Ainda não completara dez anos de vida e já começava a colecionar aquelas pequenas folhas mensais chamadas de "testimonios de honor"[4], que compõem sua imagem estudantil. Ao concluir o ensino fundamental em 27 de outubro de 1912, foi concedido a ele um diploma em reconhecimento à sua excelente conduta, pontualidade e aplicação.

Sentindo-se chamado para a vida religiosa, o adolescente alerta pensou em ser um cartuxo; ele era atraído pela vida silenciosa e pela autonegação como um valor espiritual oferecido. Monsenhor Leopoldo Ruiz y Flores fez com que ele visse que a Igreja precisava de soldados prontos para a luta e, com razões convincentes, inclinou sua vontade para a Ordem de Santo Inácio.

Aos dezesseis anos de idade, consciente de seu destino pessoal e intransferível, deixou sua casa paterna. Reviravoltas do destino haviam obrigado a família a mudar de residência; agora habitavam uma modesta casa na sexta rua de Aldama, número 1, em Morelia. Dona Magdalena preparou a modesta bagagem de Joaquín. Acompanhado de seu irmão mais velho, Rafael, ele viajou para o porto de Veracruz. Embarcou no navio *Buenos Aires*, de bandeira espanhola, em segunda classe. Em 11 de agosto de 1916, o navio partiu. A bordo, encontravam-se seis freiras teresianas, às quais se uniram mais duas, de Morelia, na breve escala que o vapor fez em Havana, Cuba. Joaquín buscou a amizade delas, pois representavam uma extensão simbólica de seu próprio lar durante a travessia. O *Buenos Aires* atracou em Nova York ao anoitecer do dia 12. No dia seguinte, apoiado na amurada do navio, Joaquín contemplou longamente o perfil da moderna Babel, semelhante às pinheiras de sua terra.

Longos dias de mar e céu antes de avistar a costa espanhola, pátria de seus antepassados distantes.

Desembarcou no porto de Barcelona e dirigiu-se a Loyola, berço do fundador da Companhia de Jesus. Naquele famoso seminário, um delicioso jardim situado entre as íngremes e verdes montanhas de Santander, ingressou em 15 de setembro. A rígida disciplina a que os aspirantes à milícia inaciana eram submetidos não o dobrou. Aprendeu que nada era seu; tudo pertencia à comunidade. Desempenhou trabalhos bastante ár-

[4] "Testemunhos de honra"

duos para um jovem acostumado ao serviço doméstico, a refinamentos sociais e considerações familiares. As dificuldades que enfrentou durante o período de prova foram compensadas com a atenção solícita de seus primeiros mestres. Em nenhum momento ele afrouxou sua vontade de seguir o caminho traçado por aqueles que lhe deram exemplos de religiosidade.

Antes de Joaquín ingressar no Seminário, seu irmão Luis, terceiro na família Sáenz Arriaga, já havia sido ordenado sacerdote católico. Ele foi educado no Colégio Pio Latino de Roma e obteve o título de doutorado em Teologia. Em 1911, foi ordenado sacerdote. Possuía uma inteligência surpreendente e, apesar de sua juventude, dominava sete idiomas. Joaquín não ficaria para trás. Ao longo de sua vida, também aprendeu várias línguas: inglês, francês, italiano, português, um pouco de grego, além, é claro, do latim e do espanhol.

Luis, um apóstolo ativo em um ambiente e época bastante conturbados, contraiu tifo em uma de suas muitas assistências a doentes necessitados. A precária assistência médica – viviam-se momentos dramáticos da Revolução – abriu-lhe as portas da eternidade em abril de 1917. Seu pai, Don Rafael, profundamente afetado com sua morte, não resistiu aos embates de seu coração enfraquecido e, em 19 de junho seguinte, bem assistido espiritual e corporalmente, chegou ao fim de seus dias.

Essas mortes, conhecidas no distante confinamento, fortaleceram ainda mais o propósito de Joaquín, que, com grande empenho, continuou seus estudos sem perder contato com sua família ausente em sua terra natal tão desejada.

No ano seguinte, ele é enviado para Granada, uma cidade com reminiscências mouriscas e uma rica tradição cultural, para cursar o primeiro ano do Juniorado e Literatura.

Em 16 de setembro de 1918, Joaquín faz seus primeiros votos de pobreza, obediência e castidade, que na Companhia de Jesus, ao contrário de outras ordens religiosas, são considerados como perpétuos.

Até 1922, ele permanece nesta cidade, cuja reconquista pelos Reis Católicos unificou a Península Ibérica sob o símbolo da cruz.

À sombra das laranjeiras perfumadas de flor de laranjeira, perto do testemunho artístico islâmico mais notável da Espa-

nha: a Alhambra; no meio da luz e brancura daquele lugar protegido pela Sierra Nevada, o jovem seminarista conclui o Juniorado. Ele estuda Literatura e Humanidades em 1919. Em 1920, ele cursa o segundo grau de ambas as matérias. Inicia-se em Filosofia no ano seguinte e, em 1923, conclui o segundo grau de Retórica.

Não permanece o tempo todo recluso em Granada. Com outros seminaristas, visita lugares de interesse histórico e religioso, como a Basílica del Pilar em Zaragoza, de onde envia um postal carinhoso para sua mãe, que já residia na Cidade do México.

Para o ano letivo de 1923, ele se muda para Sarriá, província de Barcelona, e ingressa no suntuoso Colégio de San Ignacio. Cursa o segundo grau de Filosofia e, no ano seguinte, apresenta um magnífico exame do terceiro grau.

O clima e o ambiente diferem da calorosa terra andaluza. O caráter austero e franco dos catalães se assemelha à sua pátria, íngreme e fria.

A preparação jesuíta é intensa e variada. Os futuros sacerdotes não ficam anos a fio em um só lugar; são transferidos de um lado para outro para que, com o contato com diferentes pessoas e as lições de professores qualificados, adquiram maior desenvoltura e segurança pessoal, ao mesmo tempo em que ampliam e amadurecem seus conhecimentos. Em sua última carta enviada à mãe de Barcelona, em junho de 1924, ele conta que havia visto várias vezes, durante sua estadia na cidade condal, o rei Alfonso XII; Maria Vitória, sua consorte real; e a rainha mãe, Dona Cristina: "É um consolo para os católicos – diz ele – ver e saudar um rei tão católico, que deu grandes e magníficas demonstrações de sua fé e amor a Cristo e à sua Igreja."

O jovem seminarista embarca, com outro colega, em Barcelona. Seu navio parte para a Nicarágua. Cruzam o Canal do Panamá e, em 2 de setembro de 1924, ele e José Bravo chegam a Granada, República da Nicarágua.

São designados para o magistério no Colégio Centroamericano do Sagrado Coração de Jesus.

Imediatamente, ele começa a ensinar como professor do quarto e quinto ano do ensino fundamental. Além disso, auxilia o diretor e fica responsável pela Segunda Divisão de semi-

internos e externos.

Permanece no colégio durante todo o ano de 1925, dando aulas aos alunos do quinto ano e desempenhando também o cargo de diretor. Entre seus colegas está seu conterrâneo José Martínez Cabrera. Essa não seria a única ocasião em que, durante seus estudos, esses bons amigos estariam juntos.

No início de março de 1926, parte da Nicarágua. Do município de La Libertad, República de El Salvador, o reitor do Seminário lhe envia um telegrama convidando-o a visitá-los e desejando-lhe uma feliz viagem. O jovem jesuíta começava a ser conhecido por seu apostolado e sua capacidade intelectual. No entanto, ele não pôde atender ao pedido do Padre Superior do Seminário Salvadorenho, pois precisava continuar sua viagem para o México.

Ele permaneceu no México por alguns meses. Esteve na cidade de Puebla, no Colégio Católico do Sagrado Coração de Jesus. No outono de 1926, partiu novamente para a Espanha e, no Colégio Máximo de San Ignacio de Loyola, em Sarriá, cursou o primeiro grau de Teologia. No início de 1927, ele foi para a cidade de Granada, de onde relata a doña Magdalena que foi visitado em Barcelona por amigos do México, incluindo Miguel Estrada Iturbide, a quem considerou "muito culto e inteligente". Ele também informa que recebeu uma carta de seu parente Leopoldo Lara y Torres, primeiro bispo de Tacámbaro e figura proeminente durante o conflito religioso no México. Observa que em Sarriá, província de Barcelona, seus colegas do seminário, incluindo muitos mexicanos, estão bem informados sobre o que está acontecendo em seu país, e ele anuncia o envio de folhetos de propaganda religiosa.

"No sul da Espanha, as pessoas têm agido menos; muitos ainda não compreenderam as difíceis circunstâncias pelas quais a Igreja Mexicana está passando; eles acreditam que se trata de males e eventos internos e não de uma perseguição contra a Igreja."

"É necessário orar: a oração salvará o México do abismo para onde está indo."

Antes do final de 1927, Joaquín foi enviado ao Woodstock College, em Maryland, Estados Unidos, para estudar o segundo e terceiro graus de Teologia, matéria em que se doutoraria posteriormente, juntamente com Filosofia e Direito Canônico.

Seus títulos levam a assinatura do Prepósito Geral da Companhia de Jesus, do Reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana e dos respectivos secretários de ambas as instituições.

No México, a perseguição religiosa se intensificou. A defesa armada dos católicos ganhava impulso heróico. Antes do final de novembro, o sacrifício de dois inocentes e dois implicados em um atentado contra o general Álvaro Obregón chocou a opinião pública mundial. O padre Agustín Pro, S.J., e seu irmão Humberto, sem julgamento prévio, juntamente com o engenheiro Luis Segura Vilchis e Juan Antonio Tirado, foram fuzilados com ostensiva publicidade no pátio da Inspeção Geral de Polícia, localizada no coração urbano da capital da República.

Muitos episódios, próprios de uma epopeia e respaldados pela entrega cristã dos protagonistas, alimentavam o fervor religioso do povo e estimulavam o desejo de emular aqueles que, como Joaquín, se preparavam para o sagrado ministério sacerdotal. O jovem seminarista estava bem informado sobre tudo o que acontecia em seu país e, dentro de suas possibilidades, ajudava a causa cristera enviando propaganda e transmitindo notícias às autoridades eclesiásticas ao seu alcance.

Relatos verdadeiros chegavam até ele por vários meios, incluindo sua correspondência com Monsenhor Leopoldo Lara y Torres, um dos poucos prelados que resistiram, evitando emboscadas policiais sem deixar o país, às investidas anticlericais. Nem nos momentos de perigo mais agudo ele deixou o território nacional, permanecendo fiel à sua qualidade de pastor encarregado de um rebanho ameaçado pelos bárbaros do século XX.

Em uma carta datada na capital da República em 8 de fevereiro de 1928, ele o informa sobre o recrudescimento na luta cristera e narra a destruição do monumento a Cristo Rei no Cerro del Cubilete, perto de Silao, Guanajuato. Também menciona a contínua prisão de leigos e religiosos pelo crime de ouvir missa clandestinamente.

Se Joaquín tivesse imaginado que, muitos anos depois, ele teria que celebrar a missa em segredo em seu lar, uma missa proibida não pelos perseguidores declarados da Igreja, mas por aqueles que exercem autoridade eclesiástica!

Esses não eram comentários superficiais, os de monsenhor Lara y Torres. O bispo de Tacámbaro explicava com conheci-

mento maduro as transgressões legais do governo civil.[5]

Monsenhor também relatava, em outra carta, a busca infrutífera da polícia pelo bispo de San Luis Potosí, monsenhor Miguel de la Mora, vice-presidente do Comitê Episcopal, que, um ano depois, ao reiniciarem as negociações diretas entre Portes Gil e monsenhor Ruiz y Flores, sob a tutela de Mr. Morrow, seria marginalizado pelos responsáveis por tão desastrado acordo que acabou, Deus sabe por quanto tempo, com a possibilidade de restabelecer no México uma ordem social autenticamente cristã.

Durante sua estadia na Nicarágua, Joaquín contraiu amebíase. O clima, a insalubridade e os escassos recursos em sua voluntária reclusão, lhe causaram essa doença persistente, que não o impediu, no entanto, de prosseguir com seus estudos.

No Woodstock College, ele completou o terceiro grau de Teologia, uma matéria pela qual tinha uma predileção especial. Em setembro, ele fez seus exames e depois retornou ao México. O entusiástico jesuíta queria estar em sua terra natal, onde uma nebulosa paz reprimia o desencanto de uma derrota injusta. O conflito religioso, mal resolvido em julho de 1929, permitiu a repatriação dos prelados ausentes e a retomada do culto católico nos templos.

Joaquín foi designado para o Colégio de San José, em Guadalajara, como professor de inglês e assistente do bibliotecário e do Diretor.

Recuperado de seus problemas gástricos, dedicado às suas novas responsabilidades em uma pausa de relativa tranquilidade, em 30 de abril de 1930, na igreja de San Felipe de Jesús, o arcebispo de Guadalajara, Dr. Francisco Orozco y Jiménez, ungiu as mãos do novo sacerdote da Igreja Católica, Apostólica e Romana. O bispo de Tacámbaro, Leopoldo Lara y Torres, atuou como testemunha da ordenação. A essa cerimônia solene também compareceram o cônego Rafael Sáenz Arciga, eclesiásticos e familiares do padre Joaquín Sáenz Arriaga.

Don Francisco, don Leopoldo, don Rafael, doña Magdalena Arriaga de Sáenz e outros membros de sua família aparecem ao lado do jovem sacerdote na fotografia tirada nessa data memorável.

[5] Lara y Torres, Mons. Dr. Leopoldo. Documentos para a história da Igreja Católica no México. Editorial Jus, S. A. México, D. F., 1954. Páginas.

Dois dias após esse evento, o Padre Sáenz realizou seu mais belo ideal humano, a culminação de seus anseios infantis. No mesmo templo de San Felipe de Jesús, ele celebrou sua primeira missa em 2 de maio. Ao elevar a Hóstia consagrada e o Cálice da salvação, o silêncio destacou a emoção mística do celebrante.

Dias depois, no oratório particular da família Olvera, na Cidade do México, ele ministrou a Primeira Comunhão a seus sobrinhos Agustín, Francisco e Rafael Sáenz y Sáenz.

Posteriormente, viajou para os Estados Unidos. Ao chegar ao Texas, passou alguns dias descansando em Ruidoso, um lindo local de lazer cercado por montanhas, antes de ingressar no Woodstock College, em Maryland, para cursar o quarto grau de Teologia.

No início de 1931, visitou a Universidade de Columbia, em Nova York. Em um dia durante o almoço, acompanhado do padre Ford, responsável pelo Newman Club da universidade, sentou-se ao lado de um pastor protestante, professor do Union Theological Seminary. Conversaram sobre Santo Tomás, mencionaram Suárez e trocaram opiniões sobre a filosofia escolástica. Não poderia faltar uma referência ao recém-inaugurado Empire State Building. O pastor perguntou ao padre se ele havia estado lá, ao que Don Joaquín respondeu que não.

– E qual filosofia o senhor vê nesse edifício? – perguntou novamente.

– Doutor, é muita filosofia para dar uma resposta breve. É a filosofia de nossos tempos; é a matéria sufocando o espírito; é a nova Babel que deseja desafiar os poderes divinos.

O ministro protestante ficou em silêncio. Refletiu e disse:

– Felizes vocês, os católicos, que têm algo estável para acreditar; nós gostaríamos de um tipo de ilusão para entreter nossas vidas.

Quando saíram do refeitório, o Padre Sáenz perguntou ao Padre Ford o significado das palavras pronunciadas pelo professor do Union Theological Seminary:

– Nenhum dos professores do Seminário protestante acredita em Cristo, em sua divindade... Eles pensam que a religião é uma exigência da vida, um capricho dos homens, que deve ser satisfeito... Eles, os membros protestantes, são os artistas de

suas igrejas, ganhando assim o seu sustento.[6]

Don Joaquín ia acumulando conhecimentos e experiências humanas. A religião nunca seria para ele um meio de vida, mas o propósito de sua existência.

Ele morava em Poughkeepsie, N.Y. (St. Andrew-on-Hudson), e, dotado para a oratória sagrada, iniciou-se na difícil arte de ministrar exercícios espirituais para audiências muito diversas. Ele os ministrou de maneira muito eficaz para as Servas de Maria na The Xavier High School.

Chegou o momento de realizar sua terceira provação (equivalente a um segundo noviciado, no qual se revisa a vida e as experiências concretas dentro da Companhia de Jesus antes de avançar), e ele fez isso em Poughkeepsie.

Armado cavaleiro da milícia ignaciana, comprovada sua vocação e examinadas suas experiências, foi enviado novamente para a província mexicana.

Em 13 de abril de 1932, teve a seu cargo o piedoso sermão nas solenidades litúrgicas em honra ao Patriarca São José, no mesmo templo onde recebera as ordens sacerdotais dois anos antes.

Duas semanas depois, na Santa Igreja Catedral, por disposição do arcebispo, doutor e mestre Francisco Orozco y Jiménez, ocupou a cátedra sagrada na missa solene que, "para honrar o insigne protetor do catecismo na arquidiocese", foi celebrada de forma pontifical pelo bispo auxiliar, monsenhor José Garibi Rivera. Com sua palavra elegante e emotiva, o padre Sáenz contagiava seu auditório com a firmeza de sua crença, sua fidelidade à Igreja, sua devoção mariana. Seus sermões não eram panegíricos entediantes, mas lições que revelavam as essências evangélicas, expressas com a clareza, simplicidade e sinceridade de um verdadeiro apóstolo de Cristo.

[6] Stoddard, John L., Reedificando uma fé perdida. Tradução do presbítero doutor Joaquín Sáenz Arriaga. 4ª edição. Buena Prensa, México, D.F., 1956. Pág. 183.

CAPÍTULO 3

JUVENTUDE CATÓLICA: REALIDADE E PROMESSA

Ao ingressar plenamente em seu ministério no México, o jovem padre jesuíta não perdeu tempo com trabalhos rotineiros ou acomodados. Em suas interações com os estudantes de Guadalajara, ele demonstrou interesse nos problemas relacionados aos universitários, até se integrar ao movimento de reconquista católica iniciado e continuado sob diferentes planos, convergentes no objetivo, mas divergentes nos meios.

Neste ponto, é necessária uma digressão cuja importância será estabelecida ao observar os resultados alcançados pela UNEC (Unión Nacional de Estudiantes Católicos) e outros grupos que, devido à sua privacidade, não foram devidamente valorizados na história contemporânea do México.

Para defender suas ideias e sua própria existência na Universidade Nacional do México, os estudantes católicos ativos haviam criado, em 1926, a Confederación Nacional de Estudi-

antes Católicos, cujo primeiro assistente eclesiástico foi o jesuíta Miguel Agustín Pro Juárez, fuzilado em 23 de novembro de 1927, antes que pudesse consolidar a obra iniciada.

Ao finalizar o conflito religioso, alguns membros da já diminuída Confederación Nacional de Estudiantes Católicos se reuniram com o propósito de retomar as atividades. Alguém sugeriu a conveniência de consultar o padre Ramón Martínez Silva, S.J., líder da Extensión Universitaria Católica, encarregada de suprir as deficiências na formação religiosa e filosófica dos estudantes. Eles visitaram o sacerdote no Centro Cultural Labor, localizado na rua Cuba 88, na Cidade do México.

O resultado desse encontro foi a instalação, em 31 de abril de 1931, do Comité Organizador da Convención Iberoamericana de Estudiantes Católicos, patrocinada pela CNEC. Esta assembleia ocorreria na Cidade do México durante as comemorações do IV centenário das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe.

“A chave da propaganda preparatória da Convenção foi o primeiro jornal estudantil católico que toda uma geração lembra: Proa[1]. Proa foi obra e criação, em Guadalajara, de Antonio Gómez Robledo”[2] autor da melhor biografia do mestre Anacleto González Flores.

Em 8 de dezembro, teve início a Convención Nacional com uma missa celebrada pelo padre Miguel Darío Miranda, assistente eclesiástico da recém-estabelecida Juventud Católica Femenina Mexicana (JCFM), braço fundamental da Acción Católica Mexicana (ACM), que foi constituída com a antiga ACIM que se pretendia, com essa manobra habilidosa, destruí-la; a Unión Femenina Católica Mexicana (UFCM), em substituição à antiga e meritória Unión de Damas Católicas, e a recente Unión de Católicos Mexicanos (UCM), para adultos. A Confederación Nacional de Estudiantes Católicos foi transformada, sob a direção do padre Martínez Silva, S. J., na União Nacio-

---

[1]Antes de Proa, outras publicações marcaram a presença da juventude. O Centro de Estudiantes Católicos lançou, em 15 de setembro de 1913, o primeiro número de sua excelente revista mensal: El Estudiante, dirigida por Julio Jiménez Rueda; chefe de redação, Alberto de María y Campos; administrador, Luis B. Beltrán y Mendoza. Posteriormente, em 1917, a Asociación Católica de la Juventud Mexicana publicou o jornal, também mensal, intitulado ACIM, e, a partir de janeiro de 1920, editou seu excelente boletim: Juventud Católica.

[2]Calderón Vega, Luis. Cuba 88. México, D. F., 1959. Pág. 30.

nal de Estudantes Católicos (UNEC), Luis Rivero del Val, presidente da Confederação, passou a presidência da UNEC para Manuel Ulloa Ortiz, que a partir desse momento foi considerado o líder moral da União.

Em 12 de dezembro, a Convenção Ibero-Americana foi inaugurada com grande sucesso. Tudo influenciou, além disso, na criação do ambiente. As mesmas circunstâncias negativas externas, 'a oposição adversária que contribuiu um pouco para a sinergização', segundo o pensamento de Gómez Robledo, e a avidez interior que, como retornados de longos exílios espirituais, instigava a todos...

E a qualidade daquele punhado de jovens...

E os mestres. Ao lado da equipe mais brilhante da Companhia de Jesus – padres Martínez Silva, Mariano Cuevas, Eduardo Iglesias, Francisco Stens, Francisco Portas, Joaquín Cordero, Joaquín Sáenz, o padre Saavedra, colombiano, entre outros homens de altíssima cultura universitária...[3]

Na capital da República, foi realizado o Primeiro Congresso Nacional da UNEC. Entre os dias 10 e 20 de setembro de 1933, ocorreram as reuniões das quais Manuel Ulloa Ortiz foi reeleito presidente.[4] Três temas foram programados: *Imperialismo, Problema Agrário e Bibliografia do Estudante Católico*.

Sobre o primeiro tema, o Pe. Mariano Cuevas falou e, sobre questões agrárias, houve um debate acalorado e inesquecível entre os padres Julio Vértiz e Joaquín Sáenz, delineando posições opostas de «esquerda» e «direita».

Na última reunião deste congresso, nos foi feita uma vívida história da Liga de Estudantes Católicos, cujo presidente foi don Pedro Durán, na presença de seu fundador, o P. Carlitos Heredia, e de don Gabriel Fernández Somellera, ex-presidente do Partido Católico Nacional[5].

Um ano depois, a UNEC realizou seu segundo congresso, no qual Armando Chávez Camacho foi eleito presidente. É muito significativo que os membros mais proeminentes da União Na-

[3] Ibidem. Pág. 33.

[4] Em agosto anterior, "por indicação feita em seu favor pelo mestre, licenciado don Manuel Gómez Morin", ingressou no Banco de Londres e México. Leal e eficaz colaborador em suas atividades financeiras e políticas, ele se aposentou em julho de 1972.

[5] Ibidem. Pág. 47.

cional de Estudantes Católicos figuravam como membros distintos do Partido de Ação Nacional, que seria fundado, cinco anos depois, pelo licenciado Manuel Gómez Morín.[6] Nesta lista, estão os nomes de Luis Garibay, Luis Islas García, o próprio Chávez Camacho, o "Chino" Jesús Hernández Díaz, Armando Ramírez, Daniel Kuri Breãia, Gumersindo Galván, Manuel Ulloa Ortiz, Gonzalo Chapela, Carlos Septién García, Luis Calderón Vega, Juan Landerreche Obregón...

O ano de 1934 foi um período em que se acelerou a transformação política e econômica do México. Como resultado do regime revolucionário, surgiu o general Lázaro Cárdenas, com uma ideologia marxista inegável.

Calles, o homem forte do México, proferiu um discurso em Guadalajara em 29 de julho de 1934: "É necessário – disse – que entremos no novo período da Revolução, que eu chamaria de período da revolução psicológica ou de conquista espiritual; devemos estar nesse período e tomar posse das consciências da infância e da juventude, porque a juventude e a infância são e devem pertencer à Revolução. É absolutamente necessário desalojar o inimigo dessa trincheira, e devemos assaltá-la de-

[6] A OCA (Organización, Cooperación y Acción), mais conhecida como a "Base", em sua seção 11, denominada Sinarquismo e Política, agrupou os camponeses na União Nacional Sinarquista e, como órgão político, deu origem a um segundo Partido de Ação Nacional (em 1934, membros do Centro de Estudiantes Católicos haviam fundado um partido político chamado Acción Nacional, uma tentativa imatura que, sem sustentação hierárquica, não conseguiu se consolidar), liderado pelo licenciado Manuel Gómez Morin. A assembleia constituinte ocorreu de 14 a 17 de setembro de 1939; e em 18 de setembro, também na Cidade do México, aconteceu o Primeiro Conselho Nacional Sinarquista, no qual, entre outros, falaram Manuel Gómez Morin, Jesús Vértiz, Miguel Estrada Iturbide, Jesús Guiza y Acevedo e Isaac Guzmán Valdivia, todos membros da "Base", exceto Gómez Morin, cujos antecedentes liberais explicam a independência que o PAN obteve desde o início em relação ao grupo secreto que patrocinou sua fundação.

Cinco anos depois, em dezembro de 1944, o Chefe Nacional do Sinarquismo, juntamente com outros líderes, renunciou à direção do Conselho Supremo da "Base", o que contribuiu para o desaparecimento dessa ambiciosa organização. O Comitê Episcopal, presidido pelo arcebispo Garibi Rivera, diante da "desobediência e perjúrio" às "legítimas autoridades da organização, declarou excomungados todos os líderes e membros juramentados agrupados em torno do chefe Torres Bueno." Nem todos os prelados se submeteram a tão drástica punição.

O arcebispo de Durango, monsenhor José María González y Valencia, decano do Episcopado, levou o caso a Roma. A excomunhão foi declarada inválida em quase todas as dioceses.

cididamente, pois aí está o futuro clero: refiro-me à educação, refiro-me à escola."

O mandato interino do presidente Abelardo L. Rodríguez, que havia substituído o impopular Pascual Ortiz Rubio em metade do governo fantoche movido pelo Líder Máximo da Revolução, General Plutarco Elías Calles, estava prestes a terminar; e Don Abelardo, mais empresário do que ideólogo de esquerda, teve escrúpulos em autorizar, com a sua assinatura, uma reforma radical do Artigo 3º da Constituição estabelecia as normas da educação no México. Em suas memórias, ele faz referência a tal rejeição: "O projeto de reforma do Artigo 3º Constitucional, que propunha a educação socialista, foi impugnado... Sustentei que estava sendo tentada a substituição do fanatismo religioso por outro fanatismo: o socialista".[7]

Lamentavelmente, ele confundia o "fanatismo religioso" com o direito à liberdade de crer e praticar a própria fé, embora fosse explicado por sua filiação maçônica.

Nada deteria aqueles que pretendiam impor a dialética marxista no México. Apenas doze dias após assumir o Poder Executivo, o General Cárdenas promulgou reformas ao Artigo 3º, estabelecendo a obrigatoriedade da educação socialista. Don Lázaro, lisonjeado e perturbado pelo coro de elogios emitidos por seus seguidores, tentou estender a reforma educacional às universidades e, no início de 1935, pediu ao reitor Ocaranza da Universidad Nacional Autónoma de México que a aplicasse às cátedras desta instituição. Vários professores eram pessoalmente adeptos das ideias socialistas ou seus simpatizantes; no entanto, todos rejeitaram o dogmatismo que tentavam impor e defenderam *a liberdade de cátedra*, aberta a toda investigação científica e filosófica.[8] Cárdenas teve que se resignar a contaminar apenas as mentes infantis.

Monsenhor Leopoldo Ruiz y Flores, delegado apostólico, defendeu os privilégios da consciência católica desde o exílio: "Em cumprimento de nossa missão divina, proibimos terminantemente que os católicos, sob pena de incorrer nas censuras estabelecidas pelo Direito Canônico, aprendam, ensinem ou cooperem eficazmente para que se aprenda ou ensine o que tem

[7]Rodríguez, Abelardo L. Autobiografía. México, D. F., 1962. Pág. 150.

[8]Bravo Ugarte, S. J., José. La educación en México. Editorial Jus, S. A. México, D. F., 1966. Pág. 175.

sido chamado no México de 'educação socialista'." "Porque a reforma do Artigo 3º da Constituição se reduz ao ataque sistemático de toda ideia religiosa e à propaganda perniciosa das utopias do comunismo.[9]" Ao longo dos anos, como as diretrizes da Santa Sé e a verticalidade humana de muitos prelados mudariam!

A existência precária do que foi a Liga Nacional Defensora da Liberdade Religiosa, à qual, por exigência categórica do arcebispo Pascual Díaz y Barreto, foi necessário retirar o adjetivo "Religiosa", com suas consequentes implicações de apoio moral e crédito humano que havia alcançado, se sustentava pela comunicação entre antigos cristeros que estavam, alguns deles, evitando o rancor assassino de milicianos e agraristas vingativos.

Surgiram alguns surtos de rebelião armada, prontamente reprimidos pelo repúdio a uma nova "cristiada" por quase todo o Episcopado Nacional, que não apenas se recusou a reconhecer a Liga, coordenadora desses heroísmos inúteis, mas também, em casos específicos, bispos chegaram a anatematizar aqueles que ofereciam seus bens e suas vidas para defender a liberdade cívica e religiosa.

No âmbito juvenil, houve uma resposta saudável aos avanços socialistas. As organizações católicas, UNEC e ACIM, direcionaram a generosidade dos jovens para uma maior consciência religiosa, deixando de lado qualquer atitude política e mesmo social, de acordo com os termos derrotistas estabelecidos nos Acordos de 1929.

Desde o ano de 1933, o Padre Sáenz estava em Guadalajara. Frequentava o templo dos jesuítas e estava encarregado da Congregação Mariana e da de San Luis Gonzaga. Consciente da importância que as "assistências religiosas" haviam adquirido nos grupos de jovens, era convocado para importantes reuniões ou assembleias juvenis, como a mencionada anteriormente da UNEC, realizada no México em setembro daquele ano.

Dentro desse contexto de atividades, que incluía também a função de confessor de jovens e estudantes, o Padre Sáenz permaneceu na capital do estado de Jalisco durante todo o ano

[9] Ruiz y Flores, Exmo. Dr. Leopoldo. Orientaciones y normas dadas por el Exmo. Y Rev. Del. Apost. San Antelo Texas, U. S. A., a 2 de febrero le 1935.

de 1934 e parte de 1935, quando, em 16 de julho, pronunciou seus últimos votos na Cidade do México. Recebeu a nomeação de coadjutor espiritual, ou seja, foi impedido de ocupar cargos de liderança na Companhia de Jesus. Essa atitude de seus superiores se explica provavelmente pela prática comum de agir assim com a maioria dos jovens recentemente ordenados e, possivelmente, por uma desconfiança egoísta e injustificada em relação à sua evidente capacidade intelectual e espírito de independência, embora o Padre Sáenz tenha demonstrado sensatez e capacidade de obediência.

Ao participar na constituição e desenvolvimento de grupos estudantis dedicados a defender de maneira privada os princípios religiosos e os direitos inalienáveis da educação cristã, ele não fez mais do que ser coerente com a realidade mexicana daquele tempo. Padre Saenz sabia que nenhuma sociedade, por mais secreta que seja, é capaz de preservar a doutrina social católica de seus membros, se o ambiente em que ela brota e se desenvolve, não estiver impregnado de fé, orientado por exemplos válidos e dirigido com ortodoxia insuspeita.

Em sua atuação como educador, visando orientar melhor a juventude dando-lhes motivos para recuperar a confiança, ele traduziu a obra de um notável convertido: John L. Stoddard, cujo título revela a qualidade orientadora do livro: "*Reedificando uma fé perdida*".

Embora tipograficamente deixe muito a desejar, esta edição realizada pela editora Layac no México em 1934 teve uma aceitação favorável, o que demonstrou a utilidade do trabalho do tradutor e anotador. Em uma de suas notas explicativas, antecipa-se a um grave dilema que a Igreja enfrentaria no pós-concílio; o da liberdade de crenças: "Uma coisa é a tolerância na ordem das pessoas e outra muito diferente, a tolerância na ordem das ideias. A primeira eleva e enobrece; a segunda rebaixa e avilta..."

"Evidentemente, a Igreja Católica é e deve ser intolerante em sua doutrina, porque essa doutrina constitui o precioso tesouro da Divina Revelação que seu Fundador Divino lhe confiou para custódia e fiel transmissão."

Companheiro e amigo de alguns membros notáveis da Companhia de Jesus, o Padre Sáenz Arriaga destacou-se no campo social e educacional. Ao longo de toda a sua vida, teve a vir-

tude de fortalecer afetos duradouros. Entre seus amigos mais próximos, desde seu retorno definitivo ao México, estavam os padres Ramón Martínez Silva, Eduardo Iglesias, Carlos M. de Heredia (a quem seus colegas submeteriam a uma avaliação psiquiátrica, dizendo que ele estava “louco”), José María Altamirano, José Antonio Romero, Alfredo Méndez Medina, Guillermo Terrazas, e toda aquela plêiade de jesuítas desaparecidos que colocaram a província mexicana em uma posição difícil de ser alcançada em todo o mundo durante a primeira metade do século XX. Depois, viria a traição que mergulharia a Ordem de São Inácio no pior momento de sua história.

Os “Acordos” tiveram a força necessária para dividir pela primeira vez os católicos praticantes. O espírito de obediência predominou na maioria, que assim resolvia confortavelmente seu compromisso interior. Em outros, persistiu o propósito de continuar lutando, de acordo com as circunstâncias, seguindo diferentes tendências e projetos que acabaram por minimizar resultados.

A UNEC foi uma das instituições eclesiásticas em que surgiu o desejo de abrir novas frentes. Em Guadalajara, berço dos cristeros, a União Nacional de Estudantes Católicos desenvolveu uma obra cultural extensa e valiosa, sob a presidência de Antonio Gómez Robledo e, posteriormente, de Francisco López González.

La ACJM, dentro das limitações de sua nova estrutura, reunia seus membros e, discretamente, reconstruía os círculos preparatórios de piedade, estudo e ação limitada à catequese.

Carlos Cuesta Gallardo, sobrinho do governador porfirista Manuel Cuesta Gallardo, precursor de uma reforma agrária condizente com a realidade mexicana, que, por circunstâncias políticas da época, não foi possível realizar, era um estudante apaixonado pela história que, por decisão da família, teve o padre Mariano Cuevas, S. J., como seu professor de história do México.

O governo do Estado de Jalisco, liderado por Everardo Topete, em conformidade com as tendências sociopolíticas da Revolução Mexicana, converteu a antiga Universidade de Guadalajara na Universidade Socialista do Ocidente. Muitos estudantes a abandonaram.

Carlos Cuesta Gallardo, como presidente da Federação de

Estudantes Universitários, liderou a luta contra os avanços planejados da educação socialista, encorajada pela irreligiosidade e anticlericalismo do Jefe Máximo da Revolução, contornada pelo general Abelardo L. Rodríguez, da Presidência do México, e posteriormente "legalizada" por Lázaro Cárdenas.

Em uma assembleia disputada realizada no domingo, 21 de outubro de 1934, a Federação de Estudantes Universitários de Jalisco demonstrou um pensamento unânime e o propósito decidido de rejeitar qualquer ingerência socialista na educação e na vida nacional. O fruto daquela "magna assembleia" foi o manifesto publicado, que terminava com estas palavras solidárias em relação à atitude assumida pelos estudantes:

> *"Não queremos socialismo porque queremos liberdade. Não queremos educação socialista porque queremos ser livres. Não queremos a suspensão da cátedra livre porque exigimos liberdade."*

Carlos e seus colegas contavam com o apoio de todas as classes sociais e com o respaldo moral dos educadores leigos e religiosos, incluindo Sáenz Arriaga, discreto e prudente conselheiro, de caráter pessoal, dos universitários.

O "Giero" Cuesta, como o chamavam carinhosamente seus amigos, Ángel e Antonio Leão Álvarez del Castillo, e Dionisio Fernández, todos eles dirigentes da Federação de Estudantes Universitários de Jalisco, reuniram recursos financeiros e esforços pessoais para fundar uma universidade independente do subsídio oficial.

O evento culminante que provocou a criação da nova universidade ocorreu na Plaza de Armas da cidade de Guadalajara.

Em todo o México, espalhava-se o descontentamento com a educação socialista. Os "*camisas rojas*" (vermelhas)[10]" – jovens recrutados com a promessa de obter benefícios econômicos e favores políticos, precursores dos potenciais guerrilhei-

[10]Dromundo, Baltasar. Tomás Garrido, sua vida e sua lenda. Editorial Guarania, México, 1953. p. 114: "En los años 1934 y 1935 podía observarse que, se esses grupos dependessem diretamente de Garrido, as ordens de este foram transmitidas às camisas vermelhas por meio de três ou quatro pessoas de confiança..." p. 116: "As camisas vermelhas, organizadas militarmente, não são sempre armadas, mas sim ocasionais. Para tanto já haviam lutado contra os universitários do México, em plena rua.

ros de hoje, dirigidos por marxistas-leninistas ativos sob o comando de Tomás Garrido Canabal, Secretário de Agricultura – enfrentavam estudantes, trabalhadores e pessoas de classe média ainda não contaminadas pela filosofia nefasta.

Em Guadalajara, em 28 de fevereiro, membros da Federação de Estudantes Universitários foram atacados por esses jovens exaltados quando rejeitavam, em uma concentração ordenada, a escola socialista.

No dia 3 de março, mil pessoas se reuniram em frente ao Palácio do Governo para manifestar seu repúdio àqueles que se opunham à liberdade de expressão e à rejeição da educação socialista. Surpreendentemente, foram atacadas a tiros da residência oficial. Pânico, gritos, correrias, desafios temerários. Feridos no chão e três mortos: o advogado Salvador Torres González, professor universitário que tentou defender um grupo de meninas e levou um tiro no pescoço; José López, trabalhador; Crescenciano Núñez, camponês. . .

Naquele dia trágico, a Universidade Autônoma de Guadalajara foi formalmente fundada, tendo como primeiro reitor o advogado Agustin Navarro Flores, conhecido intelectual católico que havia feito parte da liderança da Liga Nacional Defensora da Liberdade Religiosa.

"Ativamente, brilhantemente, a equipe da UNEC, com os estudantes mais destacados, participou do movimento, envolvendo os grupos espalhados por todo o país em ações solidárias de escala nacional. Armando Chávez Camacho, então presidente da CNE (Confederação Nacional de Estudantes), se empenhou pessoalmente no empreendimento..."[11]

Posteriormente, houve luta no Conselho da Universidade Nacional Autônoma do México para que a nova universidade em Jalisco fosse reconhecida e oficializada pela UNAM. Nessa ocasião, a UNEC viu sua gente solidarizar-se com os estudantes de Guadalajara e obter o apoio oficial da Universidade Nacional.

Quando a UNEC foi estabelecida em Guadalajara, em 1932, o Superior dos jesuítas no Instituto de Ciências era o R. P. Jesús Martínez Aguirre, E. J. Ao final de 1934, ele e o jovem presbítero Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., foram informados sobre a criação e as características de uma sociedade local, cujas

[11]Calderón Vega, Luis. Ibidem. Pág. 145

atividades eram mantidas em absoluto sigilo, ao contrário do trabalho efusivo e ostensivo da UNEC. Era conveniente agir assim, pois a perseguição religiosa permanecia latente; agora, estava direcionada contra a liberdade de ensino.

O grupo juvenil liderado por Carlos Cuesta Gallardo despertou as suspeitas dos entusiasmados líderes da UNEC, que ficaram surpresos ao ver como a nova Universidade Autônoma de Guadalajara era dominada pelos membros dessa misteriosa sociedade chamada “Los Tecos”.

Carlos González, presidente do grupo regional da UNEC, não conseguia entender a confiança que o padre Martínez Aguirre, S.J., mostrava em relação a essa associação independente. Quando este se mudou para a Cidade do México para assumir o Instituto Patria, o padre Manuel Figueroa, S.J., chegou a Guadalajara em seu lugar e, ciente do segredo, continuou ignorando essa estranha sociedade que parecia ter superado a UNEC em organização e influência nos círculos católicos.

Houve algumas discordâncias e atritos. O padre Sáenz teve diferenças de opinião com os líderes “tecos” da Universidade Autônoma de Guadalajara, divergências em questões de forma, mas nunca de conteúdo, pois era natural que a Companhia de Jesus, acostumada à obediência cega das instituições colocadas sob sua “assistência religiosa”, ressentisse a verdadeira autonomia dos conselheiros responsáveis pela Universidade.

O Terceiro Congresso Nacional da UNEC ocorreu na Cidade do México, durante o mês de setembro de 1936. Daniel Kuri Breña ocupou a presidência e, em abril do ano seguinte, Ramón Martínez Silva entregou a UNEC ao brilhante sacerdote recém-chegado dos mais renomados centros culturais europeus: Jaime Castiello y Fernandez del Valle, S.J., membro de uma família jalisciense. Entusiasta, preparado, dinâmico e criativo, Jaime ainda não havia completado 40 anos. Sua obra, que poderia ter sido valiosa, foi interrompida por um acidente automobilístico que lhe custou a vida em 28 de dezembro de 1937.

Quando esteve em Guadalajara, o Padre Jaime Castiello, S.J., conversou com o arcebispo Garibi Rivera, com Efraín González Luna, com Leão; solicitou uma entrevista privada com Carlos Cuesta, que não aconteceu, e outras pessoas do meio católico. Os jovens da UNEC suspeitavam que Jaime estava

conspirando: “Conspiração muito inocente e realizada à luz do dia”, escreveu a seu pai. “Embora inteiramente indigno, sou Assistente Geral dos grupos de ação católica do país.”[12]

Os ataques aos “tecos” não cessaram. A UNEC estava ressentida por ter perdido sua influência na Autônoma de Guadalajara.

Em substituição a Castiello, foi nomeado o Padre Julio Vértiz, S.J., um célebre pregador sagrado que se fez respeitar e obedecer pelos desorientados dirigentes da UNEC, que se sentiram interferidos e acabaram sendo absorvidos pela ACIM, quando esta foi privada de seu fundador e assistente eclesiástico, Padre Bernardo Bergoênd, S.J., que foi substituído pelo irmão de Don Javier, o R. P. Alfonso Castiello, S.J., o que ocorreu em outubro de 1940. No mesmo ano, o Padre Julio Vértiz deixou a UNEC, sendo substituído por Enrique Torroella, S.J.

O Quarto Congresso da União Nacional de Estudantes Católicos ocorreu em setembro de 1938. “Chino” Jesús Herández Diaz foi eleito presidente. No Quinto Congresso, já com o Padre Torroella como assistente eclesiástico, Luis Calderón Vega assumiu a presidência. Era dezembro de 1940 e, no início de 1941, a UNEC foi desarticulada na tentativa de que seus membros ingressassem no inovador Movimento Estudantil e Profissional (MEP), da ACIM. Como era de se esperar, tal pretensão fracassou retumbantemente. Houve um último congresso da União em dezembro de 1942, e coube a Manuel Cantá Méndez a ingrata responsabilidade de dar por desaparecida para sempre essa União Nacional de Estudantes Católicos, que contou com membros destacados e entusiastas, mas incapazes de conservar incontaminado esse organismo receptor dos mais puros ideais juvenis.

Tudo isso é relevante para oferecer um panorama das influências, interesses e manobras que, dentro da Companhia de Jesus, tornavam-se cada vez mais evidentes dia após dia.

Que força estranha movia, na sombra, os fios dessa trama?

[12] Ortiz Monastério, Xavier. Jaime Castiello mestre e guia da juventude universitária. Editorial Jus, S. A., México, D. F., 1956. Pág. 290.

CAPÍTULO 4

DIRETOR DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS

Uma característica peculiar da Companhia de Jesus é a mudança surpreendente de cidade e a alteração das tarefas atribuídas aos seus membros. O Padre Sáenz Arriaga, que desempenhara tão eficazmente seu trabalho junto aos estudantes de Guadalajara, foi enviado para lecionar espanhol no Spring Hill College, em El Paso, Texas, e no Mobile Co. de Alabama, província eclesiástica de Nova Orleans. Ele passou o ano de 1936 nos Estados Unidos e, em 1937, foi enviado para a casa de retiros de Santa María de Guadalupe, em Chihuahua, Chih. Junto com ele estava o Padre Guillermo Terrazas, também S.J., e ambos se dedicaram a organizar exercícios espirituais não apenas na capital do Estado, mas também em outras cidades do norte.

Estudioso dos sistemas sociopolíticos em relação à doutrina social da Igreja, publicou na revista *Christus*, editada pela Companhia de Jesus, um extenso artigo intitulado "*Sociologia. O comunismo, eis o verdadeiro inimigo*", no qual, além de expor as teses conhecidas dos Papas Pio XI e Pio XII, deixou regis-

trada sua própria reflexão, coincidente com a de seus irmãos de religião. Vale a pena lembrar das conferências concorridas realizadas naquela época pelo Padre Eduardo Iglesias, na igreja de São Francisco, na Cidade do México.

Em 1938, o Padre Sáenz foi para Torreón, Coahuila, designado para a Casa da Santíssima Virgem do Monte Carmelo. Lá, ficou encarregado das Congregações Marianas, a de São Inácio para homens e a de São Luís Gonzaga para menores. Devido a esse trabalho, ele se dedicava ao catecismo e a questões relacionadas à paróquia do Carmelo.

A política internacional, precursora da Segunda Guerra Mundial, na qual os campos rivais estavam se delineando, levou o governo cardenista a um gradual disfarce em seus excessos socialistas e, portanto, a uma maior tolerância com a Igreja Católica. O perspicaz jesuíta soube aproveitar essa situação para fortalecer a obra de proselitismo religioso que a Companhia de Jesus, mais do que qualquer outra ordem, realizava. Com uma visão clara do mundo contemporâneo, o Padre Sáenz apoiou a ideia de realizar um novo congresso nacional das Congregações Marianas masculinas – só existiam dois antecedentes no México, o de 1913, do qual surgiu a ACIM, e o de 1919 – . Este congresso foi realizado na igreja do Carmelo e marcou uma nova etapa na vida dessa instituição em nível nacional.

No ano seguinte, em maio de 1939, a Congregação de Senhoritas, estabelecida na igreja de San Felipe Neri, na Pérola Tapatía, convocou o Primeiro Congresso Nacional de Congregações Femininas.

Em ambos congressos, o estabelecimento da Confederação Nacional das Congregações Marianas foi aprovado por aclamação unânime e entusiástica... Este belo e importante projeto foi acolhido com benevolência paternal, abençoado e aprovado tanto pelo Venerável Episcopado quanto pelos Superiores jesuítas.[1] “O Comitê Organizador, liderado na época pelo Reverendo Padre Manuel Cordero... estabeleceu as bases que serviriam para a organização e vida da Confederação Nacional das Congregações Marianas da República.”[2]

[1] Álbum del Magno Congreso de las Congregaciones Marianas de la República Mexicana realizado na cidade do México de 20 a 27 de abril de 1941.

[2] Discurso: “Confederação Nacional do CC. MILÍMETROS. do México”, por

Nessas múltiplas tarefas, às quais ele acrescentava missões frutíferas pelo norte do país, o tempo passou. No meio de 1939, ele retornou à Cidade do México. Instalou-se na chamada Casa do Sagrado Coração de Jesus, na Rua Rivera de San Cosme número 5, a residência dos jesuítas. Preparado como estava para desempenhar funções importantes na Sociedade de Jesus, foi colocado à frente do Secretariado Nacional das Congregações Marianas e deu impulso definitivo ao estabelecimento da Confederação projetada nos congressos marianos de Torreón e Guadalajara. Criou e dirigiu como órgão jornalístico dessa associação a revista “Sodálitas”[3], na qual publicou uma série de artigos “tratando alguns temas importantes, direcionados à formação da juventude, principalmente aqueles relacionados com o problema mais sério e transcendental dos jovens, tanto homens quanto mulheres, a escolha do estado”.[4]

O estudioso jesuíta compreendia e sabia estimular os jovens, que não lhe economizavam apreço e respeito. O resultado de seu convívio frequente com a juventude católica do México foram os artigos cujos títulos dão uma ideia da sensatez de seu pensamento: “A formação do caráter”, “A força da vontade”, “A vida sobrenatural das Congregações Marianas”, “As normas morais que devem regular o trabalho e os relacionamentos dos jovens de ambos os sexos”, “Amor que se valoriza, amor que se vende”, “O noivado, tempo de preparação”, etc.

Estes artigos, escritos para leitores dentro da influência jesuíta da época, foram considerados suficientemente importantes para não deixá-los se perder nas páginas de uma revista necessariamente efêmera. A sugestão de seus superiores levou o autor a compilá-los em um livro intitulado “*Nuestros jóvenes, ellos y ellas*”, publicado pela “Buena Prensa”, editora da Companhia, em 1945.

---

el R. P. Joaquín Sáenz Arriaiga, S. J. Pág. 124 do Álbum.

[3]O primeiro número de Sodálitas apareceu em outubro de 1939. Sem interrupção, foi publicado por pouco mais de quatro anos. Além dos editoriais dedicados aos jovens de ambos os sexos, o prolífico periodista jesuíta escreveu, nos anos 1942, 1943, uma série de estudos mariológicos, não por frases menos profundas. Abundam, também, suas notas bibliográficas, seção que colabora com os eruditos Alberto Valenzuela, S. J., José Antonio Romero, S. J., Pbro. García Gutiérrez, etc.

[4]Sáenz Arriaga, S.J., Dr. Nossos jovens, eles e eles. Sua formação e seus problemas. Editorial Buena Prensa, México, D. F., 21945.

Os jesuítas eram, naqueles anos, os principais guias da juventude católica mexicana. As associações juvenis estavam sob sua liderança: estudantes, empregados, adolescentes. Cada associação desenvolvia atividades específicas, dentro do espírito original da Ação Católica estruturada por Pio XI, conforme sua própria definição: “A participação do laicato no apostolado hierárquico da Igreja”, que visa à recristianização da pessoa humana, da família, da sociedade e da nação. Esta é a paz de Cristo no reino de Cristo.

O diretor pontifício da Ação Católica Mexicana naqueles anos era o Excelentíssimo Senhor Ignacio Márquez, arcebispo coadjutor de Puebla e, posteriormente, titular.

A Junta Central da ACM era presidida pelo licenciado Mariano Alcocer, um homem de sólida cultura religiosa e social.

Enquanto o padre Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., era diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas da República Mexicana, essas congregações, dentro do território da Província do México, solicitaram sua incorporação à ACM. A solicitação foi assinada em 14 de agosto de 1940, pelo notário Luis G. Ortiz y Córdova, secretário da Confederação das Congregações Marianas de varões, Luz Formento, secretária das Congregações Marianas femininas, e pelos respectivos tesoureiros.

Em 27 de agosto, o licenciado Mariano Alcocer enviou uma resposta positiva ao padre diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas.

A Companhia de Jesus completava quatro séculos de existência; quatro séculos nos quais a história universal lhe devia salutares e não poucas interferências. Em seus primórdios, tinha sido um exército poderoso e disciplinado que enfrentou a Reforma Protestante e, embora não a tenha dominado, pelo menos evitou que se apoderasse de importantes redutos católicos.

Para celebrar no México o quarto centenário do reconhecimento pontifício da ordem de Inácio de Loyola, a Confederação Nacional das Congregações Marianas, liderada, como mencionado, pelo R. P. Joaquin Sáenz Arriaga, S. J., lançou o projeto de realizar um grande Congresso Nacional das Congregações Marianas da República Mexicana.

Com essa iniciativa aprovada, o R. P. José María Altami-

rano y Bulnes, S. J., recebeu a responsabilidade de presidir o comitê organizador do evento, que foi programado para a semana de 20 a 27 de abril de 1941.

Este congresso se reuniu "nos momentos em que ocorre no mundo uma das crises mais angustiantes pelas quais a humanidade já passou – apontou em seu discurso a jovem e inteligente congregante Josefina Muriel; uma das mais graves devido à enorme transcendência contida em suas implicações e grave também porque suas convulsões adquiriram proporções universais."

É reconfortante e ao mesmo tempo encorajador que, no meio dessa crise em que os valores humanos estavam subordinados aos interesses materiais, um grupo representativo de cem mil congregantes marianos tenha se dedicado à oração, ao serviço ao próximo, à pregação da paz, do amor e da única e verdadeira fé.

Participaram os talentos mais destacados da Companhia e leigos de inquestionável ortodoxia católica, incluindo o engenheiro Antonio Santa Cruz.

Com uma sessão solene realizada no Frontón México, cheio até a borda, encerrou-se esta memorável assembleia. Falaram Alfonso Junco, Manuel Herrera y Lasso; o padre Gabriel Méndez Plancarte, célebre literato, recitou um poema dedicado a nosso líder:

"Ignacio de Loyola, Capitão destemido da invencível Companhia que carrega o doce nome – nome doce e terrível – de Jesus como insígnia!"

A Comissão Diretora do Congresso foi composta por Francisco Robinson Bours, S. J., provincial da Companhia de Jesus no México; José María Altamirano y Bulnes, S. J., presidente da Comissão; Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas; Eduardo Iglesias, S. J., e José Antonio Romero, S. J. Um grupo humano coeso e valioso do qual o padre Sáenz foi o dinamo que gerou a energia para conduzir este bem-sucedido congresso nacional.

Ano após ano, durante a Quaresma, costumavam enviar o zeloso sacerdote aos lugares mais necessitados espiritualmente. Era sabida a fama que os jesuítas tinham como educadores e pregadores, já que ambas as coisas são a mesma no ensinamento do catecismo, um guia seguro para chegar ao céu.

A espiritualidade do padre Sáenz se manifestava em sua pregação fervorosa, em seus conselhos ternos aos penitentes, em suas explicações claras sobre a intrincada Teologia.

Em fevereiro de 1940 e março de 1941, ele chegou ao porto de Tampico e participou das séries de exercícios espirituais oferecidos à população na catedral. Sua crescente celebridade atraía principalmente os jovens. As crianças, uma vez que o conheciam, circulavam ao seu redor como pombas obedientes ao seu chamado. Centenas de criaturas acudiam para ouvir o bondoso padre, que enviava mensagens indescritíveis de bondade aos seus corações. Entre essas centenas de meninos e meninas estava uma garotinha de apenas onze anos de idade, dotada de um talento incomum, grande receptividade e profunda vocação religiosa, que traduzia sua inspiração inata em poemas místicos. Essa menina, que se destacaria desde sua precoce maturidade no mundo das letras castelhanas, sentiu-se sobrecarregada de admiração e, em seu caderno escolar, escreveu versos dedicados "com gratidão e respeito ao padre Sáenz". Sua beleza conceitual, suas metáforas vigorosas, seu ritmo e sua delicadeza não apenas revelam o domínio da palavra por essa poetisa precoce, mas também mostram o quanto a pregação franciscana do padre Sáenz a impactou, e supostamente a todas as crianças:

Passas pelo jardim de nossa vida
como um riacho que, ao regar as flores,
esmalta suas pétalas de mil cores...
Em ti vão beber os rouxinóis
que, cansados, seguem seu caminho,

e esperam em tuas águas cristalinas
recuperar as forças que perderam...

És como o brilhante sol da primavera
que derrama sua luz na pradaria
e assim ajuda a fecundar a terra,
e és na tormenta das almas
o arco-íris que afugenta a nuvem
e nos anuncia o fim da tormenta.

E fazendo tanto bem em nossas almas
não esperas nenhuma recompensa,
mas Deus te premiará em sua glória imensa.

Em 29 de fevereiro de 1940

No ano seguinte, a menina repetiu seus exercícios espirituais após o retorno do padre. Nesta ocasião, ela dedicou não apenas uma, mas duas poesias ao sacerdote que a inspirava "uma grande confiança para falar sobre suas experiências e desejos interiores". Gloria Riestra, a menina em questão, lembra: "Ele me iluminou em muitos aspectos e me firmou em determinações fundamentais que influenciaram toda a minha vida posterior". É importante destacar que essas poesias e conceitos foram elaborados por uma menina de 11 anos. O testemunho de Gloria Riestra é apenas um dos muitos que poderiam ser citados ao longo da vida desse homem que, diante da adversidade e do desprezo de seus próprios irmãos na fé, assim como em meio à bonança de sua celebridade, permaneceu fiel à sua vocação sacerdotal.

A imagem severa do padre escondia um outro lado; por trás de sua expressão austera, revelava-se sua inata bondade e seu desejo constante de agradar. As crianças o adoravam, os jovens se sentiam compreendidos por ele, os adultos o respeitavam e confiavam em sua autenticidade humana e em sua dignidade sacerdotal.

Para comemorar o quarto centenário de sua fundação, a cidade de Mérida estava se preparando para realizar o Primeiro Congresso Eucarístico Arquidiocesano, convocado por Sua Excelência, Dr. Martín Tritschler Córdoba, arcebispo de Yucatán, de 25 a 30 de novembro de 1942.

O Arcebispo não viveu o suficiente para ver seu piedoso projeto realizado, pois Deus o chamou para a eternidade dez dias antes da inauguração do Congresso, que ocorreu conforme os planos por ele programados.

Entre os destacados monsenhores que compareceram estavam os Padres Joaquín Sáenz e Julio Vértiz. O diretor da Confederação das Congregações Marianas escreveu em *Sodálitas*, na edição de janeiro de 1943:

"Uma circunstância muito especial tornou minha estadia em Mérida ainda mais inesquecível: a inesperada e tocante morte de Sua Excelência Reverendíssima Sr. Arcebispo Dr. D. Martin Tritschler y Córdova. Descrever aqui aquela imponente, grandiosa e espontânea manifestação de luto seria totalmente impossível. Eu não vi nada semelhante em nenhum lugar. Todos os eventos públicos foram cancelados no dia da morte do Senhor, o comércio fechou suas portas, todas as casas exibiam sinais de luto em suas portas, e o povo em massa, por quatro dias, prestou seus tributos de apreço, gratidão, carinho filial e dor profunda ao Pai e Pastor, que por quarenta e dois anos governou a Arquidiocese de Yucatán."

Era uma época de respeito e veneração pelos guias espirituais, não políticos, de nosso povo.

Ao chegar a Quaresma de 1943, o Padre se ocupou, como nos anos anteriores, de ministrar Exercícios Espirituais e visitar as Congregações Marianas do interior. Ele esteve em Huiramba, Michoacán, e, ao retornar para a Cidade do México, passou pela cidade de Morelia, onde seu tio e homônimo vivia, o deão da Catedral, que, por suas virtudes, o Monsenhor Luis María Martínez, arcebispo do México, havia escolhido como seu confessor.

Joaquín chegou a Morelia naquela noite e visitou seu tio. Monsenhor Sáenz Arciga fez com que ele visse a inconveniência e dificuldade de partir às dez da noite para o México, mas o sobrinho insistiu: tinha urgência de se apresentar na primeira hora e, junto com dois rapazes da região, alugou um táxi. Às 23h, começaram a viagem difícil e perigosa devido à estrada muito acidentada. Ao chegar ao local conhecido como Mil Cumbres, onde uma curva acentuada leva a outra ainda mais afiada, o motorista perdeu o controle do carro e caíram em uma valeta. Milagrosamente, os companheiros do padre e o motorista saíram ilesos, mas don Joaquín sofreu contusões e cortes, alguns na cabeça que, ao sangrar, davam-lhe uma aparência impressionante. Às 4 da manhã, todos estavam de volta a Morelia. O padre foi internado no Hospital Geral. Sua urgência se transformou em atraso para assumir uma nova responsabilidade. Sua visita ao México foi feita, dias depois, na companhia de um jesuíta e uma dama chamada De la Torre, que se ofereceu voluntariamente para cuidar dele.

Em 9 de maio, foi comemorado o Dia Mundial das Congregações Marianas. Na antiga igreja de San Francisco, ocupada pelos padres jesuítas, foi celebrada uma missa solene. Sáenz Arriaga, embora machucado e cansado, reapareceu nesta cerimônia para dar a bênção com o Santíssimo.

Algumas notícias já circulavam nos bastidores da Ordem, pois don Joaquín recebeu naquele dia um telegrama, assinado por numerosas corporações religiosas de Guadalajara, expressando sua adesão ao "digno cargo" que ocupava nas Congregações Marianas.

Don Joaquín era um homem de ideias firmes, mas ao mesmo tempo acessível a pessoas com diferentes pontos de vista, mesmo em questões de fé, o que explica as boas relações que cultivou com pessoas de alta significação política. Com seu conterrâneo Lázaro Cárdenas, situado no extremo oposto de seu pensamento, soube se fazer apreciar, em justa reciprocidade ao respeito que ele mostrou à sua alta investidura presidencial. Ainda que don Lázaro não gozasse de simpatias generalizadas, é um fato que entre os michoacanos conquistou uma estima franca e leal, sem que seus conterrâneos se sentissem coibidos de apresentar as reclamações e observações que julgavam necessárias.

O padre também manteve relações cordiais com o general Manuel Ávila Camacho, durante o tempo em que ocupou a presidência do México, e ainda mais com sua discreta e fina esposa, doña Soledad Orozco de Ávila Camacho. O seguinte episódio destaca o grau de confiança desfrutado por don Joaquín com a família do Presidente.

Às 10 horas da manhã de 10 de abril de 1944, ao som da Marcha de Honra, o general Ávila Camacho desceu de seu carro no pátio do Palácio Nacional. Ao se aproximar do elevador que o levaria ao seu escritório, o tenente do Exército, Antonio de la Lama Rojas, ficou em posição de sentido diante do Primeiro Magistrado e, imediatamente, sacou sua pistola e disparou um tiro, que roçou a epiderme de don Manuel. O tenente foi desarmado e feito prisioneiro. Ele foi levado ao quartel do 6º Regimento de Cavalaria e, ao tentar fugir, segundo relatos, um de seus guardas atirou nele, ferindo-o com um tiro. Foi conduzido ao Hospital Militar e, após dois dias, morreu, não sem antes receber assistência espiritual do padre Sáenz Arriaga.

Para ajudar as estudantes, além da JCFM, foi criada a União Feminina de Estudantes Católicas, por iniciativa do padre José Mier y Terán, S.J., que assumiu a total responsabilidade desta nova associação.

Os trabalhos foram inaugurados em 12 de outubro de 1935. Na assembleia constitutiva, a jovem María de los Ángeles Cosio foi eleita a primeira presidente. Ela foi sucedida no cargo por María Angelina Servin de la Mora, Delfina Esmeralda López Sarralangue, Emma Verduzeo Velarde e, por último, Carmen Aguayo.

Para um observador atento, não passará despercebida a preocupação da Companhia em orientar a juventude, que seria o fermento da sociedade futura. A aparente repetição de instituições afins se explica pela divergência dos meios sociais e econômicos de seus membros.

Mier y Terán faleceu em 30 de dezembro de 1942. Sua obra havia alcançado um crescimento sólido e, para sucedê-lo nessa delicada direção espiritual e material, a Companhia de Jesus designou o Padre Joaquín Sáenz Arriaga, que também estava encarregado, como vimos, do Secretariado Nacional das Congregações Marianas. O padre estava em comunicação constante com todos os grupos dessa sociedade, viveiro de vocações e excelente escola de vida religiosa para leigos criada pela Companhia de Jesus. Sua prolongada permanência neste cargo dá a medida de sua capacidade e dedicação, virtudes que foram aproveitadas para estender sua atividade fecunda, durante cinco anos, ou seja, desde a morte do padre Mier y Terán, à frente da UFEC. Em 1947, foi sucedido pelo padre David Mayagoitia, S.J., cujo pensamento social diferia substancialmente do seu.

Nunca deixou sua pena ociosa e, naquele tempo, levou às prensas sua obra intitulada "*Donde está Pedro, está la Iglesia*[5]", que demonstra sua fidelidade ao Papado, pedra fundamental da Igreja romana. Este livro se antecipa às calúnias daqueles que estavam interessados em confundir a instituição com a pessoa para acusá-la de heresia.

É importante destacar como, a partir de 1944 até 1952, os antigos jesuítas, com uma sólida formação teológica e como competentes diretores da juventude, estão sendo substituídos

[5] Sáenz Arriaga, SJ, Dr. Donde está Pedro está a Iglesia.

por novos elementos que prenunciam o desastre progressista no qual este instituto religioso, que fez tanto bem às almas, estaria prestes a cair. Agora parece empenhado não apenas em negar seu passado brilhante, mas também em destruir o que seus precursores imediatos fizeram em prol da religião e da pátria.

Acabava de terminar a Segunda Guerra Mundial e, em 1946, realizou-se um congresso das Congregações Marianas na Espanha, no qual participou o carismático jesuíta que estava à frente dessa instituição no México. Alguns congressistas fizeram uma excursão ao Escorial e depois ao Valle de los Caídos. As obras da basílica estavam em seus primórdios, mas os trabalhos na Hospedaria e no Centro de Estudos estavam mais avançados. O projeto geral do monumento evidenciava sua grandiosidade. Não faltou algum compatriota impregnado do espírito utilitário e laico das gerações educadas no "conceito racional e exato do Universo" que expressasse essa opinião:

– Parece mentira que tenha sido gasto tanto dinheiro para fazer este monumento, que estaria bem em outros tempos, mas não depois de uma guerra.

O Padre Sáenz voltou-se para aquele que fazia tal comentário e replicou:

– Para entender essa contradição, é preciso ser católico e espanhol.

Esta grandiosa basílica, coroada com uma cruz colossal, não seria apenas o túmulo do soldado desconhecido, mas sim justo tributo à memória daqueles que, em defesa de Deus e da pátria, fizeram uma entrega desinteressada do maior e mais rico patrimônio do homem: a vida.

O ativo jesuíta liderou o Secretariado e a Confederação Nacional das Congregações Marianas de 1939 a 1947.

CAPÍTULO 5

PROVA DE FIRMEZA IGNACIANA

Ao deixar a direção das Congregações Marianas e da UFEC, Don Joaquín acatou a transferência para o seu novo destino, desta vez na cidade de Puebla. O Instituto Oriente, dirigido por jesuítas, encontrava-se em certo grau de decadência, não apenas acadêmica, mas também religiosa e até social. O Padre Esteban Palomera Quiroz, S. J., havia sido nomeado reitor. Don Joaquín colaborou estreitamente com ele desde o dia de sua chegada à capital angelopolitana. Na igreja do Espírito Santo, mais conhecida como "La Compañía", Padre Sáenz assumiu o cargo de diretor das Congregações e, no Instituto, cuidava da direção espiritual dos jovens.

Em julho de 1948, ele sofreu um acidente de carro; suas feridas causavam dores intensas nas costas e ele teve que ser internado no Sanatório Santa Mônica na Cidade do México, e de lá, para um melhor atendimento, foi transferido para o Sanatório Espanhol. Ele permaneceu praticamente imobilizado, o que o irritava. Seu temperamento sanguíneo, seu dinamismo intelectual e a passividade dos médicos e enfermeiros o deixaram fora de si. Nessa situação, ele veio a lembrar das deficiências, das mesquinharias de alguns membros de sua Ordem

que olhavam mais para seu benefício pessoal do que para a glória de Deus. E ele, incapaz de agir, limitado ao espaço reduzido de seu quarto de doente, privado de sua atividade docente. Diante disso, “seguindo o diagnóstico de um médico anônimo, sem consciência ou escrúpulos”, o Padre Rossi, S.J., determinou a conveniência de transferir o enfermo para um sanatório, desta vez para doentes mentais.

Não era, Don Joaquín, o único membro da Companhia que havia enfrentado tal procedimento radical. Já citei o Padre Carlos M. Heredia, que, para se dedicar a desmascarar espiritualistas, teve que aprofundar-se nessa arte de engano, pelo que seus irmãos o rotularam de louco. Ele só se livrou dessa reputação prejudicial quando demonstrou o contrário com um certificado de sanidade. E este não foi o único caso.

A Don Joaquín foi administrado um sonífero, e adormecido, foi transferido para o sanatório do Dr. Manuel Falcón, localizado na Avenida Iztaccíhuatl, número 180, na Colonia Florida, na Cidade do México. Este local, embora central, possui grandes avenidas nas proximidades. É tranquilo e pouco movimentado. A fachada do prédio e seus interiores são de estilo “colonial”; é amplo, arborizado e limpo, atendido por religiosas.

O paciente indefeso foi internado em 28 de junho. Passados os efeitos do anestésico, é fácil imaginar o quão irritado ele ficaria. Sentia-se vítima do abuso de seus superiores hierárquicos. Certamente, nos últimos dias, ele havia mostrado nervosismo, irritabilidade, mas seu comportamento não justificava que, de repente, sem seu conhecimento e muito menos consentimento, o internassem em um hospital psiquiátrico. Ele se considerava não apenas humilhado, mas destruído; ele percebia que, após sua internação neste lugar, poderia ser impedido de exercer seu sagrado ministério. Ele avaliava as graves consequências de sua crítica situação.

O Padre Martínez, Provincial da Companhia, antecipando um possível escândalo, proibiu todos os jesuítas de visitá-lo; o único que ousou desobedecer essa ordem injusta foi o Padre Julio Vértiz, embora discretamente, para evitar sanções.

Don Joaquín se recusava a se submeter aos testes e à disciplina comuns nessas clínicas, até que o Dr. Luis Sáenz Barroso, seu sobrinho e renomado neurólogo, o visitou. Eles conversaram sem restrições, e o médico lhe mostrou que sua in-

transigência, longe de favorecê-lo, mais o prejudicava. Portanto, seria do seu interesse aceitar a situação e se submeter a todos os testes que quisessem para provar sua sanidade. Assim foi feito.

O Dr. Falcón, competente profissional, o examinou, realizou um eletroencefalograma, análises clínicas, e tudo estava normal. Em seguida, prescindindo do exame físico, Don Joaquín foi submetido a um exame psiquiátrico para "demonstrar" que sofria de paranoia: sua exaltação, sua violência verbal "demonstrariam" tal diagnóstico. A paranoia é um transtorno mental que vai desde a simples e evidente vaidade, a exaltação do próprio eu, até o estado delirante de alguém obstinado que discute e nunca cede a razões. Não é impossível provocar um estado paranoico em qualquer pessoa, por mais sensata que seja, sujeita a pressões psicológicas como humilhação, disciplina extrema e rigorismo da obediência diante de escolhas legítimas. A suposta paranoia de Don Joaquín – suposta no sentido de transtorno mental– foi um recurso adequado para tentar contê-lo, dominá-lo e fazê-lo um instrumento dócil das diretrizes inescrutáveis dos jesuítas enraizados em posições-chave da Ordem.

Alguns de seus amigos não o abandonaram, nem lhe faltaram consolos espirituais. Sacerdotes estiveram com ele, testemunhando seu apreço nos dias de experiências amargas. Quando o confinamento começou a se transformar em um castigo injusto e injustificado, Don Joaquín secretamente encarregou um funcionário de entrar em contato com sua irmã Lupe e solicitar sua intervenção. Ela, por sua vez, entrou em contato com o arcebispo, Dr. Luis María Martínez, grande amigo da família Sáenz Arriaga desde sua juventude, pois morou por algum tempo em sua casa em Morelia. Monsenhor Martínez visitou seu amigo, que conhecia desde a infância, e trabalhou para garantir sua imediata saída do sanatório.

Don Joaquín não estava louco, e isso foi comprovado. A única desculpa que ele obteve no final desse pesadelo foi baseada no fato de que um "lamentável erro humano" havia sido cometido. E foi realmente lamentável!

Ele permaneceu na Cidade do México, cuidando da Casa de Exercícios de San Francisco Javier, em Coyoacán. Nesta residência, teve início a Universidade Ibero-americana e agora

abriga professores dessa universidade. O padre Sáenz passou longos meses em constante meditação e estudo, dedicando-se a ministrar contínuas séries dos saudáveis exercícios espirituais criados pelo santo fundador da Companhia. Somente uma vocação como a dele, disposta ao sacrifício; somente uma vontade fortalecida pela fé; somente um talento capaz de medir a mediocridade alheia foi capaz de perdoar e sustentar seu voto de obediência àqueles que o difamaram e tentaram afundá-lo no desprestígio da irracionalidade e loucura.

Retornou à cidade de Puebla, às suas amadas congregações da Santíssima Virgem de Guadalupe e de São Luís Gonzaga.

Em setembro de 1950, à frente de um grupo de peregrinos, visitou a Cidade Eterna e teve a oportunidade de se encontrar com o Santo Padre Pio XII. No dia 13, a bordo de um avião da companhia Iberia, escreveu estas linhas para sua mãe no México:

> *"Hoje partimos de Roma. Tive a oportunidade de ver Sua Santidade cinco vezes. Tenho muito o que contar. Todos estamos bem. Uma viagem sem novidades. Saudações a todos.*
>
> *Seu filho, Joaquín."*

Instalado em Puebla, ingressou no Instituto de Oriente para ministrar aulas de Ética, Sociologia e Lógica. Publicou e dirigiu a revista "Forja" do Instituto. Escrevia os editoriais e alguns artigos que apresentava como sendo de seus alunos.

Ele foi o criador e executor do projeto do Centro Cultural Scintia, de grande importância acadêmica e social em Puebla, pois nele eram realizadas conferências, concertos e todo evento relacionado aos propósitos específicos desse tipo de instituição.

Ele se cercou de amigos e discípulos que o seguiam e admiravam. Como demonstração de afeto, no dia de seu santo, 20 de março de 1951, ofereceram-lhe um banquete em sua homenagem no local do Centro. Compareceram distinguidos profissionais, alunos e ex-alunos do prestigiado diretor.

Suas atividades não paravam por aí; ele também atendia às obras das Congregações: hospitais, assistência espiritual aos doentes, visitas a prisioneiros, catequese e, com cuidado

IBERIA
LINEAS AEREAS ESPAÑOLAS

DOMICILIO SOCIAL: PLAZA DE CANOVAS DEL CASTILLO, 4 MADRID

DIRECCIÓN POSTAL: APARTADO N.º 100
DIRECCIÓN TELEGRÁFICA: IBERIAVION
TELEFONO: 21 82 30 (10 LINEAS)

A bordo del avión de

13 de Septiembre 1950

Sra Dña
Magdalena Arriaga v. de Sáenz

Hoy salimos de Roma. Me tocó ver a Su Santidad cinco veces. Tengo mucho que contar. Todos estamos bien. Un viaje sin novedad. Saludos a todos

Tu hijo
Joaquín

Carta para mãe datada de 13/09/1950

especial, direção religiosa aos jovens, fossem ou não do Instituto de Oriente. Segundo testemunhos de importantes pessoas daquela geração, ele angariava a simpatia e a confiança das almas sob seus cuidados. Ninguém, que não possuísse sua inteligência, sua força e sua vontade, poderia desempenhar uma tarefa tão múltipla e abrangente quanto a dele. Era natural que, com tanto trabalho, ele parecesse nervoso; mas mesmo assim, não deixou de obedecer aqueles que exerciam autoridade na Companhia de Jesus.

O padre Esteban J. Palomera, S.J., reitor do Instituto de Oriente, conhecia as capacidades do padre Sáenz e o encarregava da redação de seus discursos quando a ocasião exigia. Ele tinha depositado sua vontade nele até que dois invejosos, os padres Cervantes e Cavazos, este último diretor do ensino fundamental, se dedicaram a prejudicar sua imagem. O reitor se deixou convencer, e ao final de 1951, sua aversão pessoal ao dinâmico e franco professor era evidente.

O colégio havia recuperado sua boa reputação, muito prejudicada até um ano atrás. A disciplina e a sobriedade dos educadores e educandos pareciam ter sido restabelecidas. O padre Sáenz, rigoroso e eficaz, havia colaborado nesse ressurgimento momentâneo. No quinto ano do ensino médio, ele ministrava

as disciplinas de Ética, Sociologia e Lógica.

Com o afastamento do reitor e de don Joaquín, a má reputação do Instituto retornou. O padre Palomera passava grande parte do seu tempo fora da escola. O padre Cervantes, que o substituía, era antipático aos alunos, quebrando assim a disciplina. Os jesuítas, longe de dar bom exemplo, sem autoridade válida, participavam de jogos de cartas com apostas organizados pelo padre Cavazos.

A direção espiritual do padre Sáenz foi interrompida, e, para piorar, "Maria Villar, uma pecadora pública e escandalosa, cujo filho ilegítimo estava no Colégio da Companhia", liderava os festivais beneficentes. No meio desse relaxamento, ocorreram casos de indisciplina e escândalo aos quais o reitor volúvel não decidia pôr fim. O corpo docente era heterogêneo. Na escola primária, jovens professoras, antecipando-se ao costume atual, tratavam o diretor com uma familiaridade evidente. Ele, envaidecido com sua autoridade, caía em extremos impróprios de um verdadeiro educador. Sua rigidez era inconstante e, por vezes, excessiva, como em uma ocasião em que um grupo de alunos do ensino secundário retirou do colégio os questionários de algumas provas enviadas pela Secretaria de Educação Pública. Quantas vezes esses furtos pouco originais não ocorrem para salvar o ano acadêmico ou, simplesmente, garantir boas notas? O castigo nesses casos consiste geralmente em ludibriar os infratores, trocando os testes para neutralizar a vantagem. Pois bem, ao saber disso, o reitor ficou enfurecido e ordenou que a caminhonete da escola fosse buscar cada um dos envolvidos em suas casas e os levasse para a casa da comunidade, não para o Instituto, para serem interrogados individualmente, ameaçando-os de denunciá-los às autoridades civis por invasão de domicílio, danos à propriedade alheia, roubo e suborno – nada menos! – enquanto o inquisitivo reitor saciava sua refinada inimizade gravando as declarações dos delinquentes para posteriormente informar à Secretaria de Educação. Em seguida, em um ato público vergonhoso, "diante de todos os alunos da escola, com desonra intolerável para os acusados e para seus familiares, o reitor, depois de um discurso imprudente e ofensivo, expulsou mais de vinte rapazes envolvidos no crime, incluindo excelentes alunos, que sempre

haviam merecido as melhores notas."[1] E a isso, que não consigo qualificar, o padre Palomera chamaria de "disciplina ao estilo jesuíta..."!

As amargas queixas não demoraram a surgir. Tais procedimentos feriam as vítimas e amedrontavam todos que tinham relações com o Instituto de Oriente, proporcionando preconceitos maliciosos sobre o comportamento de professores leigos e religiosos.

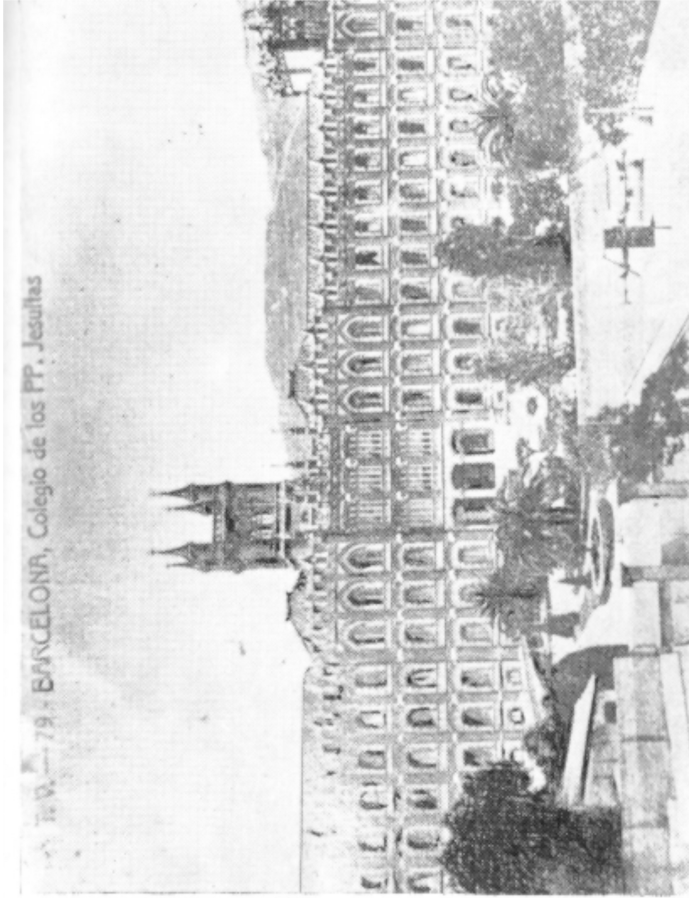
Em uma cidade como Puebla naquela época, era fácil conhecer todas as pessoas em contato com o público: funcionários, profissionais, professores de escola, agentes de trânsito, etc. Para uso do colégio, os jesuítas adquiriram uma camionete na qual saíam para passear com esses senhores, causando grande desgosto ao padre Sáenz, que, informado das críticas externas à sua amada Companhia, denunciou ao reitor os fatos. Ambos tiveram uma acalorada discussão, sem resultados satisfatórios para nenhum dos contendores. Don Joaquín pediu permissão, por telefone, para ir a San Cayetano – seminário da Ordem no Estado do México – para se encontrar com o Padre Provincial. O padre Palomera ficou ainda mais furioso com a audácia do padre Sáenz e decidiu acompanhá-lo. Ao chegar ao escritório do Padre Guerra, Provincial da Companhia, Palomera se adiantou. Don Joaquín compreendeu a inoportunidade de esperar na sala de espera para ser recebido e deixou, para melhor ocasião, seu propósito de relatar ao Provincial as graves anomalias que estavam acontecendo em Puebla.

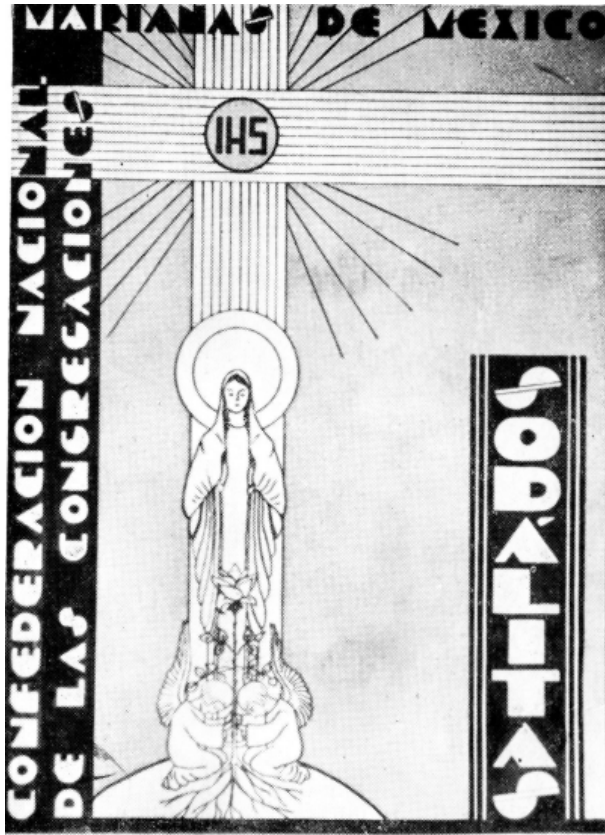
Não lhe surgiria tal oportunidade, e os eventos subsequentes confirmaram suas suspeitas sobre o comportamento de seus superiores, comportamento que ele explicaria mais tarde: "A Província do México tem sido recentemente governada por Superiores que insistem em considerar seus súditos como mentalmente anormais e em buscar na psiquiatria o segredo de seu governo. É o naturalismo (essa denúncia foi feita em 1952, dez anos antes dos eventos no convento de Lemercier, em Cuernavaca) que ignora ou esquece a força da graça. Naturalmente, as consequências dessa visão neurótica e atitude daqueles que têm poder absoluto sobre eles têm sido e são muito variadas: desde o abandono em suas doenças reais até a internação em

[1]Sáenz Arriaga, Dr. Correspondência privada. Carta data de 28 de julho de 1952, dirigida por R. P. Tomás Trevi, S. J., a Roma. Pág. 6.

sanatórios mentais, para serem submetidos a tratamentos de resultados e licitude muito discutíveis, como os eletrochoques e os choques insulínicos. Eu pergunto: pode um Superior, sem o consentimento dos interessados, submetê-los a esses tratamentos desumanos, que podem destruir totalmente a personalidade psíquica dos indefesos pacientes?"

Joaquín Sáenz Arriaga, seminarista em Barcelona, 1923.

Dia da ordenação sacerdotal do Pe. Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., acompanhado pelo Decano da Catedral de Morelia, Joaquín Sáenz Arciga, pelo Arcebispo de Guadalajara, Dr. Francisco Orozco y Jiménez e pelo Bispo de Tacámbaro, Leopoldo Lara Torres.

Vista do Colégio dos Padres Jesuítas de Barcelona, na segunda década deste século.

Com o arcebispo de Morelia, Leopoldo Ruiz y Flores, padre Joaquín Saenz Arriaga. S. J.. recentemente ordenado.

Capa da revista Sodálitas, órgão de distribuição da Confederação Nacional das Congregações Marianas, correspondente ao número 15 de 1º de dezembro de 1940.

Puebla, Pue., dezembro de 1949. Na ordem usual, aparecem na primeira linha: 1. R. P. Ramón Gómez Arias, S, J.; 2. Não identificado; 3. RP Felipe Pardiñas, SJ; 4. RP Joaquín Sáenz Arriaga, SJ: 5. Não identificado; 6. Não identificado; 7. Professor Cavazos, do Instituto de Oriente, Puebla. Na segunda fila: 7. R. P. Jacobo Morán, S. J.; 2. Provincial R.P., José de Jesús Martínez, S.J.; 3. Exmo. Senhor Arcebispo de Puebla. José Ignácio Márquez e Toriz; 4. RP José Antonio Romero, SJ; 5, Não identificado; 6. Não identificado

Visita a Sua Santidade Pio XII, com os congregantes marianos, o R. P. Joaquín Sáenz Arriaga, em setembro de 1950.

Participantes do banquete que em homenagem ao R. P. Joaquín Sáens Arriaga lhe foi oferecido no Centro Cultural "Scintia", na cidade de Puebla, em 20 de março de 1951.

CAPÍTULO 6

O GOLPE DECISIVO

Ao finalizar o ano escolar, o padre Sáenz organizou uma excursão a Yucatán com um grupo de jovens da Congregação, da qual era, como mencionado anteriormente, o diretor. Na cidade de Mérida, em 23 de janeiro de 1952, o carro em que viajava virou com alguns de seus acompanhantes. O padre sofreu um golpe na cabeça e uma fissura no pé direito, que foi imediatamente engessado. Ele sentia uma forte dor na região lombar que, inicialmente, não conseguiram diagnosticar. O padre Palomera, ao tomar conhecimento do acidente, se dirigiu a Mérida. Don Joaquín se sentiu um tanto aliviado de sua responsabilidade para com os jovens, especialmente os que saíram feridos.

Uma vez informado dos detalhes do acidente, o padre Palomera pareceu não se preocupar com o problema e, sem levar em consideração o estado físico do padre Sáenz, decidiu que este deveria retornar a Puebla. Ele próprio se dedicou a percorrer a região rica em monumentos arqueológicos. Durante dois meses, o reitor visitou, aparentemente em um plano de estudo, esses testemunhos da cultura maia.

O padre Sáenz, sem saber, começava sua longa peregrinação pelo caminho da dor, da calúnia, da humilhação. Enquanto permaneceu em Mérida, não faltaram visitantes afetuosos e a

ajuda pessoal do arcebispo de Yucatán. Para o cuidado médico, ele viajou de avião para Veracruz e de lá, de carro, para a cidade de Puebla. Às 5 da manhã do dia 30 de janeiro, ele foi internado no Hospital do Sagrado Coração – rua Sur 13, número 1710. Lá, ficou recluso sem atendimento médico imediato até que seus amigos, a família Conde, o levaram ao Dr. Mendívil, que, a bordo de uma ambulância, o transferiu para a Cruz Vermelha para submetê-lo a um rigoroso exame médico. As radiografias mostraram uma fratura fissurada em uma vértebra da coluna. O Dr. Rafael Mendívil Landa ordenou a colocação de um colete ortopédico no paciente. O desconforto intenso do trauma chegou uma semana depois: náuseas, tonturas, dores lombares e outros sintomas de seu estado físico deteriorado.

Pediu que o padre Manuel Figueroa, S.J., fosse para confessá-lo, mas o reitor negou sua autorização: "O que poderia esperar um jesuíta de sua mãe, a Companhia, se mesmo na hora da morte, o Superior espiritual se recusava a atender ao seu chamado?" – explicaria mais tarde ao Prepósito Geral, padre Tomás J. Travi – "*Para mim, este foi o golpe decisivo.*"

Um dia, o reitor chegou com uma ambulância para transferi-lo, sem aviso prévio, para a Cidade do México. "Eu revivi o tremendo trauma psíquico que havia sofrido há quatro anos", escreveria mais tarde, quando, em circunstâncias idênticas, uma manhã o padre Socio chegou com uma ambulância para me retirar do Sanatório Espanhol desta capital, depois de aplicar uma injeção, e me levar ao manicômio do doutor Falcón, onde tive que enfrentar os momentos mais difíceis e angustiantes da minha vida. Naturalmente, aquela revivência provocou em mim uma repugnância incontrolável, que não era senão o instinto natural que todos temos de autodefesa, "ninguém pode compreender o que significa a indescritível tragédia de um sacerdote, consciente de seus atos, ser internado em uma clínica mental entre os mentalmente perturbados. É o colapso de seu sacerdócio, de seu apostolado, de seu prestígio, de sua família, de sua própria dignidade humana".

O padre Sáenz enfrentava um grave conflito de consciência: não podia obedecer. O arcebispo de Puebla o visitou e ofereceu interceder com o reitor do Instituto de Oriente. Ele fez isso, mas não conseguiu nada. Palomera acusava Don Joaquín de rebelião, algo que fez saber à irmã do padre e ao seu amigo, Don

Ángel Solana. Ele se recusou a visitar o doente e exigiu um pedido de desculpas por escrito. Não conseguindo a submissão incondicional do padre Sáenz, difamou-o afirmando que este havia se viciado em drogas, algo que, oportunamente, foi desmentido por médicos e enfermeiras. Um novo colete, desta vez de gesso, imobilizou e aliviou nos dias seguintes o enfermo, que não se livrou de incômodas recaídas. Após um mês, as radiografias mostraram que as fissuras tinham cicatrizado 'quase completamente'.

"Em 7 de abril, saiu do hospital e, por ordem do padre Palomera, mudou-se para a cidade de Tehuacán. A Semana Santa começava. O padre Sáenz foi acolhido na casa de um ex-aluno seu. No dia 11, Sexta-feira Santa, proferiu um longo e emotivo sermão do púlpito da igreja. Seus esforços físicos distanciavam sua recuperação, e um contratempo inesperado quebrou ainda mais sua estabilidade emocional. Em 27 de abril, recebeu, enviada por meio de um estudante do Instituto de Oriente, uma carta do reitor na qual dizia ter visto as radiografias ordenadas pelo Dr. Mendívil, e embora observasse que ele havia melhorado, não o queria de volta na escola:

"A Consulta da casa é de parecer que V.Sa. não retorne a Puebla. Pedi a opinião dos membros do Conselho da Congregação e do 'Centro Cultural'. Todos eles julgam que V.Sa. não deve voltar a Puebla. Portanto, foi determinado que V.Sa. não volte a Puebla e permaneça em Tehuacán até receber ordens do R.P. Provincial (Roberto Guerra). Diante disso, o R.P. Provincial designou, com data de 11 de abril (quatro dias após a saída do padre Sáenz), o padre Manuel Figueroa como diretor do 'Centro Cultural' e da Congregação, ao qual, na data de hoje, tomei posse de seu cargo."

O medo das denúncias feitas pelo padre Sáenz contra o inepto reitor torna-se evidente na redação desta carta, que contém falsidades e equívocos. Os membros do Conselho da Congregação e do Centro Cultural: o Prefeito, o Secretário, o Primeiro Assistente, o Segundo Assistente, o Tesoureiro e o Instrutor de Aspirantes, publicamente desmentiram essa caluniosa afirmação do senhor reitor (sobre a inconveniência do retorno do padre Sáenz) e apresentaram sua renúncia, expondo a verdade das coisas, em busca de justiça, entre as autoridades imediatas, como o Provincial, o arcebispo de Puebla e o arcebispo do Mé-

xico.[1] Esses esforços foram infrutíferos e mais serviram como incentivo para consumar o inaudito rechaço ao respeitável catedrático que, em 2 de maio, obteve um certificado emitido pelo Dr. J. Antonio Salinas Falero, diretor do Sanatório do Sagrado Coração de Jesus – rua Reforma 302, Tehuacán, Pue – , no qual consta que o padre Joaquín Sáenz Arriaga "apresenta um processo infeccioso hepato-vesicular, uma colite crônica e uma lesão na terceira vértebra lombar", que o obrigam a repouso, pois sua recuperação será lenta e prolongada.

O Padre Provincial Roberto Guerra, S.J., havia escrito em 29 de abril ao padre Sáenz, expressando seu pesar ao saber de sua saúde deficiente, algo que, do ponto de vista humano, era desanimador, mas à "luz da fé", são uma bênção de Deus os males que sofremos. Ele também disse que, assim que se sentisse melhor, deveria se transferir para a cidade de Orizaba, Veracruz, "onde o padre Zaragoza o receberá com prazer e caridade como ele costuma fazer."

> "Como surgiram dificuldades para que volte a Puebla, não vá até que fale comigo. Saio pela manhã para o norte com a intenção de voltar dia primeiro de junho."

A suave melosidade do padre Guerra mal disfarçava seu propósito de pressionar o padre Sáenz para anulá-lo. As atividades futuras da Companhia de Jesus estavam em conflito com o espírito religioso deste sacerdote de vida rigorosa.

O padre Sáenz deu uma resposta ampla e clara, embora comedida, à carta do Provincial: começou agradecendo suas expressões de compaixão e lembrou que, apesar de seus 36 anos na Companhia de Jesus, sua carta não continha uma palavra de esperança ou fórmula de solução; apenas uma ordem que seu estado de saúde o impedia de cumprir, pois estava incapacitado para cuidar de si mesmo em sua vida pessoal. Seu traslado para Orizaba, segundo a opinião médica, poderia prejudicá-lo. Lamentou a inexplicável dureza usada por ele e fez notar que, sobre a caridade evangélica e o direito natural, haviam prevalecido as paixões humanas que confundem o exercício da autoridade com os interesses e intrigas. No pós-escrito, antecipando uma possível retaliação, advertiu sua reverência

[1] Ibidem. Pág. 10.

de que não aceitaria “cair novamente nas mãos de um psiquiatra”. O Dr. Inis Sáenz, competente neurólogo, negava que ele sofresse de alguma deficiência mental.

A don Joaquín não restava outra opção senão renunciar à Sociedade de Jesus, já que sua permanência nela havia se tornado insustentável para ele e inconveniente para os responsáveis por desviar o caminho do instituto ignaciano. A firmeza e decisão do padre Sáenz, assim como a irredutível ortodoxia de outros velhos jesuítas, eram um obstáculo para realizar a mudança de estruturas eclesiásticas e políticas. Eliminar Sáenz e anular os outros membros de sua geração e mentalidade, acostumados à obediência, privados de influência social, seria o princípio da mudança, que posteriormente o Concílio Vaticano II viria a “legalizar”.

Don Joaquín solicitou sua renúncia ao Provincial e se mudou para a Cidade do México. Roberto Guerra, S.J., de maneira muito sutil, confirmou o recebimento de sua carta e respondeu que já havia escrito para o Padre Geral. “Espero que já esteja se sentindo melhor”, dizia ele, “e já sabe, dentro ou fora da Companhia, você será sempre para mim um irmão muito querido.”

A decisão estava tomada. Naquela hora, não faltaram bons amigos e colegas prestativos que tentaram dissuadi-lo. O padre José Antonio Romero, diretor e gerente da Obra Nacional da Boa Imprensa, e o padre Urdanivia, o visitaram na casa de sua irmã, onde estava hospedado. Os três falaram longamente, e, ao final de sua amigável conversa, as razões do padre Sáenz justificaram sua decisão e convenceram seus amigos.

Os rumores e a difamação encontraram terreno fértil entre outros de seus antigos irmãos na Ordem, incluindo alguns dos mais influentes. Diante dessa situação desconfortável, don Joaquín pediu ao padre Romero que investigasse, com o Provincial, se ele havia faltado a seus deveres sacerdotais. O padre Guerra respondeu textualmente: “A Companhia nem publicamente nem privadamente teve queixa contra o padre Sáenz; ele pediu demissão, e ela foi concedida. A assinatura das mesmas não pode ser adiada indefinidamente, e ele pode assiná-las perante mim, perante o Padre Socio ou perante você (padre Romero). Eu quis dar ao padre Sáenz as maiores facilidades e as menores inconveniências, permitindo inclusive que perma-

necesse por um longo período em sua casa, mas é urgente que isso termine."

A carta do padre Romero, com a transcrição da mensagem do padre Roberto Guerra, é datada de 25 de junho de 1952. Um mês depois, don Joaquin relatou minuciosamente tudo o que aconteceu ao padre Tomás J. Travi, S.J., da Curia *Praepositi Generalis*, em Roma, Itália. Em 17 folhas tamanho carta, escritas na máquina em uma única linha, ele formulou sua queixa sem omitir responsabilidades e defeitos próprios.

CURIA PRAEPOSITI GENERALIS
SOCIETATIS IESU

Roma – Borgo S. Spirito, 5
Roma, 27 de outubro de 1952

Reverendo Padre Joaquin Sáenz
Sociedade de Jesus

Meu caro irmão em Cristo, Padre Sáenz:

Recebi sua atenciosa e detalhada carta em 28 de julho, e peço desculpas pela demora em responder, como é compreensível, devido à grande quantidade de correspondências e à extensão de sua carta, que li e reli, e, o mais importante, trouxe ao pleno conhecimento do Padre Geral, como V. R. e a natureza da carta exigem.

Para ser sincero, meu querido Padre, eu esperava receber uma carta sua após o que aconteceu, com o meu pesar que você pode imaginar, e não me enganei ao recebê-la, considerando o espírito superior com o qual suportaria a passada tribulação. Fico muito feliz em ver que V.R. está seguindo o conselho do Padre Romero para o bem da Companhia.

Digo que não me enganei ao constatar, por sua carta, o afeto e a estima que você conserva pela Companhia e sua constância no respeito e gratidão para com ela. Suas palavras finais, de que guarda para a Companhia todo carinho e respeito, e toda a gratidão de sua alma, e que sentirá um consolo especial em poder prestar algum serviço aos seus irmãos naquela que foi sua Mãe por tantos

anos, confesso, meu querido Padre, que me comoveram de verdade, embora eu não esperasse menos de sua nobreza de sentimentos e bom coração.

Pode ter certeza de que suas manifestações serão consideradas, e, depois de tê-las feito, conforme o exigia a decisão de sua consciência e os conselhos de pessoas experientes, eu o instaria a, com a mesma integridade de alma com que as declarou para que se ponha o remédio necessário, sepultá-las todas no fundo sem fundo da bondade e misericórdia do Divino Coração de Jesus, de quem saíram aquelas magnânimas palavras "non recordabor amplius". Conhecendo você, como acredito conhecer e apreciar, não duvido de que saberá atender meu pedido; e pode ter certeza de que não faltarão de minha parte as orações e preces que me pede, para que em todos os dias de sua vida seja um sacerdote conforme ao Divino Modelo, para muita glória de Deus e bem da Igreja em sua querida nação de Nossa Senhora de Guadalupe.

Sempre e em tudo às suas gratas ordens, sem poder esquecer, recomendo-me sinceramente a seus santos ensinamentos e à sua orientação.

In Corde N. et S., in Christo,

Três meses exatos foram necessários para que o Prepósito Geral da Companhia de Jesus respondesse à extensa declaração e denúncia do padre Sáenz. As graves revelações contidas nela, de fácil comprovação, não podendo ou não querendo lidar com elas, eram comprometedoras para a boa reputação da Companhia; assim, era conveniente silenciá-las, ocultá-las e, ao mesmo tempo, aplacar a justa indignação do denunciante. Deixar passar três meses foi uma medida calculada e inteligente, assim como a resposta sintética, adornada com frases untuosas, foi bem pensada. Dizia que o padre Geral tinha sido informado. "Pode ter certeza de que suas manifestações serão consideradas, e, depois de tê-las feito, conforme o exigia a decisão de sua consciência e os conselhos de pessoas experientes, *eu o instaria a, com a mesma integridade de alma com que as declarou para que se ponha o remédio necessário, as sepulte todas*

no fundo sem fundo da bondade e misericórdia do Divino Coração de Jesus, de quem saíram aquelas magnânimas palavras «non recordaber amplius».” O que, dito sem retórica, significava: “Nunca mais fale sobre este assunto.” E, de fato, Joaquín nunca publicou o conteúdo de suas revelações, embora, prevendo ser caluniado, como certamente foi quando denunciou a conspiração pós-conciliar contra a Igreja, tenha deixado cópias e originais da correspondência trocada, protocolizada perante notário. A procedência de todas essas informações é legítima e sua autenticidade é irrefutável.

No cenário nacional, enquanto isso, o futurismo político se antecipava com força incomum. A dois anos do término do regime, o licenciado Miguel Alemán Valdés realizou pesquisas direcionadas à sua reeleição, mas encontrou a franca oposição do cardenismo, que desejava restabelecer seu socialismo frustrado, interrompido pela Segunda Guerra Mundial. Para realizar essa mudança para a extrema esquerda, incentivou o general Miguel Henríquez Guzmán, concessionário de obras públicas e agente de vendas de petróleo no exterior. Em janeiro de 1951, Henríquez Guzmán comunicou a seis jornalistas sua decisão de participar na disputa eleitoral.

Não havia terminado fevereiro quando o primo do Presidente, o licenciado Fernando Casas Alemán[2], inepto chefe do Departamento do Distrito Federal, foi colocado no centro das atenções eleitorais por um grupo de veracruzanos e outro de morelianos. No entanto, naquele ano, choveu fortemente e as ruas da Cidade do México ficaram inundadas como não acontecia desde há muito tempo. Don Fernando teve que desistir de sua tentativa.

O general Lázaro Cárdenas, que havia provocado um “cisma” na maçonaria ao tentar fundar seu próprio rito em Michoacán, havia se reconciliado com seus irmãos da esquadra e do compasso e fora indicado para suceder no grau máximo ao licenciado Luis Cataño Morlet, ex-presidente do Tribunal Superior de Justiça do Distrito Federal.

Este jogo de interesses político-maçônicos se resolveu com

[2]Irma Serrano, “La Tigresa”, em sua autobiorafía Um calzón amarrado, publicado no México em 1979, faz um retrato privado deste funcionamento, seu primeiro e dispendioso amante que passou por honesto e cumplido pai de família.

a candidatura oficial à Presidência da República de don Adolfo Ruiz Cortines, que não escapou às críticas violentas de velhos revolucionários que o acusaram de ter estado a serviço dos yanques que invadiram Veracruz em 1914.

Assim, em março de 1951, ao se constituir a Federação de Partidos do Povo, a candidatura extragovernamental do general Miguel Henríquez Guzmán foi formalizada. Em outubro, o PRI anunciou a candidatura de Ruiz Cortines e, em 20 de novembro, aniversário da Revolução Mexicana, a Convenção Nacional do PAN votou na candidatura do licenciado Efraín González Luna, co-fundador do partido, junto com o licenciado Manuel Gómez Morin, ex-subsecretário da Fazenda do general Calles. Don Efraín gozava de grande estima entre os membros do clero que mais tarde manifestariam sua filiação progressista.

Encontrou apoio moral na maioria dos católicos mexicanos que, por experiência justificada, rejeitavam as promessas vazias dos "priistas" e "henriquistas", embora a linguagem de González Luna, artificial e acadêmica, fosse de difícil compreensão para o povo.

O candidato da Ação Nacional solicitou o apoio dos "tecos" através do padre Manuel Figueroa, S. J., reitor do Instituto de Ciências e amigo da Universidade Autônoma de Guadalajara. Os "tecos" não tinham boa opinião de don Efraín; desconfiavam de sua atuação durante a época cristera, de suas ligações com os revolucionários e das intromissões do grupo maritainiano ao qual ele pertencia, para infiltrar a UAG.

Como resposta à recusa do apoio solicitado, a Companhia de Jesus retirou seus professores Felipe Pardiñas, S.J., e Pérez Becerra, S. J., diretor da Faculdade de Química, das salas da Autônoma, inadvertidamente livrando os universitários da má influência que os novos jesuítas exerciam sobre seus alunos, uma vez que a ordem de Loyola havia iniciado não apenas um declínio franco, anulando seus melhores servos, mas também uma reviravolta sinistra inesperada.

A campanha de difamação e isolamento dos antigos jesuítas estava em seu auge. Embora o padre Roberto Guerra, Provincial da Companhia, tenha afirmado que esta "nem publicamente nem em particular apresentou queixas contra o padre Sáenz", circulava entre seus membros a caluniosa especula-

ção de sua loucura. Que incongruência confiar, como vimos, responsabilidades educacionais e espirituais tão significativas a alguém supostamente insano! Não indicava uma loucura maior entre os superiores da Ordem ao colocar nas mãos dele a educação acadêmica e a orientação espiritual de numerosos jovens?

As suspeitas de Don Joaquín estavam plenamente justificadas. Em 1º de dezembro daquele ano crucial, um jesuíta escreveu para Francisco Zenteno, da residência "Relaciones Culturales", em Madrid, Espanha, uma carta que posteriormente chegou às mãos do mencionado: "O pobre padre sofre de uma doença mental, originada por seu primeiro acidente... Infelizmente, não há esperança de alívio. Isso explicará a você a saída do padre da Companhia de Jesus, a seu próprio pedido."

Don Joaquín suportou com resignação cristã os embustes que estavam sendo criados sobre ele, e sem as amarras da obediência àqueles que se juntaram à conspiração moderna que batia às portas da Santa Sé, fechadas para o erro pela providencial resistência do Papa Pio XII, o padre se dedicou a viajar e pregar a verdadeira doutrina. Em Sahuayo, em Morelia, em Mérida, em Tampico, em todos os lugares que visitou, sua obra apostólica deixou uma profunda marca: palestras, retiros espirituais, sermões, administração de Sacramentos; um conjunto de atividades direcionadas, especialmente, para a juventude.

Sua mãe, uma idosa de 91 anos, era cuidada por sua filha Lore, que morava em uma residência na Avenida Diagonal de San Antonio 1016, na Cidade do México. De natureza saudável, ela recebia os cuidados recomendados para sua longevidade. De repente, os primeiros sintomas de um resfriado apareceram, que em poucas horas se transformaram em broncopneumonia. Seus filhos e parentes próximos foram chamados. Joaquín, o filho mais querido, estava em uma missão em Zamora, Michoacán. Viajou a cavalo para a Cidade do México para estar ao lado de sua mãe; chegou à meia-noite, quando dona "Tita" havia perdido a consciência, pouco depois de receber os últimos sacramentos ministrados pelo padre Manuel Fierro. Rodeada por filhos e sobrinhos, doña Magdalena descansou ao sair o sol no dia 24 de janeiro de 1953.

O Padre Joaquín ficou alguns dias na cidade e, aproveitando sua presença, foi convidado por seus sobrinhos, Luis Co-

varrubias e sua esposa, para oficiar no casamento de sua filha, sem que, nessa ocasião, os pais dos noivos tivessem contado a Igreja escolhida para a cerimônia quem seria o celebrante.

Ao se apresentarem os noivos para finalizar os detalhes na Sagrada Família, na Colônia Roma, com todos os preparativos feitos e os convites circulados, ao perguntarem o nome do oficiante, o Padre Quiroz, responsável pela igreja e antigo colega do Padre Sáenz, reagiu violentamente e disse a eles que de forma alguma esse padre poderia oficiar em qualquer Igreja da Companhia. Mais uma vez, o antigo jesuíta foi difamado para tentar justificar sua rejeição.

Naturalmente, o escândalo não demorou a surgir entre familiares e amigos. Embora Joaquín tenha solicitado uma explicação do que aconteceu ao novo Provincial, Enrique Ruiz, S. J., não obteve mais resposta do que o silêncio. A justiça e a caridade estavam ausentes entre os novos jesuítas da província mexicana.

Don Joaquín viajou para a Europa. Nos primeiros dias de junho de 1953, ele esteve em Roma. Entrevistou-se com o Padre Tomás Trevi, S. J., a quem reiterou e ampliou os graves fatos que havia denunciado. Com extrema prudência, o proeminente eclesiástico atendeu ao ex-jesuíta; ninguém se opôs a que visitasse seus antigos amigos na residência da Companhia, e celebrou missa sem nenhum problema nos altares de seus templos. Recebeu atenções e distinções. Pouco depois de deixar a Cidade Eterna, enviaram-lhe dois codicilos-diplomas para o México. O primeiro, datado de 24 de junho, assinado pelo Prepósito Geral, e o segundo, de 9 de julho, um *Officium de Indulgentiis*, da Sacra *Paenitentiara* Apostólica.

O Padre não foi a Roma em busca de títulos honoríficos, mas sim de novas oportunidades para a sua missão apostólica. Ele se mudou para Madri e observou o descuido espiritual em que se encontravam os estudantes hispano-americanos. Em 8 de julho, escreveu ao Padre Trevi, que se ofereceu para prestar atenção às recomendações feitas pelo zeloso sacerdote, enquanto ele poderia se estabelecer nos Estados Unidos.

Ele sentia uma predileção especial pelos jovens a quem havia dedicado o melhor de sua atividade sacerdotal. Pensou em dedicar-se a eles nos lugares onde estivessem mais desprotegidos. Centenas de estudantes hispano-americanos precisavam

de atenção espiritual nos Estados Unidos. Seu projeto foi bem recebido pelo Padre Trevi, que ofereceu ajudá-lo com o apoio de alguns jesuítas: “Espero mais notícias do que foi combinado com o Padre Sobrino desde os EUA para seguir em frente para o destino providencial que almejamos”, disse ele em sua resposta ao Padre Sáenz.

De volta ao México, ele se estabelece na rua Saltillo 101 e recebe sua correspondência do Padre José A. Sobrino, S.J., responsável por processar seu visto para morar nos Estados Unidos. Seu projeto de atender espiritualmente aos estudantes hispano-americanos recebe aprovação do Provincial dos jesuítas em Nova York. O local escolhido para trabalhar foi a Universidade de Fordham. Cartas vão e vêm, e surgem diferentes possibilidades, incluindo a de mudar sua futura residência de Nova York para Chicago. O Padre Sobrino, diligente e convencido, viajou para esta cidade, conversou com o Padre Provincial, John Egan, que recomendou o intermediário ao Padre J. D. Connerton, diretor do Newman Club da Universidade de Chicago. O Padre Connerton já havia trabalhado com estudantes hispano-americanos e recebeu com prazer a sugestão de que um padre de língua espanhola colaborasse com ele. Ambos visitaram o Vigário Geral, que se ofereceu para levar o assunto ao Cardeal após seu retorno de Roma, onde estava. Era necessário escrever algumas cartas, certos relatórios, ocultando diplomaticamente a antiga militância do Padre Sáenz na Companhia de Jesus. Finalmente, em 12 de novembro de 1953, o Padre Tomás J. Trevi escreve ao Padre Sáenz, lamentando o fracasso de suas tentativas. Alguns membros da Companhia de Jesus estavam interessados em anular todos os esforços de Joaquín, mas ele sempre se mostrou disposto a colaborar em sua missão educacional e espiritual com seus antigos irmãos da Ordem.

Em 1954, atendendo ao pedido do Padre Manuel Figueroa, S.J., assessores da Universidade Autônoma de Guadalajara estabeleceram em Puebla uma organização juvenil, destinada a neutralizar a crescente influência e intromissão dos comunistas na universidade poblana. Este grupo foi presidido pelo entusiasta Ramón Plata Moreno e recebeu o nome de “Frente Universitario Anticomunista”. Seus colaboradores imediatos foram, entre outros, Francisco Mugemburg, Luis Felipe Coello,

Klaus Feldman e Víctor Sánchez Steimpreis.

A nova organização foi bem recebida pelos setores católicos e até por elementos do governo estadual. O próprio arcebispo Octaviano Márquez Toriz concedeu seu apoio e respaldo moral a eles.

El padre Sáenz Arriaga conservava o apreço e a estima do padre Figueroa, e a pedido deste, colaborou nos passos iniciais da Frente Universitario Anticomunista, prestando-lhes assistência religiosa, até que a figura desastrosa do líder começou a revelar sua verdadeira dimensão. Ao surgirem as primeiras divergências com os senhores Plata, Mugembur e Coello, Don Joaquín renunciou a continuar colaborando com eles. O fervor inicial da Frente não foi além da publicação de impressionantes desdobramentos na imprensa de Puebla e do Distrito Federal, atacando os comunistas que, ignorando a inócua ofensiva jornalística, tomaram posse do edifício Carolino, sede da reitoria da Universidade Autônoma de Puebla. Os jovens simpatizantes do Partido Comunista expulsaram estudantes e professores que rejeitaram a dialética marxista e, desde então, transformaram a universidade em um importante centro de doutrinação.

Diante da ineficácia da Frente em deter os mencionados avanços socialistas, Ramón Plata Moreno[3] e seus colaboradores estabeleceram-se na capital do país e se apresentaram como salvadores da Universidade Autônoma do México, para o que fundaram o Movimento Universitário de Renovada Orientação, mais conhecido como MURO. Contando com os recursos inicialmente obtidos em Puebla da iniciativa privada e depois de alguns empresários bem-intencionados do chamado Grupo Industrial de Monterrey, começaram por infiltrar os colégios católicos das ordens la Salle, maristas e jesuítas, principalmente na Universidade Iberoamericana, onde Plata Moreno contou com o apoio do reitor, Hano Martens.

No sangrento conflito estudantil de 1968, os contra-ataques do MURO não conseguiram enfraquecer os obscuros planos soviéticos que tentavam destruir o governo e assumir o poder. Passou mais de um ano para que o cardeal Miranda decidisse desautorizar essa associação em sua arquidiocese, dentro da

[3]Assassinado na cidade do México em 24 de dezembro de 1979. Seus assassinos não foram identificados.

qual, declarou, "trabalham elementos impregnados de materialismo e socialismo marxista, inclinados a minar os fundamentos da sociedade e da Igreja." Sua Eminência se contradizia, como em outras ocasiões.

Federico Mügemburg Rodríguez, em um trabalho documentado sobre a infiltração da Democracia Cristã no México no início dos anos 60,[4] aponta o perigo de tornar essa corrente política a base do socialismo, como ocorreu no Chile, como acontece na Itália, como ocorria na Venezuela... Esse deslizamento ideológico, planejado pelas falsas direitas enraizadas nas estruturas eclesiásticas, encontrou terreno fértil nos quadros juvenis do MURO.

A perspicácia do padre Sáenz previu a infiltração de falsos católicos nesta sociedade, cuja origem era, precisamente, defender a Igreja contra investidas reformistas e socializantes. Ele afastou esse fruto malogrado e continuou a semear fé e amor. Intensificou suas atividades, prosseguiu com dedicação paternal cuidando de seus jovens estudantes, suas missões, seus exercícios espirituais, solicitados e procurados em muitos lugares. Sua inquietação pastoral o obrigava a viajar constantemente, e, quando as circunstâncias o exigiam, ia para Roma. Durante suas estadias na Cidade Eterna, visitou várias vezes Sua Santidade Pio XII. A última vez que o viu, poucos meses antes da morte do Pontífice, foi acompanhado por sua irmã Guadalupe. O Papa os recebeu e posou para uma foto com os irmãos Sáenz Arriaga, mostrando assim especial deferência por don Joaquín.

O ex-jesuíta dedicou-se, como mencionado anteriormente, à atenção preferencial dos estudantes universitários. Na Colônia del Valle, na Cidade do México, abriu uma casa onde fornecia assistência, algumas vezes gratuita, a um grupo de jovens. Ele os ajudava em seus estudos, os orientava e aconselhava. Celebrava a Santa Missa e rezava com todos o Rosário, uma prática que não descuidou desde sua infância até o fim da vida. Assim se passaram esses anos, sem grandes altos e baixos nas atividades desse sacerdote incardinado na Arquidiocese do México, a partir de 14 de julho de 1958.

[4] Mügemburg Rodríguez, Federico. La Cruz é uma arte subversiva? Editorial Ser, SA, México, DF, 1970.

CURIA PRAEPOSITI GENERALIS
SOCIETATIS IESU
Roma - Borgo S. Spirito, 5

Romae, 27 de Octubre de 1952

Rdo.Pbro.Joaquin Sáenz
P.Cti.

Muy amado en Cto. P.Sáenz:

Recibí su atenta y prolija carta el 28,VII y me va a perdonar que haya tardado tanto en contestar, como era razón, en atencion a la mucha correspondencia y a la extensión de su carta que he leído y releído y, lo que más importa, pasado a pleno conocimiento del M. P.General como V.R. y la naturaleza de la carta lo requería.

A decir verdad, querido Padre, ansiaba recibir carta suya despúe de lo que ocurrió con la pena mía que podrá V.R. suponer y no me engañé al recibirla en el concepto que tenía del espíritu superior conque sobrellevaría la pasada tribulación. Hizo V.R. muy bien en seguir el consejo del Padre Romero para bien de la Compañía.

Digo que no me engañé al constatar por su carta el afecto y estima que conserva de la Compañía y su constancia en el respeto y gratitud hacia ella. Sus frases finales de que guarda para la Comp ñía todo cariño y respeto y toda la gratitud de su alma y que sentirá especial consuelo en poder prestar algún servicio en sus herma nos a la que fué su Madre por tantos años, le confieso, querido Padr que me conmovieron de veras aunque no esperaba menos de su nobleza de sentimientos y buen corazón.

Puede estar seguro que se tendrán presentes sus manifestacione y después de haberlas hecho, conforme lo pedía el dictámen de su conciencia y los consejos de personas experimentadas, yo le pedirí que, con la misma entereza de alma conque las ha declarado para que se ponga el remedio necesario, las sepulte todas en el fondo sin fo de la bondad y misericordia del Divino Corazón de Jesús de Quien s lieron aquellas magnánimas palabras "non recordabor amplius".

Conociéndolo a V.R., como creo conocerlo y apreciarlo, no dudo que sabrá satisfacer mi petición y puede estar seguro que no le fa tarán de mi parte la plegaria y oraciones que me pide para que en t dos los días de su vida sea un sacerdote conforme al Divino Modelo para mucha gloria de Dios y bien de la Iglesia en esa querida naci de Nuestra Señora de Guadalupe.

Siempre y en todo a sus gratas órdenes, sin poderlo olvidar me comiendo muy de veras en sus SS. y OO.

Imo. n. y s. en Cto.

Carta do Padre Romero, com transcrição da mensagem do padre Roberto Guerra (25/06/1952).

CAPÍTULO 7

A IGREJA PÓS-CONCILIAR

O Papa Pio XII faleceu em Castel Gandolfo em 9 de outubro de 1958.

Durante seu pontificado, ele conseguiu conter a conspiração contínua contra as estruturas da Igreja e a teologia católica, conforme já denunciado por seu antecessor, o Papa Pio X, a quem elevou aos altares.

Após a morte desse Pontífice, no conclave convocado para escolher um novo papa, elementos sutis de discordância foram introduzidos. A ingenuidade e a credibilidade dos velhos cardeais encontraram obstáculos sérios para escolher um fiel continuador da obra realizada pelo *Pastor Angélico*. Finalmente, chegou-se a um acordo na seleção do idoso cardeal Ângelo Roncalli, que habilmente conduziu uma campanha eleitoral para assegurar 36 dos 50 votos no conclave de outubro de 1958, que o elevou ao papado com o nome de João XXIII[1], como revelado pelo cardeal Eugenio Tisserant em um documento divulgado após sua morte.

Uma vez instalado no trono pontifício, João XXIII começou

[1]Excelsior. Diário, México, D. F., 28 de junho de 1972. Pág. 23.

a fazer mudanças, e embora as inovações iniciais não tenham passado despercebidas, poucas pessoas, no entanto, perceberam a importância delas. Faltando com a prudência, ele fez o que seu antecessor havia rejeitado: convocar um concílio ecumênico no momento em que as pressões políticas, as divergências filosóficas, os interesses econômicos globais e as controvérsias sociais exigiam firmeza na doutrina e na liderança.

Desde o momento em que João XXIII tomou a grave decisão de convocar o concílio, vozes autorizadas advertiram sobre o perigo iminente para a Igreja, até então unificada, inabalável no erro e firme em seus fundamentos dogmáticos. Em 31 de agosto de 1962, um grupo de teólogos bem informados sobre os detalhes de um amplo plano para demolir a Igreja denunciou as ameaças e, com uma lógica irrefutável, antecipou as consequências desastrosas do *complô contra a Igreja* que encontraria no concílio um terreno fértil para germinar. Esta obra volumosa e documentada, assinada por Maurice Pinay, circulou entre os padres conciliares. No entanto, sua eficácia foi limitada. Os participantes do complô funcionou como um mecanismo de relógio, lubrificado com todo o dinheiro necessário para orientar notícias e opiniões da imprensa, rádio e televisão em direção a seus objetivos particulares.

Simultaneamente à publicação de "*Complô contra a Igreja*"[2], o Padre Sáenz recebeu uma revista espanhola na qual aparecia um artigo substancial que anunciava, com esperança jubilosa, a oportunidade de reviver as ideias dos irmãos Lehman, famosos convertidos do século passado que defendiam a conversão de seus irmãos judeus, a devoção à Santíssima Virgem e a absolvição da acusação deicida contra o judaísmo. O teólogo avisado percebeu os interesses em jogo e os resultados transcendentes de qualquer concessão doutrinária. Para proteger a Igreja de ataques diretos ou subterrâneos, era necessária a intercomunicação entre aqueles que verdadeiramente amavam e conheciam os perigos que a ameaçavam. Ele viajou para a Europa e publicou seu primeiro panfleto relacionado com a crise iminente: "*Carta de Informação aos Bispos de Espanha, Portugal e América*".

[2]PINAY, Maurício. Complot contra le Iglesia. Edições "Mundo Libre", México, D. F., setembro de 1968 (tradução para o espanhol pelo médico Luis González).

Em Roma, acompanhado pelo padre Rua, estabeleceu contato com o cardeal Samore. Mais tarde, Rua e ele estiveram na Espanha e se encontraram com o general Franco em busca de apoio moral para os católicos mexicanos.

Suas relações eclesiásticas na Europa revelaram que o chamado “Papa Bom”, quando era núncio em Paris, havia sido amigo de altos dignitários maçons.

Ele também foi informado sobre a falsificação de certificados de batismo emitidos para israelitas durante a guerra, quando Roncalli era núncio apostólico na Turquia ou Bulgária.

Essas informações foram divulgadas em seu folheto mencionado, de circulação limitada, que não escapou de ataques promovidos por aqueles que se sentiam afetados.

Sua “*Carta de Informação*”, embora não tenha uma data específica, pelo contexto deduz-se que tenha sido impressa em julho de 1963, meio ano após o encerramento da primeira etapa do Concílio Vaticano II e três meses antes da abertura, por Paulo VI, da segunda sessão em 29 de setembro de 1968.

João XXIII não pôde ver sua obra concluída. Essa responsabilidade recaiu sobre seu sucessor, Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão, para onde Pio XII o havia enviado para afastá-lo da Cúria Romana. Juan XXIII o tornou cardeal em 1958 e o colocou no caminho para sucedê-lo no cargo, como se confirmou no conclave convocado após o falecimento do Papa Roncalli em 3 de junho de 1963.

Durante o Concílio, ele lutou, do lado de fora, com os quatrocentos bispos tradicionalistas e seus líderes, Ottaviani, Lefebvre, Geraldo de Proença Sigaud – do Brasil– , Carli, que denunciou como contrário aos Evangelhos o postulado sobre os judeus apresentado pelo cardeal Bea – documento incluído na Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões– ; os patriarcas orientais e todos aqueles que, sob o pseudônimo de Maurice Pinay, publicaram o livro “*Complô contra a Igreja*”.

À morte de João XXIII, o Padre Sáenz, em aliança com alguns leigos, conseguiu apresentar aos cardeais do Conclave uma biografia com todos os antecedentes modernistas de Giovanni Battista Montini, a quem o presbítero Julio Meinville – culto escritor que denunciou a penetração e o avanço dos postulados do modernismo na nova Igreja– qualificou em particular,

por sua atuação, como Chefe da Maçonaria em Roma.

A habilidade de Montini, a pressão dos centros europeus ameaçando com o cisma, o amor à Igreja dos cardeais Ottaviani e Siri, que representavam a maioria do conclave, foram os fatores determinantes na escolha de Montini. Ao cardeal Ottaviani coube anunciar a elevação ao trono pontifício de Paulo VI.

Durante o Concílio Vaticano II, assembleia em que ocuparam lugares estratégicos os neomodernistas, que se mostraram como os mais piedosos, suaves e diligentes para levar água ao seu moinho, proferiram frases emotivas, mostraram-se insinuantes e partidários de facilitar os difíceis caminhos da exclusividade dogmática. A posse não negociável da verdade que até então havia sido patrimônio intransferível da Igreja Católica ficou sujeita a sutis interpretações. Esses profetas do acordismo democrático pregaram a conveniência do diálogo e abriram as janelas da Revelação Divina ao horizonte sem limites do pensamento humano, a serviço do progressismo religioso.

O Padre Sáenz viajou para Paris; estabeleceu comunicação com Monsenhor Roche, um dos secretários do cardeal Tisserant, que, em seu tempo, foi encarregado por Pio XII de monitorar Monsenhor Montini, na época Secretário de Estado, devido às suas relações suspeitas com pessoas de procedência duvidosa.

O Ulisses da Tradição não parou por aí; ele viajou para o Oriente Médio, cultivou relações com os ritos orientais, cercados pelo sionismo que controla a Cidade Santa, onde estabeleceu a capital de Israel, em oposição à opinião mundial expressa em uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, que supostamente buscava preservar a natureza apolítica de Jerusalém.

Em sua jornada frutífera pela antiga Palestina, em 31 de julho de 1965, Elias Bandak, prefeito de Belém, concedeu a ele o título de cidadão honorário dessa cidade.

O balanço final do Concílio Vaticano II foi prejudicado por suas inúmeras ambiguidades, que, ao longo do tempo, se tornariam terreno fértil para a mudança, falsificação, negação ou condicionamento do magistério anterior da Igreja.

Os primeiros sintomas surgiram imediatamente após o encerramento do Concílio, embora outros eventos, como a pre-

sença de Paulo VI na ONU em 4 de outubro de 1965, indicassem as drásticas mudanças que estavam por vir.

Em sua histórica visita à sede da Organização das Nações Unidas, Paulo VI fundamentou o bem público da humanidade nos valores promovidos por essa organização internacional, e não nos valores morais da Lei Divina Natural e Positiva, como fizeram Santo Agostinho e Santo Tomás.

O Catecismo Holandês, que inevitavelmente foi preparado com antecedência suficiente, foi uma das primeiras badaladas que soaram, claras e contundentes, no meio da crescente agitação do antes pacífico povo de Deus.

No dia 7 de dezembro de 1965, encerrou-se a última reunião da quarta e última etapa do Concílio Vaticano II. A euforia universal rejeitava qualquer advertência de perigo. Ninguém parecia perceber a severa fragmentação que o magistério da Igreja havia sofrido. Apenas alguns, imersos no silêncio de seus retiros, dedicados ao estudo dos documentos conciliares, puderam avaliar as rachaduras que ameaçavam a integridade, até então monolítica, das estruturas eclesiásticas e suas bases doutrinárias.

O Padre Sáenz Arriaga, que havia acompanhado de perto os incidentes do Concílio, que havia estudado os esquemas propostos e as declarações promulgadas, anunciou, antes de muitos, a crise que se aproximava.

"Eu creio na Igreja dos Papas e dos Concílios, não na Igreja de um Papa ou de um Concílio. É absurdo desvincular os ensinamentos dogmáticos, disciplinares ou pastorais do Concílio Vaticano II da estrutura secular de vinte vezes da doutrina apostólica, da doutrina dos Santos Padres e Doutores da Igreja, da doutrina dos Concílios e dos Papas anteriores, da doutrina secular de toda a teologia católica. Qualquer progresso que ignore o passado não é progresso, mas sim ruína e destruição; qualquer interpretação contrária àquela que os dogmas têm não é interpretação, mas sim capitulação."[3]

Tinha passado meio ano desde o encerramento do Vaticano II. Na revista norte-americana Look, de 25 de janeiro de 1966, foi publicada uma extensa crônica escrita por Joseph Roddy, intitulada: "*Como os judeus mudaram o pensamento católico*".

[3]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Con Cristo o contra Cristo, Hermosillo, Sonora, México, 1966. Pág. 5.

Nela são relatadas as interferências judaicas antes e durante o Concílio, até alcançar a declaração, contrária à verdade histórica e à doutrina da Igreja, que isenta de culpa o povo judeu na morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, admitindo tacitamente a própria culpabilidade por "ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo de qualquer época e pessoa contra os judeus."

Esta *Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs* foi promulgada em 28 de outubro de 1965. O capítulo dedicado à religião judaica sofreu inúmeras modificações até culminar com o texto que satisfaria plenamente as demandas israelenses.

Don Joaquín traduziu cuidadosamente o artigo da revista Look. No final do mesmo, acrescentou várias notas nas quais analisa o sentido teológico do texto conciliar e comenta ou expande as intromissões judaicas que conseguiram distorcer o sentido católico da condenação ao povo deicida.

Em nenhuma frase falta a caridade cristã. Escreve com simplicidade, expõe com lógica: "O ataque não é nosso, é deles; não haveria defesa se não houvesse ataque. O ataque do judaísmo à Igreja foi secular, vinte vezes secular; foi permanente: às vezes dissimulado, insidioso, cauteloso; às vezes violento, destrutivo, incendiário e sangrento...".[4]

Ele fundamenta seus argumentos em testemunhos tão válidos, alguns dos quais são provenientes dos próprios judeus e de figuras significativas...

Quando este livro do Padre Sáenz foi lançado, a Mitra Metropolitana enviou-lhe uma advertência, apesar de, na primeira página da obra intitulada "*Com Cristo ou Contra Cristo*", estar impresso o aval de Monsenhor Juan Navarrete, arcebispo de Hermosillo, em cuja arquidiocese foi feita a publicação.

O Cardeal Miranda não escondia seu antagonismo pessoal em relação ao antigo jesuíta. Embora pertencesse à sua arquidiocese, o padre Joaquín não era um dos servis ou incondicionais que, com sua reconhecida capacidade e preparação, buscassem acomodação e acordos com a Mitra. A publicação de seu livro, embora autorizada pelo arcebispo de Sonora, não lhe agradou; ele percebia a resoluta atitude do padre diante das

[4] Ibidem.

mudanças radicais que se aproximavam e que ele teria que implementar em sua arquidiocese.

O cardeal o mandou chamar. O convite foi feito por telefone; o padre, a quem alguns bispos tinham revelado a intenção do cardeal em silenciá-lo, enviou nesse mesmo dia - 26 de janeiro de 1967 - uma carta se desculpando por não poder comparecer à Mitra. Diante da ameaça de repreensão, admitia a possibilidade de ter cometido alguns equívocos em seus trabalhos escritos, no entanto, "com a maior pureza de intenção e com o respaldo de pessoas prudentes de consciência e ciência teológica", pelo que agradeceria a Sua Excelência se dignasse a fazer-lhe, por escrito, suas observações. Ele não comparecia ao encontro por estar sofrendo grande abatimento físico, mas não mental, como alguns eclesiásticos de ideias contrárias às suas maliciosamente propagavam por aí. Aceitava "essa humilhação como sacrifício pessoal a Deus", embora "gostasse que as refutações desses padres fossem mais com razões teológicas do que com ofensas pessoais."[5]

Ele nunca viu seu justo desejo realizado. Nem prelados, nem sacerdotes ou leigos simples foram capazes de refutar uma única de suas sólidas conclusões teológicas.

Ele recebeu um novo chamado telefônico, marcando-o na Mitra para o dia 4 de fevereiro. Desta vez, enviou prontamente desculpas na forma de atestados médicos, assinados por profissionais respeitáveis que atestavam seu mal estado de saúde e a inconveniência, por esse motivo, de atender ao chamado de Dom Miguel Darío.

[5]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Correspondência privada, Ibidem, Pág. 10.

CAPÍTULO 8

O PROGRESSISMO EM AÇÃO

Durante os meses seguintes, a tensa relação entre o Arcebispo, seu Secretário Chanceler e o padre Sáenz parecia suavizar-se. Em 7 de julho, a Madre Superiora da Congregação das Adoradoras Perpétuas do Santíssimo Sacramento solicitou à Mitra autorização para que o Padre Joaquín Sáenz Arriaga continuasse, pela terceira vez, como confessor ordinário da comunidade, pedido que foi concedido em 10 de agosto.

Naqueles dias, seu livro "*Cuernavaca e o Progressismo Religioso no México*" foi publicado. A publicação desta nova obra do padre Sáenz abriu portas para o espanto. O que estava acontecendo naquela diocese era muito grave e sintomático de um problema com implicações momentaneamente indescritíveis. A lucidez e os conhecimentos do padre descobriam o problema e antecipavam sua origem, seus resultados e futuras consequências, como é fácil perceber no simples enunciado dos capítulos do livro. O primeiro aponta Cuernavaca como planta-piloto do progressismo religioso e denuncia a estreita colaboração do líder do CIDOC (Centro Intercultural de Documentação) Ivan Illich, um sacerdote iugoslavo de ascendência judaica, o ex-

abade Gregório Lemercier e o bispo Sergio Méndez Arceo. Esses três personagens nefastos "necessariamente obedecem a uma inspiração, a um poder, a uma conspiração que ultrapassa as possibilidades individuais de cada um desses atores."[1]

As provas apresentadas são contundentes: a depravação moral, justificada pelo psicanalista de grupo no convento de Lemercier, autor da representação folclórica chamada "Missa Pan-Americana", que desde então foi implantada na catedral de Cuernavaca. Em seguida, vieram outras "*missas*", tão falsas quanto aquelas, destinadas à destruição da fé católica.

Gregorio Lemercier foi conselheiro de Méndez Arceo durante sua participação no Concílio Vaticano II.

O depoimento juramentado de um membro da família Capetillo revelou ao padre que, sob o pretexto religioso do convento de Nossa Senhora da Ressurreição, ocorriam práticas de sodomia. É um fato que a denúncia desencadeou a investigação e posterior condenação de Roma a este verdadeiro antro de prostituição, que funcionava graças à complacência e autorização expressa do bispo progressista de Cuernavaca, que, apesar de todas as denúncias, evidências e confissões, nunca sofreu qualquer repreensão das autoridades vaticanas ou de seus colegas mexicanos.

O caso de Illich também alcançou destaque internacional. Ivan Illich, por meio de seu Centro Intercultural de Documentação, com conexões secretas judaicas e marxistas, realizou um nefasto trabalho de doutrinação comunista através de religiosas e sacerdotes vindos de toda a América Latina e dos Estados Unidos para Cuernavaca.

O livro do Padre Sáenz, claro, contundente e inequívoco, desagradou ao grupo cada vez mais numeroso de progressistas e infiltrados, e, naturalmente, ao hierarca mais comprometido da Igreja no México: Miguel Darío, o Cardeal Miranda, que aguardou por uma oportunidade mais propícia para descarregar seu golpe vingativo contra o primeiro sacerdote que ousou denunciar a conspiração dentro da Igreja, cuja origem poucos intuíam, e menos ainda conheciam.

Em outubro de 1967, o padre Sáenz pediu à Mitra a renovação de suas licenças para exercer seu ministério sacerdotal.

[1] Sáenz Arriaga. Dr. Joaquín. Cuernavaca e o progresso religioso no México. México, DF, 1967. Pág. 8.

No dia 23, ele recebeu uma resposta assinada pelo Secretário, comunicando-lhe "que suas últimas licenças ministeriais terminaram em 20 de fevereiro de 1964; que não há registro, desde essa data, de renovação da faculdade de celebrar duas ou três missas no mesmo dia; que a licença solicitada pela Reverenda Madre María Rosa Guadalupe de la Santa Cruz, das R. R. M. M. Adoradoras Perpétuas do Santíssimo Sacramento, em 7 de julho último, para que continuasse como confessor da Comunidade por um terceiro triênio, *não foi concedida* pelo Excelentíssimo Senhor Arcebispo...". Ele também disse que várias vezes foi chamado pelo Arcebispo e nunca compareceu.

A mentira era evidente; não era surpreendente. À primeira objeção, o Padre Sáenz admitiu que havia passado o tempo para pedir oportunamente a renovação das licenças, algo que acontecia frequentemente com muitos, devido às suas muitas ocupações "e para ser franco – ele admite – por não ter muitos relacionamentos com a Mitra, onde há tanta oposição" ao seu trabalho. E cita casos concretos, alheios ao seu, para demonstrar sua afirmação.

Quanto à segunda objeção de que "não há registro de renovação da faculdade de celebrar duas ou três missas depois dessa data (20 de fevereiro de 1964)", o padre argumenta que celebrava a Santa Missa na paróquia da Divina Providência, onde o senhor padre era chefe de um dos Decanatos – uma instituição criada pelo arcebispo Miguel Darío – e, nas vezes em que celebrou duas ou três missas, o fez por indicação do próprio padre, "a quem supunha ter poderes para delegar".

Referindo-se ao fato de que o arcebispo não concedeu a licença solicitada pela Superiora das R. R. M. M. Adoradoras Perpétuas do Santíssimo Sacramento para que continuasse como confessor da Comunidade, o padre Sáenz respondeu: "Sua Eminência está mentindo, ou está mentindo o Excelentíssimo Senhor Vigário ou, o que é mais provável, está mentindo o Chanceler", pois em 10 de agosto daquele ano, ou seja, dois meses e meio antes da carta do Secretário, o padre Sáenz recebeu o comunicado oficial número 00248–67 da Cúria da Arquidiocese do México, nomeando-o, por um terceiro triênio, confessor ordinário da mencionada comunidade de religiosas.

Como se vê, o propósito de destruir o sacerdote que foi capaz de se manifestar publicamente em defesa da verdade tornou-se

evidente com muita antecedência.

Naqueles dias, um livro composto por Tito Casini, um escritor premiado em letras italianas, surgiu. Seu título é bastante sugestivo: "*A Túnica Rasgada*". Os primeiros exemplares deste pequeno livro apareceram pela primeira vez nas livrarias de Roma por volta do mês de março de 1967. Ele traz um prefácio de Antonio, Cardeal Bacci, datado de 23 de fevereiro de 1967, na Cidade do Vaticano. Um livro revelador, que foi escrito tempos antes e que seu autor teve a coragem de publicar quando apareceu o *Sacrificum Laudis*, carta apostólica de Paulo VI, em 15 de agosto de 1966. "Na semana litúrgica", diz o autor, "celebrada escassas duas semanas após a carta do Santo Padre, foi elaborado um programa ampliando o campo para as línguas vernáculas e os cânticos modernos populares... por tal motivo, tive que levar novamente meu manuscrito às gráficas..."[2]

O Padre Sáenz traduziu esta obra quando esteve em Roma, em maio de 1968, e a publicou em castelhano após seu retorno ao México.

Lá ele se relacionou com a Civilita Cristiana, dirigida por Franco Antico. Muitos membros da aristocracia romana pertencem a esta organização católica tradicionalista, cuja adesão à Igreja é bem conhecida. Uma senhora distinta, de linhagem nobre, ocupada em examinar antigos pergaminhos para podar dos registros genealógicos seus frutos podres e enxertos ilegítimos, descobriu nos anais da nobreza italiana evidências das conexões judaicas da família Montini. Esses dados importantes foram fornecidos ao Padre Sáenz, com os quais ele pôde esclarecer algumas dúvidas sobre a enigmática personalidade de Paulo VI.

Ele também traduziu e publicou a "*Carta para uma Dialética Conciliar*", escrita pelo Abade de Nantes.

O ano de 1968 foi de importância capital na mudança de rumo político e, consequentemente, doutrinal da Santa Sé. Para justificar agora o que antes havia sido condenado, foi necessária audácia e confiança cega no poder da autoridade.

Embora muitos tenham notado a importância das transfor-

[2]CASINI, Tito. A túnica rasgada. Pág. 13. No mesmo volume: Saj, Eduardo. Onde estamos? Christian Book Club of America, Hawthorne, Cal., 1968. Tradução do doutor Rev. Joaquín Sáenz Arriaga.

mações radicais, poucos se atreveram a denunciá-las, e ainda menos a censurá-las. Sáenz Arriaga, testemunha preocupada do que acontecia, registrou, no livro "*A Nova Igreja Montiniana*", publicado três anos depois, o significado desses episódios transcendentais. Esta obra acabaria por trazer represálias inimagináveis, que, no entanto, não conseguiram dobrar seu espírito.

O ponto de partida no ataque à doutrina católica foi o Congresso Eucarístico de Bogotá, seguido pela já célebre Segunda Assembleia da Conferência Episcopal Latino-Americana.

Durante os dias 18 a 28 de agosto de 1968, na cidade de Bogotá, Colômbia, ocorreu este congresso, com características muito peculiares, pois contou com a presença de Paulo VI. Mas não antecipemos os eventos e, com grandes passos, continuemos o relato e os comentários do Padre Sáenz:

"Este congresso mencionado foi o toque de reunir na planejada subversão dos países latino-americanos"... "foi a apresentação solene e oficial, diante do mundo católico, da Igreja Pós-Conciliar reformada, de seu programa, de seus objetivos."[3]

Para encerrar o congresso, "cinco observadores não-católicos" pediram, em uma mensagem marcante dirigida à augusta assembleia, "a faculdade de receber a Sagrada Comunhão com os bispos reunidos em tão importante ocasião."[4] Eles eram um bispo anglicano, um professor luterano, um membro da comunidade de Taizé e outros dois protestantes. O pedido foi aceito e o sacrilégio consumado. Após algum tempo, essa licença foi elevada ao status legal por Paulo VI em benefício de todos os hereges que, sem renunciar a seus erros, desejam participar da comunhão eucarística nas novas missas.

"Este fato inaudito e incompreensível é, como me parece", aponta o Padre Sáenz, "a digna culminação do segundo 'Bogotazo' (Congresso ocorrido na Colômbia) que visa revolucionar todas as estruturas da América Latina. Como católico e como padre... não consigo conter minha justa indignação diante do ultraje que considero sacrílego, deste gesto político, com o qual os prelados latino-americanos, e o próprio Paulo VI, como no-

[3]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. La nueva Iglesia montiniana. México, D. F., 1971. Pág. 5

[4]Ibidem. Pág. 6.

vos Judas, desejam entregar seu Mestre.”[5]

Vale ressaltar a presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Sagrada Eucaristia, pois a Santa Missa ainda não havia sido substituída pela atual assembleia do *Novus Ordo Missae*.

Na Conferência de Medellín, resultou o ponto de partida da subversão marxista na Hispanoamérica. Foi seu justificante, seu eficaz impulsor. O padre Sáenz já o indicava: “Porque os fatos ocorridos no subcontinente após o Congresso Eucarístico e a Conferência de Medellín são extremamente graves e reveladores...” As primeiras consequências se apresentaram na forma de ‘sangrentos conflitos estudantis no Uruguai, Brasil e México; o presidente da Bolívia anunciou que as guerrilhas haviam ressurgido no campo boliviano...’ Em Costa Rica, Argentina, Panamá e Peru, houve atos terroristas e golpes de Estado. A Teologia da Libertação estava em andamento. O registro desses eventos que ensanguentaram terras da América comprova a influência nefasta da reunião do CELAM no ataque ao poder constituído para promover a mudança de estruturas, no qual Fidel Castro se tornou um intermediário obrigatório entre seus senhores em Moscou e os terroristas que contavam com a dissimulação e até a cumplicidade de clérigos progressistas e prelados de batina vermelha. São conclusivos os documentos publicados e citados pelo padre Sáenz em seu livro.

A viagem de Paulo VI coincidiu com graves problemas de alcance mundial. Na Checoslováquia, havia-se iniciado um processo de dessovietização, uma tentativa audaciosa de recuperar a independência por meio de uma mudança progressiva no sistema socialista mantido por Moscou. Em abril deste ano, formou-se um novo governo que propiciou essas drásticas reformas políticas e econômicas. Em julho, reunidos na URSS, os membros do Pacto de Varsóvia, um instrumento que garante pela força militar a hegemonia comunista na Europa Oriental, enviaram um ultimato ao governo checoslovaco, seguido da brutal invasão do Exército russo até destruir o processo de libertação. Paulo VI lamentou esse fato, mas não o condenou como sabia fazer quando, em algum país livre, julgava e condenava terroristas de esquerda, mantendo assim sua imagem pré-fabricada como novo Cristo dos pobres e famintos.

O ano do Congresso Eucarístico e da Segunda Conferência

[5] Ibidem. Pág. 7.

do CELAM foi o dos estouros revolucionários protagonizados por juventudes estudantis instigadas em Paris e no México. A viril resistência do presidente Gustavo Díaz Ordaz evitou que o país caísse definitivamente nas mãos marxistas. Todo um processo de mudança apoiado na negação teológica anterior para ser substituído por verdadeiras heresias próprias a essa mudança, como demonstra documentalmente Sáenz Arriaga nas páginas centrais de seu livro.

Esta conferência do CELAM não era, em si mesma, mais que a consequência natural das novas correntes teológicas: "Nova Igreja chamam os homens da imprensa a Igreja «reformada» que nasceu do Concílio de João XXIII e de Paulo VI. Nova Igreja que avança irreversivelmente contras as teses tradicionalistas e conservadoras. É, pois, uma alteração na doutrina que apaga, que destrói o passado, porque existe oposição entre essas duas mentalidades, e essa oposição é irreconciliável."[6]

Não é possível seguir página por página o extenso trabalho do padre Sáenz, mas dada a importância que essa obra alcançou na opinião mundial, convém destacar algumas de suas denúncias precisas, entre elas a que se refere ao *Dia do Ecumenismo*, segunda-feira, 19 de agosto de 1968. Transcreve o texto oficial da "concelebração", o diálogo entre o "presidente" e a "assembleia" que contou com os coros da Igreja Batista, da Igreja Anglicana, de outras Igrejas e o Orfeão Antioqueão:

"Ao lado do Legado Pontifício sentaram-se, em desafiadora igualdade, em hábitos litúrgicos, o sacerdote ortodoxo Gabriel Stephen, o nomeado bispo luterano da Baviera Dieszelbinger e o sacerdote ou ministro anglicano Samuel Pinzón... Diante daquele espetáculo insólito, eu pensava na crucificação de Cristo, quando o Senhor, no Calvário, estava em sua cruz entre dois ladrões."[7]

É necessário observar que o padre Sáenz Arriaga esteve no Congresso Eucarístico de Bogotá e na Assembleia do CELAM, em Medellin; portanto, foi testemunha direta desses eventos que acabaram por revelar a terrível conspiração contra a Igreja e a inescapável responsabilidade do mais alto hierarca da Igreja Católica.

Neste caminho, ele continua, passo a passo, analisando a

[6] Ibidem. Pág. 93.
[7] Ibidem. Pág. 121.

mudança imposta à teologia católica: "É evidente que houve uma mudança radical entre a atitude definida, precisa, contundente de Pio XI e Pio XII, e o amolecimento desconcertante e manifesto de João XXIII e Paulo VI."[8] Basta, entre tantos exemplos, o Decreto de excomunhão da Suprema Congregação do Santo Ofício sobre o Comunismo, datado de 29 de junho de 1949, aprovado pelo Papa Pio XII em 1º de julho de 1949. O padre Sáenz o transcreve na página 156 de seu livro e conclui: "A mudança, portanto, de que fala Prezzolini entre a posição de Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII, Pio XI e Pio XII, e a política conciliatória de João XXIII e Paulo VI, é clara, é indiscutível."

Ele também fala sobre o Padre Geral da Companhia de Jesus, Pedro Arrupe, sobre sua interferência no CELAM e a mudança de 180 graus que ele impôs à outrora gloriosa instituição ignaciana, e cita a resposta que deu a alguns jornalistas que o entrevistaram:

Por que é tão notória a impaciência dos padres jovens? – Porque toda a gente jovem vê, com razão, que o mundo está mudando. É necessário mudar estruturas e mentalidades. Mas essa mudança se apresenta ao padre jovem de maneira mais profunda, precisamente porque sua vocação o move a viver tudo com mais intensidade.

"Essa mudança de mentalidade, da qual fala o padre Arrupe", reflete o padre Sáenz, "é uma mudança de fé"[9]. Não é surpreendente uma afirmação tão radical quando, mais adiante, ele transcreve os elogios exagerados e a identificação plena e pessoal de Arrupe com o pensamento de Teilhard de Chardin, que, como se sabe, foi censurado por S.S. Pio XII...

Que força oculta inspirava essas mudanças, esse processo demolidor da Igreja? A resposta estaria relacionada com a ostentosa exibição do *Amuleto de Efod*, símbolo do grande sacerdote israelita usado por Paulo VI? Nas fotografias – algumas em cores – que foram tiradas durante as várias viagens e cerimônias realizadas na Colômbia – e posteriormente no próprio Vaticano –, publicadas na imprensa e reproduzidas em livros e panfletos alusivos, esse peitoral misterioso aparece claramente.

Na página 322 de "*A Nova Igreja Montiniana*", seu autor

[8] Ibidem. Pág. 144.
[9] Ibidem. Pág. 229.

copia um artigo escrito e publicado pelo Abbé Georges de Nantes em sua revista "*Contra Reforma*" intitulado "*O amuleto do Papa*": 'Eis, portanto, sobre o coração do Papa, atado ao seu pescoço, o *Pectoral do Juízo*, que o Sumo Sacerdote Arão e seus sucessores deverão usar como adorno ritual, e sobre as doze pedras do qual estavam inscritos os nomes das doze tribos de Israel, «para evocar continuamente sua lembrança diante do Senhor» (Ex 28, 29). Paulo VI carrega a insígnia de Caifás.'[10]

Apesar da importância de tal interpretação, Paulo VI não só guardou silêncio, mas continuou usando em muitas ocasiões o mencionado Amuleto de Efod, *como é fácil comprovar pelas fotografias suas publicadas no L'Osservatore Romano*. Precisamente, na edição semanal de 12 de agosto de 1979, na Nº 554, em língua espanhola, aparece na primeira página 'Uma foto histórica: Paulo VI no Consistório de 26 de junho de 1967, adiciona ao Sacro Colégio dos Cardeais o arcebispo de Cracóvia, Monsenhor Karol Wojtyla, abrindo assim o caminho para o pontificado romano... João Paulo II sempre se refere ao seu antecessor chamando-o de 'mestre', seu 'pai'. Monsenhor Wojtyla, de joelhos diante de Paulo VI que ostenta o discutido símbolo judaico, ouve as palavras que seu antecessor lhe dirige.

Em sua viagem pela América do Sul, o Padre Sáenz visitou chefes de Estado, o Monsenhor Antônio Castro Mayer, bispo de Campos, Brasil, um dos prelados fiéis à tradição católica na Hispanoamérica; Antonio Corso, do Uruguai; e no Instituto de Santo Atanásio, encontrou o grande pensador e escritor católico, Dr. Carlos Disandro, latinista e teólogo excepcional. Sua chegada a Buenos Aires foi saudada por publicações pagas por falsos tradicionalistas que queriam capitalizar o respeito e admiração internacional pelo padre mexicano. Eles ficaram surpresos com suas declarações sobre a heresia montiniana. Chegou a hora de ser coerente com a verdade. Remontar o curso das divergências doutrinais até chegar à fonte do erro. E o padre Sáenz mergulhou corajosamente nesta corrente contrária.

Zeloso pelo valor do tempo, também viajou para os Estados Unidos da América. Este país heterogêneo e liberal oferecia-lhe oportunidades de se relacionar com grupos de resistência em alguns círculos católicos. Contava com a amizade de importantes porta-vozes do tradicionalismo, entre eles o padre Ja-

[10] Ibidem. Pág. 322.

mes Wathen, autor do livro "*O Grande Sacrilégio*", capelão dos Cavaleiros de Malta. Participou de diversos congressos católicos e visitou a comunidade polonesa de Pittsburgh, na igreja de São Pio V, construída por leigos e atendida pelo padre Leo Fredereckss.

Em uma das conferências que compareceu, foi convidado a proferir o discurso oficial no banquete de encerramento. Como era de se esperar, foi designado para o lugar de honra na mesa. À sua direita, permaneceu vazio o assento designado para um padre chamado nos Estados Unidos de 'conservador responsável', ou seja, aqueles que defendem a missa tridentina, atacam a maçonaria, mas excluem qualquer referência ao judaísmo e são incapazes de objetar a legitimidade de Paulo VI. O perspicaz padre mexicano avaliou a cena, mediu o desdém e disse:

> *"Os inimigos da Igreja são capazes de nos devolver a Missa em troca de não tocarmos no poder oculto que governa atualmente a divina instituição."*

Seu discurso resultou numa estupenda lição de teologia católica e uma feliz referência à obra assinada por Maurice Pinay.

CAPÍTULO 9

A MISSA NOVA

Antes de finalizar o ano de 1969, o Padre Sáenz escreveu um pequeno livro intitulado "*A Missa Imposta para 30 de novembro, não é mais uma missa católica*".

Ele se referia à Constituição Apostólica "Missale Romanum" promulgada por Paulo VI em 3 de abril de 1969, com base no Capítulo II da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, promulgada pelo próprio durante o Concílio Vaticano II, em 15 de dezembro de 1963. Neste capítulo, dedicado ao Sacrossanto Mistério da Eucaristia, não se fala de uma reforma substancial da Missa; todo o texto é direcionado a uma possível adaptação popular do Santo Sacrifício; uma ampliação das leituras bíblicas; reafirmação do uso do latim nas partes culminantes da Missa; a importância da homilia, especialmente aos domingos; esclarecimento de alguns aspectos secundários e permissão para estabelecer alguns ritos ou orações em desuso. Em nenhuma parte deste capítulo se fala em transformar o sentido sacrificial, em adaptar o rito ao uso protestante para justificar a heresia centenária de luteranos, calvinistas e anglicanos. No entanto, aconteceu o inesperado. Paulo VI nomeou uma comissão presidida por Annibale Bugnini, um eclesiástico desautorizado, a quem Pio XII havia marginalizado da Cúria Romana.

Este prelado solicitou e obteve a colaboração de cinco ministros protestantes para criar uma nova missa ou ceia luterana, o que deixou seus colaboradores muito satisfeitos, e é claro, todas as seitas reformistas que nunca antes haviam admitido a verdadeira Missa.

Era, segundo a atenção chamada pelo Padre Sáenz, um grito de alarme que se perdeu na surdez dos inimigos, dos indiferentes, dos pusilânimes. Um grito de alarme que não era apenas seu. Era a voz múltipla de várias e autorizadas pessoas representativas da França, da Itália, da Espanha, do México. Em seu estudo, ele expõe pontos irrefutáveis de doutrina e denuncia as graves discrepâncias entre a Missa sacrificial e a missa assemblear; entre o dogma tridentino e a ceia comemorativa.

Don Joaquín conheceu e interagiu amplamente com George Vinson em Paris, e também lá se relacionou com o escritor Michel de St. Pierre, notável pesquisador do judaísmo e suas relações com a Igreja ao longo do tempo.

George Vinson enviou para as imprensas, em 1971, uma breve mas explícita análise do *Novus Ordo Missae*, intitulada "*A nova missa e a consciência católica*". Com notas do Padre Sáenz, foi publicada no ano seguinte no México, traduzida para o espanhol.

É incompreensível como, diante de objeções tão sólidas enviadas oportunamente à Santa Sé, iniciadas com o exame realizado por um grupo de proeminentes teólogos e liturgistas, pastores de almas da Cidade Eterna – o M. G. des Lauriers, O. P., foi um deles – apresentado ao Soberano Pontífice por um grupo de cardeais, entre os quais figuravam Ottaviani e Bacci que assinaram a carta[1], não houve recuo na elaboração e promulgação do novus ordo missae, talvez porque o propósito da mudança era, como disse o arcebispo Marcel Lefebvre, transformar a Igreja. A reforma protestante original levou mais de meio século para se consolidar, ou seja, o tempo que passa aproximadamente entre duas gerações; a reforma pós-conciliar foi consumada em menos de dez anos.

[1]VINSON, Georges. La Misa Impía (La nouvelle messe et la conscience catholique). Versão em espanhol de Lidia Cruz de Rodríguez. Revisão e notas do Pbro. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga. Editores Asociados, S. de R. L„ México, D. F., 1972. Pág. 33.

A nova «*ordo missae*» foi instalada e imposta à Igreja contra a vontade do Sínodo Episcopal que, em 1967, majoritariamente rejeitou o que então chamaram de 'missa normativa'. A nova «*ordo missae*» pretende substituir o antigo Missal Romano, promulgado por São Pio V, e a Constituição Apostólica de Paulo VI *Missale Romanum*, que pretende impô-lo, reconhece, com palavras claras e inequívocas, que a dita Missa de São Pio V não foi alterada desde o século XVI ou XVII.[2]

Em seu livro, o Padre Sáenz, além da compilação de opiniões desfavoráveis à anunciada imposição da nova missa pós-conciliar e ecumênica, oferece sérias reflexões baseadas na doutrina do Concílio de Trento sobre o verdadeiro sacrifício eucarístico. Ele apóia seus argumentos no que foi ordenado por São Pio V, "confirmado depois por Clemente VIII, por Urbano VIII e por São Pio X". Ele apresenta "a doutrina de Pio XII na encíclica *Mediator Dei et hominum*", para concluir que "a nova missa não é mais uma missa católica".

O *novus ordo missae* foi imposto, mesmo antes da data estabelecida ao ser promulgado, sem oposição manifesta dos episcopados. As Conferências Episcopais se apressaram na fraudulenta tradução do texto latino para línguas vernáculas, acentuando as mudanças substanciais e o sentido original do Santo Sacrifício.

O ataque frontal à tradição representada por vinte séculos de magistério infalível havia chegado a uma crise. Diante do dilema de aceitar ou rejeitar as mudanças impostas e aceitar ou rejeitar a autoridade dos responsáveis, houve alguns "prudentes" e "sagazes" que optaram por rejeitar as mudanças, mas não a autoridade que as impunha.

Essa corrente, seguida por multidões de católicos, tentou levar o Padre Sáenz. Um antigo colega seu, o Padre Benjamin Campos, S.J., autor de vigorosos ataques ao progressismo, profeta do Apocalipse, escreveu, em 8 de junho de 1971, para seu ex-colega da Ordem: "Nunca digamos que o Papa está no caminho errado, mas declaremos que nós estamos apoiados pelo Papa, e exponhamos a doutrina verdadeira, usando palavras do Papa que confirmem nossa posição."

"Esse modo de agir nos dará: 1) A intocabilidade como católicos. 2) As armas para que o Papa nos dê razão ou se declare

[2] Ibidem. Pág. 40.

contra o dogma. 3) A adesão dos católicos, mesmo dos tímidos, dos covardes...”

“Conheço as razões que vocês têm para proceder abertamente. Que isso nos tire as armas, está claro nas ‘revelações da moça da Villa’[3]... Nestas revelações, é recomendado que devemos estar com o Papa, e não apenas com qualquer Papa, mas com Paulo VI.”[4]

Assinado em Roma, em junho de 1971, terminado de imprimir na cidade do México em 16 de julho seguinte, apareceu o “*Apóstata*!”, crítica ao livro de José Porfirio Miranda y dela Parra, S. J., intitulado *Marx e a Bíblia*, *crítica à filosofia da opressão*. Este livro verdadeiramente herético e subversivo recebeu o *Nihil obstat* de Jorge Manzano, S. J. (que, ironicamente, foi um antigo discípulo do padre Sáenz Arriaga), e Luis G. del Valle, também S. J. O *Imprimi potest* foi dado por Enrique Gutiérrez Martín del Campo, Provincial da Companhia de Jesus, e o *Imprimatur* foi concedido pelo Cardeal Miguel Dario Miranda, Arcebispo Primaz do México. A cumplicidade desses eminentes eclesiásticos é evidente.

“Estive em Roma”, disse don Joaquín em seu livro. “Minha partida (do México) coincidiu com a publicação do livro mais escandaloso, mais satânico já publicado pelos jesuítas da ‘nova onda’, seguindo, com cega obediência, às diretrizes reformistas vindas de Roma.”[5]

[3]Perto da Villa de Guadalupe vivia uma freira chamada Consuló, abadessa de seu convento particular. Ela se fazia passar por iluminada, o que não era, e isso ocorria há décadas, causando impacto significativo. Ela afirmava que Nosso Senhor a visitava em horas incomuns para ditarem mensagens celestiais que ela transmitia aos fiéis por meio de uma pequena revista que publicava sob o título de Estreile. Ela contava com centenas de seguidores crédulos, ansiosos para ver seus pedidos, ensinamentos e visões. Ela se engajava em contar a ação dos infiltrados na Igreja, inimigos do Papa, a quem impediam de exercer sua autoridade.

Tia Isidoro Consuló era uma farsante, Gabiza, uma suposta vidente do Peru, que nunca teve contato pessoal real com a Santíssima Virgem Maria, causando grande dano a inúmeras pessoas ao se passar por representante da tradição católica.

[4]O Padre Benjamin Campos, S.J., nunca escondeu essa tese farisaica. Em certa ocasião, ele me visitou, pensando agora, com o propósito de me unir a essa corrente de pensamento intrinsecamente hipócrita, vergonhosa e mesquinha, já que em privado questionava a legitimidade de Paulo VI e em público se apoiava nela.

[5]Sáenz Arriaga, Dr. Apóstata. Crítica ao livro de José Porfirio Miranda y

Esta denúncia transcendia o território limitado de uma diocese. A poderosa intuição do seu autor descobriu que, por trás deste livro revisado e autorizado por censores autorizados, estava toda a responsabilidade da nova Igreja, que rejeitava a doutrina tradicional, dogmática, incorruptível.

O conhecido liberal padre Enrique Gutiérrez Martin del Campo, Provincial da Província do México, deu luz verde, ou seja, concedeu o *Imprimi potest*, ao fruto gerado pela mente febril e revolucionária de José Porfirio; Sua Eminência Reverendíssima, Miguel Dario, Cardeal Miranda e Gómez, Arcebispo Primaz do México, finalmente concedeu o *Imprimatur*, não sem antes lavar as mãos, como Pilatos, com uma nota marginal, na qual observou "que sua aprovação não significa necessariamente que ele endossa as afirmações do autor..." mas prova que permite, em sua arquidiocese, a sã liberdade de expressão, pois considera "que esta publicação está de acordo com o dogma católico; em nada se opõe à nossa fé."

"Eu, no entanto" continua dizendo o padre Sáenz, "apesar de tantos e tão ilustres garantidores, me atrevo a dizer – pecador que sou – desde o início, que os censores não leram o livro, ou não sabem teologia, ou traem, comprometidos, a sua consciência."

"Afirmo que o livro, cuja publicação ele ordenou com seu «*Imprimatur*», está, aberta, descarada e perversamente, contra o dogma católico, contra a religião que Cristo fundou e contra toda religião; que essa que ele chama de 'sã liberdade de expressão' é simplesmente a difusão diabólica e nociva de erros gravíssimos, já repetidamente condenados por Papas e Concílios; e que, concordando ou não com as teses de José Porfirio Miranda y de la Parra, ele, Sua Eminência, é o principal responsável por todo o dano que esse livro infame produza."[6]

A referência era clara e concisa. Ao longo do livro, ela seria reiterativa, o que desagradou Sua Eminência, que se sentiu impotente para agir contra o rigoroso censor.

Ele não teria melhor oportunidade para exercer sua vingança.

No seu livro, o padre Sáenz aponta, com olho certeiro, os erros doutrinários sustentados pelo jesuíta; revela suas falácias,

de la Parra, S. J., México, DF, 1971. Pág. 5.

[6]Ibidem. Págs. 12-13.

denuncia seus sofismas, sublinha suas heresias:

"Aqui temos, pois, a Marx – a quem José Porfirio Miranda y de la Parra vai identificar com o pensamento salvífico da Bíblia – reabilitado, nada menos que por Paulo VI e os jesuítas da 'nova onda'... Por isso, o próprio jesuíta emite este julgamento definitivo e surpreendente: 'Todos nós estamos sobre os ombros de Karl Marx'."[7]

Há, evidentemente, uma ruptura entre a Igreja pré-conciliar e a Igreja reformada de João XXIII e Paulo VI.

"Admitir... a contradição doutrinal entre o que foi solenemente, repetidamente ensinado pela Igreja, pelos Papas e Concílios anteriores e o que João XXIII, Paulo VI e o Vaticano dizem agora... é negar a inerrância da Igreja e sua indefectibilidade, garantida pelas promessas de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem: «*Et portae inferi non prevalebunt*», e as portas do inferno não prevalecerão..."[8]

O autor de "*Apóstata*!", como era obrigatório, transcreve citações textuais de José Porfirio para demonstrar sua gravíssima heterodoxia, e conclui: "Acredito que provei de sobra a inconsistência, a arbitrariedade de seu pensamento, descaradamente comunista... dizer que o pensamento de Marx se identifica com a mensagem da Bíblia é, a todas as luzes, grosseiramente errôneo, injurioso para a palavra de Deus, blasfemo e intolerante para os ouvidos católicos."[9]

Diante da avalanche de reclamações provenientes de católicos escandalizados, entre os quais se destacava pela fundamentação teológica a do padre Sáenz, os jesuítas ofereceram argumentos inconsistentes em favor do apóstata e tentaram, em vão, exculpar Sua Eminência, que com seu hermético silêncio concedeu razão a todos os que demonstraram sua pessoal cumplicidade.

Esta obra, mais do que as anteriores, provocou sério alarme nos círculos eclesiásticos. Porfirio Miranda teve que enfrentar um grupo de seus impugnadores diante das câmeras de televisão.

No início da década de setenta, entre os programas de televisão mais vistos e comentados, estava "*Anatomías*": entre-

[7] Ibidem. Pág. 14

[8] Ibidem. Pág. 19.

[9] Ibidem. Pág. 155.

vistas, às vezes polêmicas, com um número variável de participantes a quem Jorge Saldana, hábil e muitas vezes malicioso interrogador, disparava perguntas ou fazia comentários surpreendentes para fazer seus interlocutores caírem em contradições. Este programa era transmitido pelo canal 13, da cidade do México, aos domingos às 22h, embora fosse gravado dias antes.

Em "*Anatomías*", foram apresentados argumentos excelentes sobre temas políticos, artísticos e atuais. Falar sobre religião, e especificamente sobre o progressismo controverso, duramente criticado mas gradualmente aceito por muitos católicos desprevenidos, garantiu uma enorme audiência.

Por duas vezes, Miranda apareceu para defender suas teses marxistas e em ambas, embora contasse com a evidente simpatia do apresentador e de parte dos presentes no programa, não saiu justificado. Jorge Saldanha convidou um grupo de destacados "tradicionalistas" para expor seus pontos de vista. No primeiro domingo de agosto, o canal 13 transmitiu o programa em que participaram o padre Joaquín Sáenz Arriaga, o advogado Rafael Capetillo, o professor Celerino Salmerón, o advogado Rafael Rodríguez López e Antonio Ruis Facius.

O autor de "*Apóstata*!" afirmou: "Não sou um rebelde, um obstinado, mas um católico convicto... Na Igreja não pode haver comunhão entre a verdade e o erro."

Suas intervenções foram marcadas pela prudência de suas expressões, pela clareza de seus argumentos, pela solidez de suas exposições teológicas.

Saldanha disparou esta pergunta de repente: "Os progressistas estão excomungados?"

Sáenz Arriaga respondeu:

"– Se nos ativermos às condenações de concílios anteriores, por exemplo, às condenações de Trento, às condenações do Vaticano I, às condenações do Concílio Lateranense IV, estão excomungados, porque essas condenações foram definitivas. O Concílio Vaticano I está plenamente em vigor, assim como o Concílio IV Lateranense."

– Não há lugar para o perdão? – insistiu Saldaña.

"– Pode haver perdão se houver arrependimento, se houver retratação..."

Ao final do programa, ele resumiu seu pensamento nestas

palavras:

"Minhas últimas palavras são de encorajamento para aqueles que no México, como em outras partes do mundo, estamos travando essa batalha dolorosa, estamos passando por esse calvário de verdadeira amargura, porque nós somos os marginalizados, somos os descontinuados; nós somos agora os inimigos, nós, que confiamos na Verdade Eterna, na Verdade de Cristo."

Ainda faltava a sua mais categórica definição pessoal. Há alguns meses, o padre Sáenz estava envolvido em um livro de importância capital, cujo título resume seu vasto e variado conteúdo: "*A Nova Igreja Montiniana*". Ele dedicou este livro à memória de Monsenhor Rafael Rua Álvarez, antigo pároco de Orizaba, Veracruz, autor de uma das cartas que precediam o texto de *Cuernavaca sobre o progressismo religioso no México*.

Este novo livro apareceu dois meses após o "*Apóstata*!" e serviu como justificativa para Sua Eminência Miguel Darío, Cardeal Miranda, descarregar toda a sua autoridade sobre o indomável defensor da tradição e da teologia católica.

Desde a capa, o conteúdo da obra é definido. Uma fotografia de Paulo VI revestido com o amuleto de Ephod[10] de doze pedras semipreciosas, simbolizando as doze tribos de Israel, está presente. Este ornamento litúrgico nunca fez parte do ritual católico.

Sáenz Arriaga – como mencionado anteriormente – relata e examina o significado da viagem de Paulo VI à Colômbia, o conteúdo ideológico da Segunda Conferência do CELAM. Seu julgamento dos fatos poderia ser considerado profético se não fosse simplesmente lógico. Ele adverte sobre as contradições de Paulo VI e se pergunta: "É Giovanni Battista Montini um verdadeiro Papa?"

A resposta está implícita no capítulo intitulado "*Paulo VI e suas responsabilidades no caos atual da Igreja*":

> "O Modernismo, doutrina e movimento denunciado e condenado por São Pio X – diz ele neste capítulo – ressurge e se impõe em nossos dias com uma força e um poder sem paralelo na história.
>
> Acho incompreensível e inaceitável este Concílio (Va-

[10]Ver fotos em: https://www.youtube.com/watch?v=Bo4tIBS9tP0

ticano II), que além de ser equívoco, contém pontos que vieram para revolucionar a doutrina da Igreja, em inegável contradição com as definições de Concílios Ecumênicos anteriores e recentes, e com documentos solenes do Magistério.

A ruína da Igreja coincide tão precisamente com o atual Pontificado e segue tão de perto suas orientações reformistas e revolucionárias, que já é impossível fechar os olhos e não perceber que são os pastores, principalmente Paulo VI, o verdadeiro responsável por esta crise sem precedentes na história da Igreja.[a]"

[a] Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. La nueva Iglesia montiniana. Pág. 341.

Em outra parte de seu livro, o teólogo mexicano retorna ao tema já tratado em outra de suas obras: a Missa, como foi canonizada pelo Concílio de Trento, carregada de toda a sua tradição apostólica, e o *Novus Ordo* de Paulo VI. A simplicidade do texto, unida à profundidade teológica, convence qualquer pessoa que esteja aberta à lógica e disposta a aceitar a verdade.

"A Nova Igreja Montiniana é uma antologia de diversas opiniões sobre o sincretismo religioso pós-conciliar, em oposição à doutrina anterior e constante da Igreja."

CAPÍTULO 10

EXCOMUNHÃO

Dr. Joaquín não ficou tranquilo nem indolente depois de ver seu livro impresso. A edição se espalhou rapidamente. E esgotou-se quase antes de começar a campanha publicitária que recebeu do decreto de excomunhão.

Padre Sáenz, sem descanso, começou a redação de uma nova obra que intitulou "*Cisma ou Fé*?", mas depois das represálias recebidas após o lançamento de "*A Nova Igreja Montiniana*", acrescentou o subtítulo: "*Por que fui excomungado*?"

Ele começa referindo-se aos ataques na imprensa e menciona novamente as mudanças, as aberrações teológicas da nova economia do Evangelho. Fala do último Sínodo em Roma e suas implicações na vida da Igreja e da sociedade.

Foi precisamente quando estava prestes a concluir estas páginas no México que, inesperadamente, recebeu o edital assinado por Miguel Darío, cardeal Miranda, Arcebispo Primaz do México, e por seu chanceler, Monsenhor Luis Reynoso Cervantes, fulminando contra ele "as penas supremas com as quais a Igreja pode ferir mortalmente um sacerdote."[1]

Antes de citar a refutação feita pelo padre Sáenz ao texto deste édito, faço um breve parêntese sobre a personalidade

[1]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. ¿Por qué me excomulgaron?... Pág. 266. Fe? Imprenta Ideal, México, D. F., 25 de enero de 1972.

eclesiástica do excomungador.

Miguel Darío, natural da cidade de León, Guanajuato, nasceu em 19 de dezembro de 1895. Quando foi ordenado sacerdote, nada fazia prever que ele subiria tantos degraus hierárquicos. Sempre enigmático, discreto até em sua rejeição a toda tradição: histórica, artística e religiosa. Seus antagonismos podem ter origem em sua ascendência mestiça, em sua falta de adaptação à cultura ocidental. Desde os dias remotos de sua juventude, suas decisões radicais, como a destruição de arquivos pertencentes a associações comprometidas na luta cristera, a eliminação da primitiva Associação Católica da Juventude Mexicana e sua antipatia por tudo que é hispânico, incluindo a herança da arte virreinal, demonstram isso. Quando um incêndio suspeito destruiu o retábulo do Perdão, a cadeira do coro e também danificou severamente os órgãos de tubos na Catedral, Miguel Darío não disfarçou, após fingida tristeza, sua satisfação pela possibilidade de transformar o interior da Catedral Metropolitana em um amplo depósito, semelhante à Catedral de Cuernavaca, onde seu bom camarada, Sergio Méndez Arceo, liderava as hordas progressistas no México.

Muitas vozes clamaram por justiça, e o projeto destrutivo não se concretizou. O retábulo, os órgãos e a cadeira do coro foram restaurados de acordo com seu design original. Apenas os horrendos vitrais no estilo Cuernavaca permaneceram, desafiando o ambiente, o senso estético e o design original do templo mais notável da Hispanoamérica.

Miguel Darío, astuto e persistente, tornou-se um elemento valioso na *transformação* da Igreja. "Porque não há necessidade de parar na metade quando se quer alcançar fins previstos – afirma Manuel Magaña Contreras na página 231 da segunda edição de seu livro *Poder Laico* - o purpurado Miranda y Gómez excomungou os irmãos Santacruz - María, Carlos e Antonio - em 22 de julho de 1959, quando estavam prestes a ser eleitos líderes mundiais das Congregações Marianas."

"Mas a artimanha de monsenhor Miranda y Gómez foi desmascarada pela Sagrada Rota Romana, em 25 de maio de 1962, em uma sentença registrada no cartório do Vaticano."[2] Miguel Darío sofreu uma derrota total em sua mania excomungató-

[2]Magaña Contreras, Manuel. Poder laico. Segunda edição. México, D.F„ 1972. Pág. 231.

ria, embora tenha alcançado o que se propunha: neutralizar os destacados líderes católicos.[3]

E aqui encerro este parêntese para melhor avaliar o significado da excomunhão decretada contra o padre Joaquín Sáenz Arriaga, que, ao receber o edital infamante, não ficou surpreso: há muito tempo esperava o golpe da Mitra do México, embora certamente não tão feroz, injusto e rancoroso. Ele desfez ponto por ponto as falsidades ali registradas: "O padre Joaquín Sáenz Arriaga... sem qualquer censura ou licença eclesiástica, e apesar de ter sido previamente advertido... editou, entre outros, o livro intitulado *La Nueva Iglesia Montiniana*."

O acusado respondeu: "Diante de Deus, juro que nunca fui advertido... e exijo que se mostre (nunca foi mostrado) um documento assinado por mim, provando que tal advertência foi formalmente feita para mim."

Continua o edital: "Do exame minucioso deste livro, é evidente que ele contém uma série de graves injúrias, insultos e julgamentos heréticos proferidos diretamente contra o Romano Pontífice e os Padres do Concílio Vaticano II; ao ponto de o autor afirmar, com ingênua malícia, que a Igreja está «acéfala», devido à heresia cometida pelo Santo Padre..."

"Creio que, diante de tais acusações tremendas", responde Sáenz Arriaga, "seria necessário apresentar pelo menos algumas provas concretas. E então teria a oportunidade de uma defesa legítima e teria demonstrado que o argumento do meu livro é uma defesa da fé de vinte séculos e um ataque não às pessoas, mas aos erros gravíssimos que denunciei em meu livro."

Apresentar provas era o que menos interessava aos censores, entre outras razões citadas por Joaquín: "*...o que está em questão é minha luta pela minha fé católica...* Mas acima das normas jurídicas e das penas canônicas, está, diante da minha consciência, *a verdade revelada*."

A crise na Igreja, denominada por Paulo VI como autodemolição, já era inegável. Dois campos antagônicos, irreconciliáveis, questionam a unidade: o tradicionalismo e o progres-

[3]Este assunto turbio é o tema central do livro Una enérgica y justa sentencia de la Sagrada Rota Romana, publicado na cidade do México em 1969, pelo licenciado Jerónimo Díaz, advogado defensor no terreno canónico dos irmãos Santacruz.

sismo. “O primeiro é a postura monolítica de uma fé que remonta, através de todos os Papas e todos os Concílios, às fontes da Verdade Revelada... O segundo, por outro lado, é a «nova economia do Evangelho» (Paulo VI, 29 de junho de 1970), chamada de *progressismo, neomodernismo, religião da abertura, diálogo, aggiornamento e mudança*.”[4]

Os sólidos conhecimentos do padre Sáenz em Direito Canônico minaram, perante a opinião pública, as falsas bases sobre as quais o Cardeal e seu chanceler tentaram construir o decreto de excomunhão.

Clamando contra a legítima autodefesa do Padre Sáenz Arriaga, falsos tradicionalistas e declarados progressistas se lançaram em uma ofensiva apoiada na autoridade do excomungador, direcionada a Joaquín. Lançaram-lhe mil insultos que não conseguiram destruir seus argumentos, mas confundiram ainda mais as multidões incapazes de formar um julgamento imparcial. A dignidade episcopal prevaleceu sobre a força da razão. Os inimigos ocultos da Igreja montaram uma campanha liderada por Salvador Abascal para difamar, em artigos publicados no “La hoja de combate”, o inteligente teólogo mexicano. Os conspiradores progressistas, que têm interesses não apenas sectários, mas também econômicos com os membros do poder laico, denunciados com provas irrefutáveis por Manuel Magaña Contreras, uniram-se à ofensiva na imprensa para abafar as várias vozes independentes e desinteressadas que saíram em defesa do sacerdote ofendido. Magaña os menciona: Ramón Ertze Garamendi, refugiado espanhol; Enrique Maza García, jesuíta de batina vermelha; seu dócil amanuense, Rafael Moya García, seu primo; Alejandro Avilés, inteligente e sagaz democrata-cristão; Abraham López Lara, editorialista protestante; Genaro María González, pretensioso escritor de linhagem progressista; Rafael Vázquez Corona, crítico da Ação Católica; José N. Chávez González, porta-voz dos pós-conciliares na revista “Seal”; Horacio Guajardo, desertor liberal, ex-representante de empresários confiáveis; José Álvarez Icaza, ex-diretor do Movimento Familiar Cristão e ativo líder socialista à frente do CENCOS (Centro Nacional de Comunicação Social), porta-voz oficioso da Hierarquia Eclesiástica; Samuel Bernardo Lemus, padre editorialista, defensor da mu-

[4] Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. ¿Por qué me excomulgaron? Pág. 266.

dança litúrgica, econômica, política; Antonio Brambila, padre e filósofo hábil em sofismas temperados com sã doutrina católica... etc., etc.; uma longa lista da elite da subversão religiosa no México, cuja lista incompleta meus leitores encontrarão no mencionado poder laico.[5]

Sergio VII, o de Cuernavaca, não escondeu sua satisfação e, no sermão dominical habitual de sua folclórica missa Panamericana em 3 de janeiro de 1972, lamentou-se dos livros anteriores a "*La nueva Iglesia montiniana*" de Sáenz Arriaga: *Cuernavaca y Apóstata*.

"À Igreja no México, urge uma era de criatividade que poderia ser considerada iniciada precisamente com o livro de Miranda", disse ele. "*O melhor ou um dos melhores livros escritos na América Latina para a libertação do homem pelo Deus libertador*."

Joaquín estava certo ao dizer: "Se esta é a hierarquia que me excomunga, sinto-me muito honrado com essa excomunhão."

Como exemplo dos argumentos ambivalentes empregados pelos detratores do Padre Sáenz, vale mencionar o artigo de Antonio Brambila: "Sobre uma excomunhão", publicado no *El Sol de México*, em 22 de janeiro de 1972.

Para impressionar seus leitores, ele afirma que "Joaquín Sáenz - meu colega do passado e querido amigo - não foi excomungado por ter criticado o Pontífice... ele declara que a Igreja está atualmente acéfala." Uma caluniosa acusação que Sáenz Arriaga desmascarou mais tarde, mas que revela a leviandade de seu crítico por não ter lido previamente o livro no qual fundamentou seus argumentos inválidos. E isso não é tudo: como bom sofista, ele usa a irracionalidade para desculpar Sua Eminência. Referindo-se ao *Imprimatur* concedido por Miguel Darío para "Marx e a Bíblia", afirma: "O senhor Vigário-Geral da Arquidiocese ficou sabendo com algum atraso sobre o lançamento do livro, ostentando o *Imprimatur*, *e cheio de graves erros, e talvez pelo atraso e também porque o Cardeal estava ausente, não se apressou em fazer uma retificação. E quando o Cardeal retornou, provavelmente devido ao acúmulo de várias preocupações e porque o assunto já não estava tão «atual», também não parecia prudente trazê-lo à tona*." Portanto, o "acúmulo de várias preocupações" de Sua Eminência justificou o

[5]Magaña Contreras, Manuel. Ibidem.

Imprimatur que nunca foi negado, muito menos revogado, por quem se solidarizou com as doutrinas marxistas expostas pelo jesuíta Miranda y de la Parra.

Diante de tais evidências, não era de se esperar que o teólogo inabalável firmasse mais em sua fé multissecular e em sua difícil missão?

O isolamento infligido ao Padre Sáenz não diminuiu suas convicções nem apagou seu zelo apostólico; ele aceitou as consequências de sua postura inflexível e recebeu com resignação as falsas acusações e calúnias, não apenas de estranhos, mas originadas até mesmo dentro de sua própria família.

"Alguns dias atrás", revela no prefácio ao estudo do Padre George Vinson, já citado, "uma pessoa, parente meu e, aliás, muito próximo, infectada pelo progressismo em voga, para quem a teologia medieval dos grandes mestres da escolástica da era de ouro, definitivamente superada por Maritain, Teilhard de Chardin, o Papa Montini e os 'jesuítas da nova onda', me condenava por minha postura antiquada, retrógrada e totalmente insustentável diante dos avanços da ciência moderna. Para ele - sua profissão é médico, não filósofo ou teólogo - a 'evolução' é incontível e, dentro de sua dinâmica ininterrupta, deve dominar também a ciência religiosa. O papa Montini, João XXIII e seu Concílio vieram salvar a Igreja da morte inevitável para onde sua decrepitude a levava."

"Esses pobres doutrinados, sem perceber, perderam a fé. Eles acham que Cristo, filho de Deus, não teve visão ou poder para fundar uma Igreja imutável, embora capaz de desenvolvimento e progresso, mas deveria ter incorporado sua obra divina ao curso constante da evolução."[6]

Os seus argumentos são precisos, envoltos em uma fina ironia. Afinal, torna-se fácil defender a tradição com a verdade e revelar o ataque contra a fé, habilmente planejado e executado pelos novos reformistas que emergiram para integrar a nova Igreja pós-conciliar, buscando unir os irmãos separados.

Por outro lado, a repulsa ao proceder arbitrário de Sua Eminência se caracterizou pela solidez dos argumentos apresentados e pela qualidade moral e intelectual daqueles que se solidarizaram com o inabalável teólogo.

[6]Vinson, Georges. Ibidem. Pág. 16.

Talvez a frase mais feliz, resumindo essa postura, tenha sido expressa por René Capistrán Garza, em um memorável artigo publicado poucos dias após o infame decreto do Cardeal Miranda. O título era uma síntese perfeita do conteúdo: "*Em comunhão com o excomungado*". Capistrán Garza, como em seus dias mais significativos de bravura cristera, quando simbolizava a retidão e a firmeza da juventude católica mexicana, empunhou sua pena em defesa da Igreja. Ele colocou, nessa última batalha de sua vida atribulada, todo o fervor e a engenhosidade de seu inimitável estilo literário, no qual, brincando com as palavras, deixava seus oponentes modernos sem defesa. Nas horas de abandono por motivos humanos, pessoas de estirpe religiosa, intelectual e artística estiveram ao lado de Don Joaquín. O poeta Vicente Echeverria del Prado dedicou-lhe este soneto:

"Hoje, como nunca, com você, querido
e venerado Padre Sáenz Arriaga;
hoje que seu coração exibe a chaga
que brilhou mais na verdade.

A do punhal pela traição empunhado
contra a fé que embriaga
o pensamento em uma luz misericordiosa e mágica
que desceu sobre a razão.

A luz de Cristo Deus que você representa,
no turbilhão da tempestade
de falsidades, desencadeada

pela sombra satânica, estendida
de fio a fio, como encruzilhada
do tempo cruel contra a Vida Eterna."

Em meio ao drama, não faltou a nota humorística e engenhosa de Don Luis Vega Monroy, o incomparável epigramista contemporâneo que, sob o pseudônimo de Don Luis, escreveu:

"Tudo mudou tanto
e há tanta confusão,
que já não parece ultraje
alguém, com toda razão,
mandar fazer um traje
de primeira excomunhão."

Em outro de seus célebres epigramas, Don Luis comentou com acerto:

"Se quem faz, paga,
aqui – pelo que eu vejo –
a conta chegou atrasada,
pois faz Méndez Árceo
e paga Sáenz Arriaga."

Cartas de diversas partes da República chegaram a ele. Alguns leigos, outros religiosos. Gloria Riestra reiterou "o afeto filial da filha em Cristo que tem desde muitos anos, quando com sua palavra de apóstolo comoveu sua alma." Jesus Ochoa, padre missionário da Sagrada Família, em Uruapan, Michoacán, esteve presente, assim como o padre Moisés Carmona, de Acapulco, Guerrero, outro dos incansáveis defensores da tradição: "Você foi excomungado por sua fidelidade a Cristo, a seus ensinamentos e à sua Igreja. Bendita excomunhão! Que venham todas as excomunhões se for por isso." E assim aconteceu: pouco tempo depois, o Bispo pós-conciliar de sua diocese o "excomungou" por se recusar a celebrar a nova assembleia comunitária em vez da Santa Missa. Furioso, tentou expulsá-lo da Igreja da Divina Providência, mas todos os seus paroquianos se opuseram. Nenhum deles cedeu, e o Padre Carmona pôde continuar celebrando o Mistério Eucarístico e administrando os sacramentos em sua pureza evangélica original.

Os católicos de Colima publicaram no jornal "*Novedades*", da Cidade do México (5 de janeiro de 1972), uma extensa carta aberta dirigida ao Cardeal Miranda, que, como era de se esperar, não respondeu. Nesta carta, eles expressam sua perplexidade "por uma punição não aplicada a milhares de padres desertores, fugitivos e corruptores que, do púlpito sagrado, des-

troem dogmas, fé e boas maneiras, bem como a liturgia eclesiástica, chegando às missas comunitárias sacrílegas - como está acontecendo nesta Diocese de Colima e nas que são celebradas na Cidade do México - onde pães, sanduíches e tortilhas são consagrados em zombaria à Sagrada Eucaristia, tudo com o conhecimento e a tolerância do Cardeal Miranda."

Da Espanha, França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, Argentina e outros países, Don Joaquín recebeu mensagens encorajadoras. Entre os correspondentes mais conhecidos estavam o padre Herve Le Lay, da Argentina, acostumado às perseguições por publicar a excelente revista "*A Tradição*"; o padre Noël Barbara, diretor de "*Forts dans la fei*", da França; o escritor argentino Alberto Boixados; a sociedade The Voice (A Voz) em Nova York, entre outros.

Em nenhum momento Don Joaquín vacilou. Ele não travava uma luta pessoal; estava comprometido com Cristo e Sua Igreja. Voou para Roma em 9 de janeiro de 1972 para participar da Assembleia dos Defensores da Tradição, na qual estavam presentes delegados de 21 países. Sua recente "excomunhão" contribuiu para ampliar a fama que o corajoso sacerdote mexicano desfrutava internacionalmente, sendo recebido em Roma com o entusiasmo peculiar dos italianos. Em uma coletiva de imprensa transmitida para o mundo todo, ele afirmou sua ascendência católica, seu parentesco próximo com mais de meia centena de padres e religiosas; criticou os infiltrados na Igreja que patrocinavam os erros modernos e reiterou sua posição em relação a Giovanni Battista Montini, revelando sua ascendência judaica, suas simpatias maçônicas e comunistas, já que era sabido que a Santa Sé secretamente realizava acordos e compromissos com os governos marxistas do Leste Europeu e seus mestres em Moscou.

A presença do padre Sáenz em Roma exaltou os ânimos de muitos tradicionalistas[7], e um grupo deles arrancou o escudo

[7]Nota do Autor: O termo "tradicionalista" vi-me forçado a usá-lo como uma concessão à linguagem comum, agora em uso. Reconheço, no entanto, que não é correto falar de católicos tradicionalistas ou católicos progressistas pós-conciliares, pois o primeiro é a repetição de um mesmo pensamento expresso de maneiras diferentes, e o segundo é uma contradição. A essência do ser católico é a fidelidade à Tradição Apostólica, o segundo é ao Magistério inválido e à evolução doutrinária, à mutabilidade de princípios canonizados, é esta marcada diferença de tratamento entre um teólogo "tradicionalista" e um professor

do cardeal Miranda, colocado na paróquia romana de Nossa Senhora de Guadalupe; no dia seguinte, apareceram nas paredes da embaixada do México as inscrições: "Viva o padre Sáenz!", "Morte aos traidores", "R. P. Sáenz, patriota". O porta-voz do Vaticano, Federico Alessandrini, apressou-se em condenar o atentado de justiça contra o símbolo do Arcebispo do México, que devia seu cardinalato a Paulo VI, que lhe impôs o chapéu cardinalício em 28 de abril de 1969. De alguma forma, era necessário justificar os Mirandas, os Méndez Arceo, os Suens, os Alírik, os Bugnini, os Helder Cámara, os Tarancón e toda a horda progressista receptora de honras vaticanas.

Em 25 de janeiro de 1972, foi lançado o livro do Padre Sáenz Arriaga, "*Por que fui excomungado*? *Cisma ou Fé*?" E, sem perder tempo, Don Joaquín se impôs a tarefa de escrever e publicar sua próxima obra: "*Sede Vacante*", continuação, ampliação e atualização de "*A Nova Igreja Montiniana*".[8]

---

de teologia "moderno", influente conselheiro no Concílio Vaticano II, é notável. Excomunhão para o primeiro; desautorização pedagógica para o segundo, após doze anos contínuos de acordos amigáveis.

[8]A surpreendente "excomunhão" do padre Joaquín Sáenz Arriaga é mais uma paradoxo nesta época repleta de contradições.

Por querer manter sua antiga fé e ser coerente com os ensinamentos aprendidos em sua casa, no seminário e ao longo de seu ministério sacerdotal, a mais alta autoridade eclesiástica do México o expulsou publicamente e de maneira ignominiosa da comunidade católica. Ao mesmo tempo, diversos membros do clero regular e secular, incluindo célebres prelados, negam dogmas e chegam ao sacrilégio e à blasfêmia sem renunciar ao seu estado privilegiado e dignidade sacerdotal.

Ninguém consegue entender, com lógica adequada, como um Méndez Arceo continua à frente da diocese de Cuernavaca, assim como muitos outros. Também não é explicável que um Salvador Freixedo, autor de livros heréticos, ainda seja considerado sacerdote, assim como uma infinidade de tonsurados sem fé.

No cenário mundial, os exemplos se multiplicam até chegar ao surpreendente caso do professor Hans Küng. A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, após doze anos, decidiu declarar que ele "não pode ser considerado um teólogo católico; e como tal, não pode realizar um ministério de ensino na Igreja Católica".

A primeira advertência foi feita em 1967, após a publicação de seu livro "Die Kirche" ("A Igreja"), Freiburg / Brsg. 1967. A este "teólogo" que contradiz a doutrina dogmática do Concílio Vaticano II sobre a infalibilidade do magistério eclesiástico, que questiona "se Jesus Cristo é realmente Filho de Deus, ou seja, se está no grau e nível do ser de Deus sem diminuição", foi negado apenas o direito de ensinar em nome da Igreja, mas não foi suspenso "ad divinis", nem foi declarado excomungado, pois, como afirma o Cardeal Joseph Höffner, arce-

bispo de Colônia e presidente da Conferência Episcopal Alemã: “O professor Küng não é excluído da Igreja por isso e continua sendo sacerdote.” (Documento da Presidência da Conferência Episcopal Alemã sobre o professor Hans Küng, publicado no L'Osservatore Romano, edição em espanhol. 6 de janeiro de 1980, p. 11).

É desnecessário apontar a marcante diferença de tratamento entre um teólogo “tradicionalista” e um professor de teologia “moderno”, influente conselheiro no Concílio Vaticano II. Excomunhão para o primeiro; desautorização pedagógica para o segundo, após doze anos de amigáveis acordos.

CAPÍTULO 11

SEDE VACANTE

No apertado casebre, à esquerda da entrada de sua casa estilo colonial na rua Maricopa, número 16, na Colônia Nápoles, onde hospeda uma vintena de estudantes, alguns gratuitamente e outros pagando uma pequena taxa que mal cobre suas despesas, o Padre Sáenz trabalha incansavelmente desde o amanhecer até o anoitecer. Sua saúde debilitada não é um impedimento para escrever, na velha máquina, centenas de páginas que darão forma a seus livros, artigos e conferências.

Papéis empilhados, pilhas de volumes fora da estante lotada de livros e folhetos, revistas de várias partes do mundo, jornais, envelopes abertos, tudo aparentemente desorganizado. O velho sacerdote sabe onde encontrar cada notícia, os dados que precisa, a referência essencial. Ele pressente a proximidade do fim de sua existência e não permite descanso algum. Não é o legado de seu próprio pensamento que o preocupa, mas sim o cumprimento de sua missão heróica que o tornou um defensor resoluto da Igreja.

Encontro-o sentado diante de sua escrivaninha, com pouco espaço para trabalhar. Ele escreve sem interrupção; ocasionalmente para consultar textos latinos, livros e documentos em inglês, francês e espanhol. Busca um dado, confirma uma tese teológica, obtém mais uma prova para adicionar à denúncia da

sistemática e incessante destruição da verdadeira Igreja. Ele pretende fortalecer, com a doutrina mais pura, as estruturas minadas.

O esforço para redigir sua última obra publicada, "*Sede Vacante*", foi extraordinário. Nos escritórios da Editores Associados, S. de R. L., na Cidade do México, este livro foi finalizado em 12 de março de 1978.

O prefácio é de René Capistrán Garza. Não faz referência ao conteúdo da obra, mas ao decreto de excomunhão contra o autor de "*A Nova Igreja Montiniana*", estudo no qual Sua Eminência baseou tal procedimento radical.

Capistrán Garza propõe e é indiscutível que ele consegue demonstrar a nulidade do mencionado decreto e a falta de autoridade do excomungador, já que "... para administrar a justiça, são necessários dois elementos indispensáveis: o juiz e a norma. Um juiz inadequado ou uma lei má, mal aplicada ou interpretada, não são fatores de justiça, mas sim de injustiça. E no caso da excomunhão proferida pelo proeminente Senhor Cardeal contra o modesto Senhor presbítero, nos deparamos com um juiz lamentável e, para surpresa dos leitores, em alguns casos com uma lei mal interpretada e, em outros, com uma lei inexistente... Na compreensão de que um juiz mau que aplica mal a lei, ou aplica uma lei que não existe, se transforma no ato em delinquente, em réu, e é ele e não o acusado que se torna de juiz acusador a sujeito e objeto da lei acusadora."[1] E ele estabelece isso com argumentos irrefutáveis, fundamentados no Direito Canônico e na conduta ambivalente do próprio Cardeal.

No decreto, afirma-se: "Do exame minucioso deste livro, é evidente que ele contém uma série de graves injúrias, insultos e juízos heréticos proferidos diretamente contra o Romano Pontífice e os Padres do Concílio Vaticano II; ao ponto de afirmar o autor, com malícia ingênua, que a Igreja está «sem cabeça» por ter o Santo Padre incorrido em heresia."

Dom René questiona: "Por que examinar tão minuciosamente um texto que é tão evidente? Não; do texto não decorrem tão «evidentemente» as conclusões que Sua Eminência tirou", pois, se fosse assim, não seria necessário um *exame minucioso*.

[1]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Sede vacante. Editores Asociados, S. de R. L., México, D. F., 1973. Págs. VII-VIII.

Na segunda parte de seu, embora sintético mas não menos explícito exame sobre a inválida excomunhão decretada por Sua Eminência, Capistrán Garza analisa a autorização explícita dada a uma obra repleta de heresias, pelo que, *ipso facto*, a Arquidiocese que se solidarizou com doutrinas previamente condenadas pelo Magistério Pontifício, ficou fora da Igreja.

Sáenz Arriaga, no primeiro capítulo da *Sede Vacante*, oferece uma aula de Direito Eclesiástico sobre o significado de vaga na Sede Apostólica e a diferença substancial com o conceito de Igreja *acéfala*.

"Pela Sé vacante, no linguajar canônico, entende-se a falta, por morte, renúncia, transferência ou desaparição, seja dos bispos, nas igrejas locais, seja do Sumo Pontífice na Igreja Universal.

A *Sé vacante* pode durar, e de fato já durou, como consta na história da Igreja, por longo tempo, sem que essa vacância do pontificado signifique, de modo algum, a desaparição da própria Igreja."[a]

A Igreja nunca está, nem pode estar «sem cabeça», como com 'refinada malícia' me atribuiu ter dito o «terrível» chanceler da Mitra Metropolitana da Arquidiocese do México, o tristemente célebre Luis Reynoso Cervantes", acrescenta mais adiante. "Para prová-lo, basta citar aqui algumas palavras da encíclica *Mystici Corporis Christi* de Sua Santidade Pio XII:

Prova-se que este Corpo místico, que é a Igreja, leva o nome de Cristo, pelo fato de que Ele deve ser considerado como sua Cabeça. *Ele* – diz São Paulo (Col. 1, 18) – *é a Cabeça do Corpo da Igreja*, disposto com devida ordem, cresce e se aumenta, para sua própria edificação (Efés. IV, 16; Col. II, 19)"

Portanto, a Igreja não pode nunca estar «sem cabeça» porque sua verdadeira Cabeça, Cristo, embora falte o Papa ou faltem os bispos, nunca a abandonará, cumprindo assim a divina promessa: «*Eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*». Pode faltar o Vigário, o vice-líder, a cabeça visível da Igreja, mas a Igreja nunca pode ficar «sem cabeça».[b]"

[a]Ibidem. Pág. 2.
[b]Ibidem. Pág. 4

"*Sede Vacante*" abrange lições de história, de teologia; investiga, penetra em acontecimentos de importância crucial, refere-se aos temas e conclusões ocorridos no Concílio Vaticano II.

Três questões motivam o Padre Sáenz, com as quais existe absoluta concordância no campo tradicionalista ao pedir:

1. Pela restauração da Missa de São Pio V, a Missa de sempre, a que remonta aos tempos apostólicos, em suas partes principais.

2. Para que os catecismos católicos, livres de resistências, inexactidões e verdadeiros erros, que, infelizmente, circulam em vários países, voltem a ensinar ao povo e, especialmente às crianças e jovens, a doutrina tradicional, apostólica, que sempre foi ensinada na Igreja Católica; e

3. Que não se dê às Sagradas Escrituras o sentido ecumênico, eclético que hoje, apoiando-se na exegese protestante ou dos rabinos judeus, se lhes quer dar, mas o único sentido que "*sempre e em todo lugar a Igreja*", que o Magistério da Igreja sempre ensinou.

É surpreendente que três pontos tão naturais, tão simples embora essenciais, tenham dividido a Igreja. Em outros tempos, essas questões fundamentais eram resolvidas pelo Soberano Pontífice aplicando categoricamente a doutrina católica; agora, o "Papa Montini tolerou, dissimulou, aparentou ceder às exigências absurdas, anticatólicas e, em muitos casos, abertamente heréticas dos líderes do 'progressismo', sejam cardeais, bispos, clérigos ou simples leigos... Qual seria a reação de São Paulo diante da viagem a Genebra, diante do discurso "ecumênico" no Conselho Mundial de Igrejas, no qual a verdadeira e única Igreja de Jesus Cristo foi assimilada e absorvida por esse eclético conglomerado de seitas, cujo denominador comum, se o tiverem, é a negação da verdade imutável e permanente?"[2]

[2]Ibidem. Pág. 13.

Antes de reafirmar "a doutrina católica, dogmática e infalível sobre o Primado de Jurisdição e as demais prerrogativas que Cristo quis dar a Pedro e aos *legítimos sucessores* de Pedro no Pontificado Romano"[3], o Padre Sáenz relata o processo do chamado grande cisma do Ocidente,

Cisma é "a separação da Igreja Católica de um ou alguns de seus membros, por negar a devida obediência ao Romano Pontífice"[4], desde que este seja um verdadeiro e legítimo papa. São Paulo adverte: "*Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anunciasse um Evangelho diferente do que já vos pregamos, que seja anátema.*" (Gálatas, 1, 8.)

O cisma, portanto, ocorre pela desobediência ao *Papa legítimo* quando este não se afasta da doutrina invariável da Igreja.

"Quando, como nos tempos atuais, vemos que a tradição apostólica foi menosprezada, quando não abertamente negada; quando circulam impunemente os mais graves erros e heresias, sem que os bispos, nem o próprio Papa reajam energicamente e de forma definitiva... temos o direito, temos o dever de duvidar da legitimidade do Papa Montini, já que é o principal responsável por esse colapso."[5]

"Em seguida, ele faz um breve histórico do cisma do Ocidente que começou em 9 de agosto de 1378 e terminou trinta e nove anos depois, em 8 de novembro de 1417. Nessa terrível crise, vários Papas desfilaram simultaneamente, desfrutando do acatamento e respeito de prelados, clérigos e leigos, ao mesmo tempo em que eram desobedecidos e menosprezados pelos do outro lado. 'Houve momentos em que três distintos eleitos reclamaram a sucessão legítima de Pedro.'[6] O que leva a concluir que 'Na Igreja, apesar das promessas e assistência de Cristo, apesar também da ação do Espírito Santo, os homens que então a dirigiam, como os homens que a dirigem agora, os que representavam e representam a Cristo, podem, por suas paixões, por seus equívocos, pelas pressões externas, conduzir a Igreja a um estado caótico, no qual um pontificado tricéfalo dilacere não apenas a disciplina, mas até mesmo os próprios

[3] Ibidem. Pág. 20.
[4] Ibidem. Pág. 21.
[5] Ibidem. Pág. 23.
[6] Ibidem. Pág. 32.

dogmas.’[7]

“O Concílio Vaticano II foi constantemente pressionado para mudar princípios solidamente estabelecidos. ‘O Concílio - erroneamente afirmou o teólogo Hans Küng,[8] citado por Sáenz Arriaga - deve levar em conta as *legítimas reivindicações* dos protestantes, ortodoxos, anglicanos e liberais.’[9] Esse critério, bastante generalizado entre os padres conciliares, teve consequências desastrosas; a primeira foi a deterioração da autoridade pontifícia frente à colegialidade episcopal. Sáenz Arriaga estuda extensivamente essa questão, seguindo passo a passo os projetos e resoluções, as interferências, os textos e os necessários esclarecimentos que não conseguiram modificar a ambivalência das conclusões.”

“É inegável que a discussão sobre a colegialidade foi uma das mais agitadas e perigosas do Vaticano II. *O ecumenismo, a união das seitas separadas*, um dos principais, se não o principal objetivo deste Concílio Pastoral, esbarrava, como um dos mais graves obstáculos... para a união da Igreja Católica com as seitas protestantes, no ‘Conselho Mundial de Igrejas’, entre outros pontos fundamentais de nossa fé católica, como o Primado de Jurisdição e a Supremacia do Magistério do Romano Pontífice.”[10]

O autor de “*Sede Vacante*” recordava alguns de seus próprios conceitos publicados vinte e cinco anos antes em seu livro “*Onde está o Papa, aí está a Igreja*”: “Demonstrado que Cristo fundou em sua Igreja um Magistério autêntico e infalível, preservado do erro pela assistência especialíssima do Espírito Santo, vimos que Pedro, independentemente do Colégio Apostólico como fundamento da Igreja, como Pastor supremo do rebanho de Cristo, como cabeça visível da Igreja, recebeu entre suas prerrogativas e poderes o dom da infalibilidade didática no exercício de seu Supremo Magistério.”[11]

“A exposição doutrinária feita por Sáenz Arriaga sobre a primazia do Papa na única e verdadeira Igreja não deixa margem a dúvidas sobre sua ortodoxia católica, pois não se limita

[7] Ibidem. Pág. 39.

[8] Referência sobre o “teólogo” Hans Küng na página 130, nota.

[9] Ibidem. Pág. 42.

[10] Ibidem. Pág. 55.

[11] Ibidem. Pág. 61.

a defender os atributos de Pedro contra qualquer intromissão inimiga, vai além: aos próprios fundamentos do Papado e ao reconhecimento de seu magistério infalível, o qual é, em seu exercício, absolutamente independente, seja da autoridade de um Concílio, seja da aprovação posterior dada por toda a Igreja universal."[12]

"A infalibilidade pontifícia, como a infalibilidade do Magistério da Igreja, considerada de uma maneira geral, provém da assistência divina, para excluir perpetuamente todo erro ou todo perigo de erro no ensino da verdadeira e única doutrina. Assistência especialmente prometida a Pedro e a seus sucessores, até a consumação dos séculos. Este é o ensinamento formal do Concílio Vaticano I na definição do dogma da Infalibilidade Pontifícia, a qual 'só se dá nos atos nos quais o Papa fala com a plenitude de seu poder apostólico, como Pastor e Doutor supremo da Igreja...'"[13] já que " *infalibilidade* não significa, de maneira alguma, uma nova e divina revelação, como a que receberam os Apóstolos e Evangelistas, cujos escritos são recebidos e aceitos como a palavra de Deus..."

"O depósito das verdades reveladas, que ficou fechado com a morte do último dos Apóstolos, não pode ser aumentado nem minimamente alterado pelas doutrinas da Igreja. A Igreja de hoje deve ensinar o que aqueles primeiros evangelizadores ensinaram por prescrição de Cristo. A evolução dogmática não traz novas verdades, apenas revela as verdades que, contidas no depósito da Divina Revelação, não foram definidas, como tais, pelo Magistério da Igreja."[14]

"As lições de teologia contidas em '*Sede Vacante*' tornam este livro um tratado sobre as implicações atuais oferecidas por esta ciência."

Depois de explicar a infalibilidade pontifícia, o teólogo se pergunta: "Pode um Papa cair em heresia?" E responde: "Nada se opõe à infalibilidade pontifícia, definida como dogma de nossa fé católica, que um papa, considerado como pessoa particular, possa incorrer em heresia, não apenas em erro."[15] Para demonstrar essa tese, ele recorre aos ensinamentos de santos,

[12]Ibidem. Pág. 70.
[13]Ibidem. Pág. 72.
[14]Ibidem. Pág. 73.
[15]Ibidem. Pág. 103.

teólogos e doutores da Igreja ao longo de sua história. A resistência ao Espírito Santo, explicável pelo livre arbítrio com o qual Deus dotou toda criatura humana, pode degenerar em incredulidade, em heresia, em apostasia. E é lógico que aquele que voluntariamente renuncie a conduzir o rebanho pelo caminho apontado no Evangelho não será o Pastor universal.

Assim, resulta que Paulo VI "ao seguir com tanto entusiasmo as teses maritenianas, que não apenas eu", afirma Sáenz Arriaga, "mas também muitos outros teólogos consideraram quase heréticas, escandalosas, certamente se equivocou; se equivocou e, certamente, com uma visão incrível e perigosa, ao afirmar em seu discurso na ONU que essa organização heterogênea, controlada por mãos invisíveis, era para a humanidade de hoje e de amanhã a sólida e segura esperança, para forjar um mundo melhor e mais humano. O Papa também errou ao buscar, nas relações diplomáticas com os países dominados pelo comunismo ateu, uma postura anticristã, antirreligiosa e politicamente suicida que garantisse a paz do mundo. E para não alongar muito meu raciocínio, Paulo VI cometeu o mais grave de todos os seus erros ao nos impor o *Novus Ordo Missae*, que é equivocado e favorece a heresia."[16]

"*Sede Vacante*" é também uma extensa e variada denúncia que se inicia com as revelações do que aconteceu no Seminário Moctezuma, instalado perto de Las Vegas, Nevada, Estados Unidos[17], onde, vale dizer, saíram gerações de jesuítas impregnados de idéias modernistas, promotores do socialismo e relutantes ao celibato sacerdotal.

Também trata do Seminário do México e de outros centros "educacionais" igualmente afetados pela contaminação progressista. Essas referências, embora isoladas, levam a pensar nos lamentáveis resultados que o ímpeto reformador e sincrético de prelados e clérigos ativistas têm produzido.

"*Por que os padres se casam*?" é um capítulo amargo, enriquecido com testemunhos verdadeiros que revelam a decadente vocação sacerdotal. Os títulos que encabeçam os subsequentes capítulos de "Sede Vacante" anunciam a importância dos textos: "*Pode haver um papa ilegítimo? Paulo VI continua seu programa reformista. O ecumenismo, meio eficaz para a*

[16] Ibidem. Pág. 105.
[17] Ibidem. Págs. 168 a 173.

autodemolição da Igreja...”

A obra póstuma de Joaquin Sáenz Arriaga contém nutridas lições teológicas sobre eventos recentes e atuais. Este livro, escrito em pouco tempo, abrange diversos temas, apresentando alguns deles de maneira um tanto desordenada devido à urgência do autor em fornecer ao povo católico informações abrangentes e advertências fortes sobre a acelerada mudança eclesiástica cujos resultados ninguém ignora.

Na primeira página do livro, há a reprodução de um cartão escrito pelo Cardeal Ottaviani, datado de dezembro de 1970: “Bendiz o Rev. Padre Joaquín Sáenz y Arriaga e o encoraja a continuar defendendo com entusiasmo a integridade da fé.”

“*Sede Vacante*” foi escrito após a mensagem do distinto Cardeal da Cúria Romana, que se opôs, até que suas faculdades físicas o impediram, à propagação dos erros pós-conciliares e criticou vigorosamente o *Novus Ordo Missae* de Paulo VI, sem que seus argumentos conseguissem modificar a decisão tomada pelo Papa.

A inclusão do autógrafo de Ottaviani em seu livro trouxe ao padre Sáenz uma crítica ácida beirando a calúnia. O advogado Salvador Abascal escreveu ao Cardeal perguntando se a inclusão de seu “suposto” cartão em “*Sede Vacante*” significava que ele concordava com a tese proposta pelo autor. Ottaviani, quase cego e surdo, reagiu de acordo com a sugestão da pergunta, rejeitando sua presumível aprovação ao livro que ele só poderia conhecer pelas referências interessadas de seu remetente, pois é improvável que, fisicamente impedido como estava, ele tivesse podido conhecer completamente todo o texto.

A ofensiva contra o *Novus Ordo Missae* obteve notáveis triunfos. No dia 11 de abril de 1974, o abbé Noel Barbara terminou de escrever um estudo intitulado: “*A santa missa celebrada segundo o novo ordo missae de Paulo VI é válida*?”

Sáenz Arriaga, ao retornar da Europa no final de setembro daquele ano, divulgou a tradução deste texto singularmente claro e categórico. Com uma constância incansável, ele viajava uma, duas e até três vezes por ano ao continente europeu, consolidando relações pessoais, trocando notícias e opiniões, visitando pessoas importantes na esfera eclesiástica. Ele não podia permanecer tranquilo e indiferente ao desenvolvimento dos acontecimentos; algo precisava ser feito e ele, doente e an-

gustiado, não cedia à fadiga.

Diante da manifesta oposição à nova missa de cunho luterano e da crescente fidelidade à Missa eterna, a conspiração vaticana realizou uma manobra de intimidação para impedir o retorno à ortodoxia católica. O cardeal James Robert Knox e o arcebispo Annibale Bugnini, respectivamente, prefeito e secretário da Sagrada Congregação para o Culto Divino, assinaram uma notificação em 28 de outubro de 1974 na qual, "com a aprovação do Sumo Pontífice" (Paulo VI), reconheciam a competência das "Conferências Episcopais para a elaboração das versões populares dos livros litúrgicos e as normas a serem seguidas para obter a confirmação da Santa Sé." Tendo sido "postas em prática de maneira gradual em todos os lugares", as mencionadas 'versões populares' eram "quase uma obra perfeita". Uma vez estabelecido o mencionado Missal Romano na língua vernácula, somente seria permitido celebrar a missa "segundo o rito do Missal Romano, promulgado com a autoridade de Paulo VI no dia 3 de abril de 1969... cabe ao Ordinário do lugar conceder a faculdade de usar o Missal Romano de acordo com a edição típica de 1962 (ou seja, a missa tradicional de origem apostólica canonizada no Concílio de Trento)[18], adaptada pelos decretos dos anos de 1965 e 1967, seja na íntegra, seja parcialmente, mas *somente* na celebração da *Missa sem Povo. Os Ordinários não podem conceder essa faculdade para celebrar a Missa com o povo*."

A Constituição Apostólica *Missale Romanum* mencionada por Knox e Bugnini em sua "Notificação" estabelecia: "A Ceia do Senhor, ou Missa, é a assembleia sagrada ou congregação do povo de Deus, reunido sob a presidência do sacerdote para celebrar o memorial do Senhor. Daí que seja eminentemente válida, quando se fala da assembleia local da Santa Igreja, aquela promessa de Cristo: 'Onde estiverem reunidos dois ou três em meu nome, aí estou eu no meio deles' (Mt. 18, 20)."

"Essa definição é totalmente equívoca e, portanto, totalmente anticatólica. Foram tantos os protestos que fizemos em

[18]Nota: O Missal de 1962 é o do Usurpador "João XXIII" que, embora seja um rito válido, não é utilizado por Sacerdotes Sedevacantistas, mas apenas pela falsa oposição dos Reconhecer & Resistir. Também contém as deformas litúrgicas de 55, o qual recomendamos o livro "O Complô Anti-Litúrgico", do Dr. Yuri Maria.

todo o mundo que a Ordenação Geral, neste caso, assim como em outros pontos, teve que ser corrigida. E isso, apesar de a "*Institutio Generalis*" (Ordenação Geral), como diz o Decreto da Sagrada Congregação, ter sido «*aprovada pelo Sumo Pontífice*». «*Contrariis quibuslibet minime obstantibus*», sem que nada pudesse opor-se a estas disposições. Se a infalibilidade do Sumo Pontífice fosse pessoal e constante, como poderíamos explicar essa aprovação dada à Ordenação Geral, que teve que ser prontamente reformada para esconder os erros ou equívocos doutrinários da primeira edição desse *Institutio Generalis do Missal Romano*? Além disso, devemos ter em mente que, mesmo após essas reformas na *Institutio Generalis*, os equívocos ou erros que foram denunciados e corrigidos na *Institutio Generalis* não mudaram em nada a própria nova missa, cujos lamentáveis equívocos e novos ritos têm protestantizado o augusto Sacrifício do Altar, a repetição incruenta do mesmo Sacrifício do Calvário. Podemos manter diante dessas realidades a infalibilidade *pessoal e permanente de Paulo VI*?"[19]

[19] Ibidem. Pág. 108.

CAPÍTULO 12

AO FINAL DA JORNADA

Homem de perspectivas universais, desde sua juventude viajou inúmeras vezes ao exterior; suas viagens não eram excursões turísticas; sempre tinham um propósito apostólico. Daí resulta que sua visão religiosa tem alcance verdadeiramente católico, ou seja, universal. Sua atividade não se concentra em uma paróquia, bairro, cidade ou mesmo em seu próprio país. A doutrina de Cristo escapa a todo limite de tempo e espaço. Don Joaquín não se fecha entre quatro paredes para criticar estéreis distorções doutrinais que levam à apostasia; ele sai ao encontro da conspiração, faz alianças com seus pares, busca concordâncias, recebe apoio e estímulo moral para continuar sua missão.

No final de 1973, voa para a Europa; permanece lá por quase dois meses. Visita o seminário de Ecône e, sempre que necessário, comunica-se com o arcebispo Marcel Lefebvre, a quem conhece desde o Concílio, e outros prelados que atuam discretamente para evitar obstáculos e perseguições.

Em 3 de janeiro de 1974, retorna ao México. Cuida de sua casa de estudantes. Mantém correspondência frequente com amigos do mundo todo e, mesmo quando sua saúde cada vez

mais deficiente o obriga a se recolher em seu quarto, não deixa de estudar e cuidar dos assuntos relacionados ao seu ministério. Ao lado de sua cama de doente, juntam-se frascos de medicamentos, papéis e livros... Prepara escritos originais e corrige edições da revista *Trento*, seu jornal doutrinário que visa combater, ainda que minimamente, a campanha desorientadora de publicações inseridas em um tradicionalismo condicionado ao ataque exclusivo contra Méndez Arceo e seus semelhantes – os semi-tradicionais de seu tempo -, até mesmo revistas de postura marxista e teilhardiana, como a *Christus*, dos novos jesuítas.

O acertado título *Trento* foi proposto pelo padre Moisés Carmona, quando Sáenz Arriaga o visitou no porto de Acapulco, em meados de 1972, e revelou sua intenção de lançar um impresso, com não mais de oito páginas, em papel "diário", mas rico em conteúdo doutrinário.

O primeiro número de *Trento*, dirigido pelo padre Carmona, saiu em 1º de outubro de 1972. A partir do número 2, Abelardo Rodríguez Díaz passou a dirigir esta revista, que sempre esteve sob os cuidados de Don Joaquín, cuja experiência jornalística e conhecimento teológico o tornaram um publicista experiente e um claro expoente do pensamento católico.

Em *Trento*, foram publicados artigos escritos por autores competentes, nacionais e estrangeiros, sobre temas atuais e lições doutrinárias tão valiosas quanto o *Catecismo de São Pio V*.

A polêmica não esteve ausente de suas páginas; não para insultar, não para saciar vinganças ressentidas, mas para mostrar erros e afirmar verdades.

Após a morte do Padre Sáenz, esta combativa publicação ficou sob os cuidados de Gloria Riestra, uma escritora esforçada que soube resistir às pressões eclesiásticas e às lacunas nos meios jornalísticos, que não conseguiram dobrar sua vontade ou minar a solidez de sua fé.

Em 2 de fevereiro de 1974, festa da Apresentação do Senhor, Paulo VI deu sua exortação apostólica "para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Santíssima Virgem Maria", que foi publicada até 22 de março seguinte. Alguns jornalistas que compareceram à conferência de imprensa convocada pelo porta-voz do Vaticano ficaram chocados ao ouvir alguns concei-

tos da exortação.

"A conferência de imprensa oferecida no Vaticano se transformou, em alguns momentos, em um debate tormentoso e houve críticas ao Papa e aos seus especialistas por aceitarem ideologias sacrílegas sobre a mulher e o culto." (*Novedades*, jornal da cidade do México, 22 de março de 1974)

"A exortação do Sumo Pontífice", acrescenta a notícia vinda de Roma, "contém 95 páginas, e nela se chega à conclusão de que 'a imagem da Santíssima Virgem apresentada por certo tipo de literatura devocional não pode ser facilmente conciliada com os estilos de vida atuais, especialmente com a forma como as mulheres vivem hoje'."

"O padre Jean Galot", expressa parágrafos à frente desta notícia, "*judeu convertido e jesuíta francês que trabalha no Vaticano*, disse que no futuro é possível que as mulheres «desempenhem um papel ativo nos Concílios e que esse papel, visto à luz de sua capacidade de decisão, será melhor examinado. *Deus mesmo promoveu a emancipação da mulher*» – declarou. À explicação do padre Galot de que 'Maria é uma mulher que trabalhou ativamente para transformar a sociedade, uma mulher moderna', houve reações indignadas de vários jornalistas. 'Este documento foi ditado por um espírito demagógico e inclinado à propaganda', gritou um indivíduo. 'É um documento incentivado pelo mesmo espírito que enviou um vândalo para destruir La Pietá, de Michelangelo', disse outro."[1]

Ao receber a crônica do ocorrido em Roma, ninguém da hierarquia eclesiástica tentou esclarecer a situação, muito menos defender a devoção mariana. Apenas o excomungado, cheio de santa indignação, defendeu a verdade. Ele esperou ter em mãos a versão espanhola do *L'Osservatore* Romano para conhecer o texto oficial, que, embora diferisse por algumas supressões do texto divulgado na conferência de imprensa, ainda continha pontos inaceitáveis. Ele redigiu um estudo minucioso sobre a exortação de Paulo VI e convocou uma coletiva de imprensa em um salão do Hotel Reforma, na cidade do México, na tarde de 5 de abril de 1974.

"Comparando o documento com os relatos que a imprensa nos deu", ele escreveu posteriormente em seu prefácio ao estudo, "encontramos uma grande probabilidade de afirmar que

[1] Ibidem. Pág. 2.

o texto lido em Roma para as agências informativas internacionais foi posteriormente mutilado pelo *L'Osservatore Romano* em sua versão espanhola...”[2]

Don Joaquín transcreveu integralmente este novo texto da exortação apostólica e, em seguida, analisou o documento: “Reconhecemos a habilidade, já amplamente notada em todos os documentos, discursos, relações e gestos de Giovanni Battista Montini para encobrir suas reformas com o véu piedoso de uma restauração da Igreja, envelhecida por sua história já bimilenar.”

...“Não negamos que o documento de Paulo VI, em vários pontos, é um clamor fervoroso e doutrinário sobre a devoção e o culto à Santíssima Virgem, a Mãe de Deus.”

“Apesar da linguagem ambígua e do estilo dialético do Pontífice, reconhecemos que o documento tem trechos bonitos e até comoventes. Mas, no meio dessa rica doutrina, na qual Paulo VI enquadra seu pensamento adaptado à mentalidade moderna e sua reconhecida tendência ao *movimento ecumênico*, nos deparamos com pontos inadmissíveis na linguagem tradicional do Magistério.”[3] “Uma vez mais nos encontramos com a dificuldade prática de reproduzir o preocupante texto. Pequenas frases aqui e ali mutilam as muitas lições ortodoxas que o livro todo contém.”

“Aqui está o relativismo religioso”, aponta Sáenz Arriaga depois de reproduzir os ensinamentos de Paulo VI, “que, em sua busca por novas formas de culto, pode chegar, como de fato chegou, às aberrações das *missas panamericanas, dos show-missas*, ou ao Cristo Superstar de Jenson .”

Não estava sem razão o Padre Sáenz; mais tarde seria exibido, por expressa recomendação pontifícia, o sacrílego e absurdo musical no próprio Vaticano, que foi visto e inexplicavelmente aceito e aplaudido por cardeais, bispos, padres e religiosos.

O autor do comentário cita o Papa Pio XII, cujo magistério confronta a nova teologia. Em sua encíclica “*Mediator Dei*”, ele expõe ideias muito claras sobre a liturgia católica da Missa, que culmina na devoção mariana sem diminuir o significado sa-

[2]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Restauração Montiniana da devoção à Santíssima Virgem. Imprensa Ideal, México, D. F., 1974. Pág. 5.

[3]Ibidem. Pág. 50.

crificial do Mistério Eucarístico: "...muitos fiéis cristãos são incapazes de usar o *Missal Romano*", admite o Pontífice, "mesmo que esteja traduzido para a língua vulgar; e nem todos estão preparados para entender corretamente os ritos e as fórmulas litúrgicas... Quem, levado por esse preconceito, ousaria afirmar que todos esses cristãos não podem participar do Sacrifício Eucarístico e desfrutar de seus benefícios? Podem, certamente, recorrer a outro método que a alguns parece mais fácil, como, por exemplo, meditar piedosamente nos mistérios de Jesus Cristo ou fazer outros exercícios de piedade, e rezar outras orações que, sendo deficientes nos ritos sagrados na forma, no entanto, concordam com eles por sua própria natureza."

No capítulo VII da Exortação Apostólica, Paulo VI se afasta desse sentimento piedoso quando afirma que "é difícil enquadrar a imagem da Virgem, como é apresentada por certa literatura devocional, nas condições de vida da sociedade contemporânea e, em particular, nas condições da mulher, seja no ambiente doméstico... *onde as leis da evolução dos costumes tendem justamente à igualdade e à co-responsabilidade com o homem na direção da vida familiar*: seja no campo político... seja no campo social... assim como no campo cultural..." O Padre Sáenz chega a esta conclusão contundente: "Para Paulo VI, a *mulher moderna* é uma mulher emancipada do ambiente doméstico, uma mulher política, uma ativista no campo social, uma mulher que deixa, cada dia mais, as estreitezas de sua casa para sair a conquistar o mundo das ciências, do dinheiro e do poder"[4]

O bom senso e a experiência de vida fizeram o talentoso teólogo ver as consequências futuras dessas afirmçaões. A tradicional piedade mariana, obsoleta, mutável como Paulo VI queria, tornou-se, nos nossos dias, um grotesco refúgio de mulher libertada, veja só, entre outros exemplos, o 'logotipo' do Congresso Mariano Internacional, realizado em Zaragoza, Espanha, em outubro de 1979. Aparece uma jovem vestindo calças e blusa justa de manga curta, tocando guitarra. O cabelo solto; uma auréola de estrelas rodeia sua cabeça. Aos seus pés, o perfil da Basílica do Pilar de Zaragoza, e acima uma inscrição que diz: *Maria, mulher, jovem, canta*."

João Paulo II, coerente com os ensinamentos de seu amado

[4]Ibidem. Pág. 79.

antecessor, enviou sua bênção a este congresso.

A transformação religiosa gradual, mas firme, é um fato. E o padre Sáenz Arriaga foi um dos mais perspicazes pioneiros a denunciá-la.

Em uma cidade de pouca relevância religiosa, em grande parte devido à origem heterogênea de sua população, a voz convincente de uma mulher dotada de excepcional inteligência, sensibilidade poética, reflexiva e estudiosa, se fazia ouvir, por meio de artigos jornalísticos, em todo o país. Ela havia conquistado a admiração e o reconhecimento da Hispanoamérica com suas poesias, de estilo castiço e profundo misticismo. Agora, ela lutava com a coragem que a posse da verdade infunde na arena católica, sem que os clérigos ou leigos progressistas que cruzavam seu caminho conseguissem afetar sua pena, empunhada em prol da verdadeira Igreja.

Muitos anos haviam se passado. O padre Sáenz a lembrava, ainda menina, durante suas missões no porto de Tampico. Gloria Riestra não tinha esquecido seu conselheiro espiritual. Como leitora de seus livros, ela acompanhava com interesse sua investida dialética contra os inimigos infiltrados do catolicismo.

Ambos se reencontraram, e sua comunicação mútua se tornou constante e proveitosa.

Aqueles que antes exaltavam a escritora, depois tentaram ignorá-la. Isto quando não chegaram às ameaças ou aos insultos. O antigo bispo de Tamaulipas, agora Cardeal e Arcebispo do México, de quem Gloria recebeu sábias lições e bons conselhos, voltou as costas para ela e mudou seu caminho para alcançar altas honras e benefícios na nova igreja. O Bispo sucessor da diocese a ameaçou com a aplicação das mais severas penas canônicas... que não ousou impor, talvez porque compreendeu a inconsequência de sua própria conduta.

Nesse isolamento obrigatório, Gloria recordou o trigésimo aniversário de "sua profissão de escritora, na exposição e defesa da Fé Católica" com uma solene, ainda que privada, "Ação de Graças por meio do Santo Sacrifício da Missa, celebrada segundo o rito tridentino pelo Rev. Padre Joaquin Sáenz Arriaga, no dia 10 de dezembro de 1974."

Don Joaquín, como prova de seu apreço à singular escritora, entregou-lhe o cálice que usou por muitos anos. Ao morrer, dei-

xou para um convento de religiosas contemplativas, que havia fundado na cidade de Celaya, Guanajuato, seus ornamentos e objetos de culto, alguns dos quais foram depois cedidos pelas congregantes para serem usados na capela privada da antiga residência do legatário.

Quando seu físico estava mais enfraquecido, o sacerdote inflexível se dedicava ainda mais à sua obra apostólica. Novamente, suas viagens à Europa. Esteve lá duas vezes em 1974 e outras duas em 1975. Tinha esperanças de ver estendida e reafirmada a postura inicialmente intransigente do arcebispo Marcel Lefebvre. Conhecia vários prelados dispostos a restabelecer a legitimidade pontifícia; mas até o dia de sua morte, ninguém ousou seguir abertamente o doloroso caminho da total renúncia aos seus bens, à sua posição hierárquica, ao respeito humano.

Ainda escreveu mais um livro, que permanece inédito: "*Paulo VI, o político*". A importância relativa desta obra não contribuiria substancialmente para o sucesso de sua luta. Ele deixou seus outros livros, seus sermões, seu exemplo, sua integridade sacerdotal.

A morte espreitava o Padre. Sua saúde declinou nos últimos anos de sua vida, os mais ativos e frutíferos. Um câncer na próstata, pelo qual foi operado três vezes, uma delas em Roma durante uma de suas viagens, destruiu sua resistência física, mas não seu fervor sacerdotal. Sem conhecer a natureza de seu mal, ele pressentia que a morte estava próxima e redobrou seus esforços; não cedeu ao enfraquecimento físico. E como os bons soldados de Cristo, não deu nem pediu descanso.

Perto do final, seu médico determinou que fosse internado no sanatório Santa Fé, na Colônia Roma da Cidade do México. Em seu leito de enfermo, recebia seus amigos, colaboradores, companheiros que, dispersos nos meios de ação, mas unidos no mesmo propósito, travavam, dentro de suas possibilidades humanas e recursos, a batalha pela Igreja de Cristo, confiando na ajuda de Nossa Senhora de Guadalupe.

Aquele hospital era administrado por religiosas que, incapazes de examinar ou compreender a transformação eclesiástica, tinham uma ideia equivocada dos limites da obediência e seguiam diretrizes e práticas religiosas estabelecidas por Paulo VI. Algumas delas, cientes da gravidade física do enfermo, se

aproximaram dele para pedir que aceitasse os sacramentos da nova religião e se reconciliasse com o Cardeal Miranda. O Padre Sáenz reagiu com santa indignação e, ajudado por alguns de seus fiéis amigos, deixou o sanatório para reafirmar, mais uma vez, sua adesão à Igreja única, santa, católica e apostólica.

O Dr. Alejandro Ruiz y Ruiz, amigo do enfermo, assistiu a uma missa celebrada pelo padre Pedro Toledo na capela privada da casa onde o Padre Sáenz morava, na Rua Culiacán, número 103, Cidade do México: e, dias depois, a pedido de Don Joaquín, o Dr. Ruiz levou-o ao padre Maximiliano Reynares, titular da antiga igrejinha de São Salvador El Seco, localizada na rua fechada de mesmo nome. O padre Reynares administrou o sacramento da penitência e a Sagrada Eucaristia ao enfermo, por quem sentia profundo afeto e admirava por sua incansável luta religiosa.

Novamente o padre Maximiliano foi visitar o idoso teólogo, desta vez acompanhado por Xavier Wiechers Conday. Don Joaquín recebeu devotamente o Corpo de Nosso Senhor. Sua sincera piedade, sua vocação sacerdotal encontravam, nos auxílios espirituais da Santa Madre Igreja, um sedativo eficaz para suas dores físicas e suas angústias apostólicas.

Aqueles que estavam mais próximos dele conheciam a extrema gravidade de sua saúde, e não faltou algum conhecido seu que sugerisse chamar Monsenhor Vicente Torres, que cuidava da capela de São João Batista, em Tacubaya, Cidade do México.

Ermilo López era um jovem de condição humilde a serviço do padre. Fazia recados, recebia mensagens e cuidava da casa. No sábado, 10 de abril, o enfermo pediu-lhe para telefonar a Xavier Wiechers. Xavier tinha grande carinho pelo padre Sáenz e estava sempre disposto a ajudá-lo. Don Joaquín pediu a seu bom amigo para procurar Monsenhor Torres. Ele deu seu endereço e número de telefone. Xavier marcou imediatamente um encontro com esse sacerdote, a quem supunha que, tendo sido solicitado por don Joaquín, trataria de suas questões religiosas.

Sem perder tempo, ele foi de carro até Tacubaya e buscou o padre Torres; este, durante o percurso, permaneceu silencioso. Ao chegar à casa na Colônia Roma, tudo estava preparado

para dar a Sagrada Comunhão ao padre Sáenz. Xavier pegou uma vela e a segurou acesa em suas mãos. Ajoelhou-se ao lado da cama do paciente. A cena era emocionante. Aqueles que observavam pressentiam o desfecho próximo.

Antes de dar a Sagrada Hóstia, o Padre Torres, com voz clara, perguntou ao padre Sáenz se pedia perdão por ter ofendido o Papa Paulo VI.

Com voz forte e precisa, acompanhada de gestos com sua mão direita, como era habitual nele, ou seja, juntando o polegar com o indicador e os outros três dedos erguidos, ele respondeu com energia: "Se eu ofendi Paulo VI por minhas falhas, peço perdão. Mas se o ofendi por ter defendido a Igreja Católica, não tenho nada pelo que me arrepender, nem peço perdão por ter defendido a verdade".

Em seguida, Monsenhor Torres perguntou se pedia perdão por ter ofendido seus irmãos jesuítas. De forma análoga, o Padre Joaquín Sáenz respondeu: "Se eu os ofendi por minhas fraquezas, peço sincero perdão. Mas se eles se ofenderam por minha defesa da Santa Igreja Católica, não tenho por que pedir perdão".

Imediatamente, Monsenhor Torres deu a Sagrada Comunhão a ele e depois, aproximando-se, pediu-lhe que rezasse por ele. Ouvi estas palavras: "*Memento mei*". O padre Sáenz respondeu: "*Ad ínvicem*[5]".

Monsenhor Torres retirou-se depois de se despedir do padre Sáenz.[6]

Xavier o levou de volta à sua capela. No caminho, conversaram e, a uma pergunta, Monsenhor respondeu que ele nunca havia se afastado do cânon tridentino. Xavier prometeu assistir à missa em sua igreja no próximo domingo e voltou à casa do padre Sáenz. Ao entrar em seu quarto, o Padre o questionou: Quem era esse sacerdote que havia lhe pedido para se retratar? Xavier respondeu que era a primeira vez que o via e não sabia quem era.

No domingo seguinte, 18 de abril, por convite expresso feito por telefone por Monsenhor Torres, Xavier, acompanhado de sua família, assistiu à missa no templo de São João Batista.

[5]"Lembra-te de mim" e "orem um pelo outro"

[6]Wiechers Condey, Xavier. Relação manuscrita ao autor. Cidade do México, 4 de dezembro de 1979.

Ele não deixou de se surpreender que o celebrante usasse o novo rito, embora, na consagração, baixasse a voz de maneira que o que dizia fosse compreensível. Terminada a missa, o padre Torres mostrou aos seus visitantes, na sacristia, uma imagem da chamada Virgem de Puruarán; mais uma das superstições que atentam contra a integridade católica. Comentando a "excomunhão" do Rev. Pe. Joaquín Sáenz Arriaga, Monsenhor Torres opinou que isso tinha sido uma coisa "*ad hominem*".

Domingo, 25 de abril. O padre Sáenz celebrou sua última missa apoiado em um par de muletas. No meio de profunda emoção, seus fiéis assíduos receberam das mãos dele o Pão dos Anjos. Neste dia, visitaram-no seus amigos, o notário Francisco Villalón Igartúa, Carlos Carrillo, Xavier Wiechers. O teólogo doente compreendeu que chegara o momento de concluir sua obra apostólica. Realizar um último esforço para fazer chegar seu testemunho de fidelidade à Igreja.

Diante de seus amigos, ditou seu Testamento Espiritual, síntese e resumo de sua vida sacerdotal. Com firmeza, estampou sua assinatura ao final deste documento:

"Estas palavras presentes constituem meu testamento espiritual, dirigido a todas aquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, estiveram em contato espiritual comigo durante toda a minha vida e, em particular, durante o curso de minhas atividades pela causa de Cristo e da Igreja.

Em primeiro lugar, declaro que sempre fui católico de coração. Sempre amei o Primado de Cristo na terra e, se alguma vez ergui minha voz para protestar contra os desvios que observei na Fé, meu protesto foi contra o homem que, ao se afastar da tradição milenar da Igreja, colocou a mesma Instituição Divina em gravíssima contingência.

Nunca neguei, nem em meu coração nem em minhas palavras, a Doutrina Imutável do Magistério Eclesiástico. Minha vida e tudo o mais precioso que ela poderia ter para mim foram sacrificados por Cristo, pela Igreja e pelo Papado. Peço perdão a todos aqueles que de alguma forma tenha ofendido e de coração perdoo a todos

aqueles que de alguma forma possam ter me ofendido. Que o último suspiro da minha alma seja o dos nossos mártires mexicanos: Viva Cristo Rei, Viva a Virgem de Guadalupe!

Joaquin Sáenz ARRIAGA."[a]

[a] El Heraldo. Diario. México, D. F., 29 de abril de 1976. Fotocópia do original no arquivo do autor.

Testamento original do Pe. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga, assinado de próprio punho, certificado pelos testemunhos de Xavier Wicchers e Carlos Carrillo.

Não possuía bens materiais. A casa onde vivia teve que ser vendida para custear o custo de suas viagens e sua modesta subsistência. Nenhum objeto de valor material; nada que o prendesse aos interesses mutáveis e perecíveis dessa terra. Seu legado se resumia a seus "livros, panfletos, papéis, correspondência e outros documentos". Em um breve testamento - menos de meia página digitada, assinada por ele e pelas mesmas testemunhas -, ele pediu que "sua correspondência privada, trocada entre meus familiares e eu deveria ser incinerada." Essa disposição foi fielmente cumprida pelo engenheiro Anacleto González Flores, depositário de seus modestos pertences. Infelizmente, uma valiosa fonte de informações pessoais para um melhor conhecimento familiar de don Joaquín foi perdida.

Segunda-feira, 26 de abril. As últimas luzes do crepúsculo se dissipam entre a bruma da grande cidade. Os minutos passam ao longo da espera silenciosa. Um pequeno grupo de amigos acompanha o doente.

O idoso sacerdote estava prestes a deixar sua casa para se dirigir ao sanatório. Sua integridade e lucidez não permitiam que demonstrasse qualquer vacilação. O telefone tocou. Gloria Riestra ligava para ele de Tampico. Don Joaquín pegou o telefone; com voz firme, cumprimentou sua antiga discípula. Encorajou-a a continuar sem desanimar na luta árdua empreendida, a rejeitar qualquer fraqueza de ânimo, todo desalento frente aos adversários. Ele reiterou seu compromisso de fidelidade à causa sagrada da verdadeira Igreja. Com a graça de

Deus, seu sacrifício não seria em vão.

– Que se cumpra a vontade de Deus – respondeu o padre Sáenz às palavras de gratidão com as quais sua admirável colaboradora correspondeu às suas encorajadoras recomendações, ela, emocionada, pediu sua bênção. O sacerdote, com voz firme, pronunciou a frase consagrada: "*Benedicat vos omnipotens Deus. Pater, et Fílius, et Spiritus Sanctus. Amén.*"

Don Joaquín foi ao sanatório Santa Helena, localizado na rua Querétaro, número 56. Ele foi recluso no quarto 423.

Terça-feira, 27. Desde cedo, Anacleto González Flores, que se retirou para substituir sua esposa, e outros amigos do doente estavam atentos a ele. Este havia chamado, na véspera, o presbítero Moisés Ortega Rey. Don Carlos Carrillo, um exilado cubano cavalheiresco, devoto amigo do padre Sáenz, foi procurá-lo. Ambos chegaram ao sanatório às dez da manhã. O padre Ortega entrou sozinho no quarto de don Joaquín e administrou os sacramentos da Penitência e da Sagrada Eucaristia.

O Padre recebeu os Sacramentos com uma profunda alegria, transbordando de emoção. Ambos os ministros do Senhor se despediram "até a eternidade."[7]

A morte é o termo de um dia... – havia refletido no desenvolvimento de um sermão proferido em 29 de novembro do ano anterior – o dia passageiro, efêmero desta vida presente. Mas a morte é a aurora de outro dia para o crente, o dia da eternidade!

Monsenhor Vicente Torres, a pedido do jesuíta Enrique Torroella, em nome do padre Carlos Soltero, S.J., Provincial da Companhia de Jesus, escreveu sua própria versão do que aconteceu nos minutos anteriores à entrada de Don Joaquín na sala de cirurgia.

Ele diz que, por sua sugestão, fez com que o padre Sáenz Arriaga pedisse perdão a quem pudesse ter ofendido, algo que, condicionado às pessoas, reafirmava as palavras de seu *Testamento Espiritual*, ditado dois dias antes:

"Peço perdão a todos que de alguma forma possa ter ofendido e, de coração, perdoo a todos que possam ter me ofendido." Este ato espontâneo de humildade, longe de se opor, confirmava seu repúdio "contra o homem que, afastando-se da tradi-

[7] Carta original do padre Moisés Ortega Rey, dirigida ao autor.

ção milenar da Igreja, colocou em grave contingência a mesma Instituição."

A hora foi marcada e o doente ficou sob os cuidados do pessoal médico. Ao meio-dia, ele entrou na sala de operações. Os cirurgiões trabalharam por muito tempo em um campo invadido pelo câncer e enfraquecido pelas intervenções anteriores. Pouco restava a fazer para prolongar a vida dele.

Quarta-feira, 28. Sua missão na Terra estava terminada. Às 10 horas e 40 minutos, ele sofreu uma hemorragia que não pôde ser contida. Seu coração, extremamente fraco, parou de bater. Pleno de confiança na misericórdia divina, sua alma se separou da frágil envoltura corpórea para encontrar o Senhor.

O engenheiro González Flores foi informado do falecimento e, imediatamente, compareceu ao sanatório para assumir a situação. Do quarto número 423, os objetos pessoais do falecido sacerdote foram removidos.

O corpo foi transferido para uma funerária para ser velado.

Na capela mortuária, não faltaram missas de réquiem, celebradas por sacerdotes contrários ao *Novus Ordo Missae*.

A imprensa passou sem dar importância à notícia do falecimento do padre e doutor Joaquín Sáenz Arriaga. Seu *Testamento Espiritual* foi publicado e, nos dias seguintes, houve obituários e testemunhos de afeto, alguns deles vindos de países distantes:

"A vida do falecido padre será um exemplo para as gerações futuras", escreveram em uníssono as juventudes católicas de Roma, Buenos Aires, Paris; *Genitum Concordia Pro Ecclesia Catholica*, de Roma; a Associação San Pío V, de Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos; Vigília Romana, de Roma, Itália; os católicos pro Missa San Pío V, de Hawthorne, Austrália – nesta fase talvez pré-apocalíptica, por sua dedicação total à causa mais nobre a que o ser humano pode se dedicar:" *a defesa da fé católica em momentos críticos, quando as luzes daqueles que deveriam ser guias e faróis para o povo de Deus se apagam*."

De vários pontos da República Mexicana, chegaram às redações dos jornais, elogios inflamados ao apóstolo desaparecido: de Tampico, de Mérida, de Guadalajara, de Zacatecas, de Acapulco...

Na quinta-feira, 29 de abril, depois do meio-dia, os restos mortais do padre Sáenz receberam sepultura cristã no Pan-

teón Español, na mesma sepultura onde repousam os restos de doña Magdalena Arriaga de Sáenz, de quem Joaquín era filho predileto. O padre Moisés Carmona esteve presente e, entre os jovens, Rafael Vázquez adiantou-se para proferir uma despedida emocionante e vibrante, que resultou em promessa e afirmação de permanecer nos postos avançados na defesa do catolicismo.

Foi significativa, dias depois, a decisão de Monsenhor Tricarico, Delegado Apostólico da Santa Sé no México. Na capela da Delegação, foram celebradas nove missas do *Novus Ordo* – não poderiam ser outras em tal local – em sufrágio da alma do padre Sáenz Arriaga. Jantares, missas ou assembleias, tanto faz, para as quais foram especialmente convidados os familiares do falecido. Terminado o novenário, Monsenhor Tricarico perguntou pelos documentos e papéis do Padre, ao que uma sobrinha dele respondeu: “Peça aos inquisidores mexicanos, amigos de meu tio”

O presbítero e doutor Joaquín Sáenz Arriaga, como o Cid Campeador, ganhava uma batalha a mais, mesmo depois de morto.

Laus Deo Semper – Sempre Louvar a Deus

Pbro. Dr. Joaquín Sáenz y Arriaga
Maricopa 16 · México 18, D. F.
Tel.: 23-37-61

México, D.F., abril 25 de 1976.

Las presentes palabras constituyen mi testamento espiritual dirigido especialmente a todas aquellas personas que de un modo u otro han estado en contacto espiritual conmigo durante toda mi vida y en particular en el curso de mis actividades desarrolladas por la causa de Cristo y de la Iglesia.

Ante todo declaro que siempre he sido católico de corazón.- Que he amado al Primado de Cristo en la Tierra y si alguna vez alcé mi voz para protestar contra las desviaciones que en la Fé advertí, mi protesta fué contra el hombre que apartandose de la tradición milenaria de la Iglesia puso en gravísima contingencia la misma Institución Divina.-

Nunca he negado ni en mi corazón, ni en mis palabras la Doctrina Inmutable del Magisterio Eclesiastico.- Mi vida y todo lo más precioso que ella pudiera tener para mí la he sacrificado por Cristo, por la Iglesia y por el Papado.- Pido perdón a todos los que en cualquier modo haya ofendido y de corazón perdono a todos los que a mí me hallan podido ofender.- Que el último suspiro de mi alma sea el de nuestros Mártires Mexicanos: Viva Cristo Rey, Viva la Virgen de Guadalupe !

Pbro. y Dr. Joaquín Sáenz y Arriaga

Testigo

Testigo

Testamento original do Pe. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga, assinado de próprio punho e certificado pelas testemunhas Xavier Wiechers e Carlos Carrillo.

OBRAS DO AUTOR

Poesia

- Fluxo poético. Edições Saeta, Cidade do México, 1977. (Inclui: Ilusões. Editorial Polis, 1938. Recordações, 1938. Esperança, 1939. Tahosser, 1940. Horizontes interiores, Cidade do México, 1946. Esta ânsia moribunda, 1958. Poema taurino, 1976.)

Contos

- O retrato de Ovalito e outros oito contos. Editorial Patria, Cidade do México, 1959.

Estudos Literários

- Com a prosa da Nova Espanha. Editorial Patria, Cidade do México, 1968.

História

- História da ACIM, 1910–1925. 1ª edição: “De don Porfirio a Plutarco”, Editorial Jus, Cidade do México, 1958. 2ª edição: “A juventude católica e a Revolução Mexicana”. Editorial Jus, Cidade do México, 1963.
- História da ACIM, 1925–1931. 1ª edição: “México Cristero”, Editorial Patria, Cidade do México, 1960. 2ª edição, 1966.

Ensaios

- Palestra espiritual. Editorial Jus, Cidade do México, 1965.

Biografia

- Bernardo Bergoênd, S. J. Editorial Tradição, Cidade do México, 1972.
- Um jovem sem história. Editorial Tradição, Cidade do México, 1973.
- Excomungado! Trajetória e pensamento do Pro. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga, Cidade do México, 1980.

Polêmica

- Lança em riste diante dos ataques do progressismo marxista. Cidade do México, 1968.
- Os demolidores da Igreja no México. Edições Saeta, Cidade do México, 1972.
- Igreja Tina, Santa, Católica e Apostólica. Edições Saeta, Cidade do México, 1977.